



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens - meio urbano versus meio rural

Sónia Andreia Ramos Rodrigues

Orientadora

Professora Doutora Maria João Guardado Moreira

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social, realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria João Guardado Moreira, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Junho de 2014

Agradecimentos

O terminar deste percurso da minha vida significa a realização pessoal e profissional, sendo um caminho de ambivalências, um trajeto com algumas dificuldades, no entanto, os benefícios que retirei, superaram o lado difícil e exigente do mestrado.

A todos os que estiveram presentes ao longo da minha caminhada, amigos e família que tanto me apoiaram nos momentos bons, mas principalmente, nos momentos menos bons do meu mestrado, pelo carinho, disponibilidade e compreensão, mas também pelas chamadas de atenção, o meu mais sincero agradecimento.

Devo agradecer, primeiramente, à minha orientadora Professora Doutora Maria João Guardado Moreira, por ter aceitado ser minha orientadora, pela sua amabilidade, atenção e disponibilidade no auxílio que me deu ao longo da elaboração do trabalho de projeto.

Ao Mega Agrupamento de Escolas Ribeiro Sanches e S. Vicentes da Beira, em Alcains, e respetivos alunos pela disponibilidade na realização do pré-teste.

Às escolas, João Roiz de Castelo Branco e Externato Capitão Santiago de Carvalho, em Alpedrinha, por me ter permitido efetuar o estudo e por toda a disponibilidade e atenção dispensada, bem como as alunos, pois sem eles não teria sido possível a execução do trabalho.

Não podia deixar de agradecer à minha família que sempre esteve comigo, que caminhou ao meu lado e que sem dúvida me fizeram crescer, pelo incentivo prestado, obrigada pela compreensão, carinho e todo amor que me deram.

Obrigado a todos!

Resumo

O conceito de velhice tem sofrido alterações com o passar do tempo. De uma imagem em que o idoso era extremamente respeitado, alguém que possuía sabedoria, respeitado e lhe era reconhecida autoridade, passou a ser visto como inutilidade, pois deixava de ter capacidade de produzir. É então, que se enaltecem os jovens, colocando à margem todas as potencialidades da pessoa idosa. Assim, a concepção de velhice nunca mais voltou a ser tão positiva, como a que era no século XVII. A sociedade persiste em olhar para as pessoas mais velhas com estereótipos, que são fruto do desconhecimento do processo de envelhecimento, e que têm repercussões negativas, tanto para os idosos como para quem lida com eles.

Neste sentido, e reconhecendo a importância e os benefícios que as relações intergeracionais apresentam, torna-se importante saber de que forma as nossas crianças/jovens representam a velhice. Assim, o estudo realizou-se em dois meios diferentes, Alpedrinha e Castelo Branco, e contou com a participação dos alunos de 5º, 7º e 9º anos, com idades entre os 9 e os 17 anos, o que perfaz uma amostra de 387 educandos. Este estudo, como objetivo o conhecimento da imagem que têm sobre a velhice, despertar as escolas para a importância da educação intergeracional e promover o convívio entre gerações.

Os resultados apontam, no geral, para uma imagem positiva dos idosos, tanto em meio rural como urbano, embora persistam alguns estereótipos, que é necessário desconstruir, nomeadamente no que respeita às questões do regresso ao estudo por parte dos idosos, ao uso das tecnologias e ao trabalho. A desconstrução destes estereótipos poderá ser feita através do trabalho em conjunto com as escolas, comunidade e incentivando as relações entre gerações.

Além de saberem indicar quais as principais perdas na velhice, a grande maioria dos alunos caracteriza as pessoas idosas pelo seu aspeto físico, a mobilidade e usos de auxiliares, como os óculos ou bengalas. Quanto às características emocionais e sociais, os educandos descrevem os idosos de forma positiva, como sendo pessoas com sabedoria e que devem ser respeitadas, de agradável convivência, alegres e que são muito importantes. Reconhecem a importância da experiência de vida e sabedoria e, por isso, consideram que devem conviver com crianças/jovens e que este convívio traz benefícios, para ambas as gerações, ao mesmo tempo que admitem existir uma aprendizagem mútua nesta relação.

Apesar de identificarem a importância da educação sobre o envelhecimento e da relação entre gerações, os alunos referem que, em geral, as escolas não realizam atividades intergeracionais. Contudo, os alunos de meio rural mencionam que às vezes a escola incentiva ou promove visitas a lares ou centros de dia, ao passo que, os de meio urbano referem que não ou apenas às vezes.

Palavras-chave: Representação social; velhice; intergeracionalidade; educação intergeracional.

Abstract

The concept of aging has been changed over time. An image in which the elderly was highly respected, someone who possessed wisdom, it was respected and recognized authority, has come to be seen as useless as it no longer had the capacity to produce. It is then, that if the young uplift, putting the margin the full potential of the elderly. Thus, the design of old age never again be as positive as it was in the seventeenth century. The company keeps on looking at older people with stereotypes, which are the result of ignorance of the aging process, and have negative repercussions, both for the elderly and for those who deal with them.

In this sense, and recognizing the importance and the benefits that have intergenerational relationships, it becomes important to know how our children / young people represent old age. The study was performed in two different ways, Alpedrinha and White Castle, and included the participation of students in 5th, 7th and 9th grades, aged 8 to 17 years, which amounts to a sample of 387 students. This study is aimed at understanding the image you have about old age, Wake schools of the importance of intergenerational education and promote interaction between generation.

The results indicate, in general, to a positive image of the elderly in both rural and urban areas, although there remain some stereotypes that are necessary to deconstruct, in particular with regard to the issues of return to the study by the elderly, the use of technologies and work. The deconstruction of these stereotypes can be done by working together with schools, community and fostering relations between generations.

In addition to knowing which indicate major loss in old age, the vast majority of students featuring older people by their physical appearance, mobility and ancillary uses. As for the emotional and social characteristics, the students describe the elderly in a positive way, as people with wisdom and that should be respected, nice living, cheerful and are very important. Recognize the importance of life experience and wisdom, and therefore consider that they should live with children / young people and that this interaction is beneficial for both generations while admitting there is a mutual learning in this relationship.

Although identifying the importance of education on aging and the relationship between generations, students reported that, in general, schools do not perform intergenerational activities. However, students from rural mention that sometimes the school encourages or promotes visits to nursing homes or day centers, while the urban middle that do not relate or just sometimes.

Keywords

Social representation; old age; intergenerationality; intergenerational education

Índice geral

Agradecimentos	III
Resumo	V
Palavras-chave:	VI
Abstract	VII
Keywords	VII
Índice geral	IX
Índice de gráficos	XI
Lista de tabelas	XV
Lista de Apêndice	XVI
Lista de Anexos.....	XVII
Introdução.....	1
I. REVISÃO DA LITERATURA	4
1. Construção social da velhice	4
2. Representação Social da velhice - crianças/jovens.....	9
2.1. O conceito de Representação Social	9
2.2. Estudos sobre a representação social das crianças/jovens acerca da velhice e relações intergeracionais.....	10
3. Relações intergeracionais e programas de promoção de convívio entre gerações.....	17
4. A importância da educação na promoção das relações intergeracionais	25
II. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO.....	30
1. Objetivos do estudo	30
2. Método	31
3. Caracterização da amostra.....	33
4. Resultados	35
5. Discussão dos resultados.....	62
III. PROJETO DE INTERVENÇÃO	69
Conclusão	76
Referências Bibliográficas	79

Apêndice A	82
Anexo A	88
Anexo B	89

Índice de gráficos

Gráfico1: Idade 5ºano ECSC

Gráfico2: Idade 5ºano EJRCB

Gráfico3: Idade 7ºano ECSC

Gráfico4: Idade 7ºano EJRCB

Gráfico 5: Idade 9ºano ECSC

Gráfico 6: Idade 9ºano EJRC

Gráfico 7: Idade da pessoa Idosa 5ºano ECSC

Gráfico 8: Idade da pessoa Idosa 5ºano EJRCB

Gráfico 9: Idade da pessoa Idosa 7ºano ECSC

Gráfico 10: Idade da pessoa Idosa 7ºano EJRCB

Gráfico 11: Idade da pessoa Idosa 9ºano ECSC

Gráfico 12: Idade da pessoa Idosa 9ºano EJRCB

Gráfico 13: Caracterização dos idosos 5ºano ECSC

Gráfico 14: Caracterização dos idosos 5ºano EJRCB

Gráfico 15: Caracterização dos idosos 7ºano ECSC

Gráfico 16: Caracterização dos idosos 7ºano EJRCB

Gráfico 17: Caracterização dos idosos 9ºano ECSC

Gráfico 18: Caracterização dos idosos 9ºano EJRCB

Gráfico 19: Idosos e outras classes etárias 5ºano ECSC

Gráfico 20: Idosos e outras classes etárias 5ºano EJRCB

Gráfico 21: Idosos e outras classes etárias 7ºano ECSC

Gráfico 22: Idosos e outras classes etárias 7ºano EJRCB

Gráfico 23: Idosos e outras classes etárias 9ºano ECSC

Gráfico 24: Idosos e outras classes etárias 9ºano EJRCB

Gráfico 25: Perdas na velhice 5ºano ECSC

Gráfico 26: Perdas na velhice 5ºano EJRCB

Gráfico 27: Perdas na velhice 7ºano ECSC

Gráfico 28: Perdas na velhice 7ºano EJRCB

Gráfico 29: Perdas na velhice 9ºano ECSC

Gráfico 30: Perdas na velhice 9ºano EJRCB

Gráfico 31: Como são encarados os idosos 5ºano ECSC

Gráfico 32: Como são encarados os idosos 5ºano EJRCB

Gráfico 33: Como são encarados os idosos 7ºano ECSC

Gráfico 34: Como são encarados os idosos 7º ano EJRCB

Gráfico 35: Como são encarados os idosos 9ºano ECSC

Gráfico 36: Como são encarados os idosos 9ºano EJRCB

Gráfico 37: Comportamento perante os idosos 5ºano ECSC

Gráfico 38: Comportamento perante os idosos 5ºano EJRCB

Gráfico 39: Comportamento perante os idosos 7ºano ECSC

Gráfico 40: Comportamento perante os idosos 7ºano EJRCB

Gráfico 41: Comportamento perante os idosos 9ºano ECSC

Gráfico 42: Comportamento perante os idosos 9ºano EJRCB

Gráfico 43: Gosto em estar com idosos 5ºano ECSC

Gráfico 44: Gosto em estar com idosos 5ºano EJRCB

Gráfico 45: Gosto em estar com idosos 7ºano ECSC

Gráfico 46: Gosto em estar com idosos 7ºano EJRCB

Gráfico 47: Gosto em estar com idosos 9ºano ECSC

Gráfico 48: Gosto em estar com idosos 9ºano EJRCB

Gráfico 49: Costumas estar com idosos? 5ºano ECSC

Gráfico 50: Costumas estar com idosos? 5ºano EJRCB

Gráfico 51: Costumas estar com idosos? 7ºano ECSC

Gráfico 52: Costumas estar com idosos?7ºano EJRCB

Gráfico 53: Costumas estar com idosos? 9ºano ECSC

Gráfico 54: Costumas estar com idosos? 9ºano EJRCB

Gráfico 55: Idosos com crianças/jovens 5ºano ECSC

Gráfico 56: Idosos com crianças/jovens 5ºano EJRCB

Gráfico 57: Idosos com crianças 7ºano ECSC

Gráfico 58: Idosos com crianças 7ºano EJRCB

Gráfico 59: Idosos com crianças/jovens 9ºano ECSC

Gráfico 60: Idosos com crianças/jovens 9ºano EJRCB

Gráfico 61: Isolamento dos idosos 5ºano ECSC

Gráfico 62: Isolamento dos idosos 5ºano EJRCB

Gráfico 63: Isolamento dos idosos 7ºano ECSC

Gráfico 64: Isolamento idosos 7º ano EJRCB

Gráfico 65: Isolamento dos idosos 9ºano ECSC

Gráfico 66: Combate ao isolamento dos idosos 9ºano EJRCB

Gráfico 67: Os mais velhos apaixonam-se? 5ºano ECSC

Gráfico 68: Os mais velhos apaixonam-se? 5ºano EJRCB

Gráfico 69: Os mais velhos apaixonam-se? 7ºano ECSC

Gráfico 70: Os mais velhos apaixonam-se? 7ºano EJRCB

Gráfico 71: Os mais velhos apaixonam-se? 9ºano ECSC

Gráfico 72: Os mais velhos apaixonam-se? 9ºano EJRCB

Gráfico 73: Relações amorosas nos idosos 5ºano ECSC

Gráfico 74: Relações amorosas nos idosos 5ºano EJRCB

Gráfico 75: Relações amorosas nos idosos 7ºano ECSC

Gráfico 76: Relações amorosas nos idosos 7ºano EJRCB

Gráfico 77: Relações amorosas nos idosos 9ºano ECSC

Gráfico 78: Relações amorosas nos idosos 9ºano EJRCB

Gráfico 79: Viver com os avós 5ºano ECSC

Gráfico 80: Viver com os avós 5ºano EJRCB

Gráfico 81: Viver com os avós 7ºano ECSC

Gráfico 82: Viver com os avós 7ºano EJRCB

Gráfico 83: Viver com os avós 9ºano ECSC

Gráfico 84: Viver com os avós 9ºano EJRCB

Gráfico 79: Papel dos avós 5ºano ECSC

Gráfico 80: Papel dos avós 5ºano EJRCB

Gráfico 81: Papel dos avós 7ºano ECSC

Gráfico 82: Papel dos avós 7ºano EJRCB

Gráfico 83: Papel dos avós 9ºano ECSC

Gráfico 84: Papel dos avós 9ºano EJRCB

Gráfico 85: Atividades intergeracionais 5ºano ECSC

Gráfico 86: Atividades intergeracionais 5ºano EJRCB

Gráfico 87: Atividades intergeracionais 7ºano ECSC

Gráfico 88: Atividades intergeracionais 7ºano EJRCB

Gráfico 89: Atividades intergeracionais 9ºano ECSC

Gráfico 90: Atividades intergeracionais 9ºano EJRCB

Gráfico 91: Visitas a idosos pela escola 5ºano ECSC

Gráfico 92: Visitas a idosos pela escola 5ºano EJRCB

Gráfico 93: Visitas a idosos 7ºano ECSC

Gráfico 94: Visitas a idosos 7ºano EJRCB

Gráfico 95: Visitas a idosos 9ºano ECSC

Gráfico 96: Visitas a idosos 9ºano EJRCB

Lista de tabelas

Tabela 1: Sexo dos alunos

Tabela 2: Função social dos idosos de transmissão de conhecimentos

Tabela 3: Características das pessoas mais velhas

Tabela 4: Os mais velhos estão capacitados pra mexerem em telemóveis/computadores?

Tabela 5: Os mais velhos devem estudar?

Tabela 6: Os mais velhos devem trabalhar?

Tabela 7: Quotidiano dos idosos

Tabela 8: Pensas que os mais velhos devem conviver com as crianças/jovens?

Tabela 9: Consideras que quando estás com pessoas mais velhas:

Tabela 10: Pensas que os idosos ao transmitirem os seus conhecimentos podem contribuir para que repensem as suas experiências passadas?

Tabela 11: Atividades que as crianças/jovens gostariam de desenvolver com os idosos

Tabela 12: Sentimentos das crianças/jovens acerca da troca de beijinhos e carinhos entre idosos

Tabela 13: Descrição dos avós

Tabela 14: Importância da educação sobre o envelhecimento

Tabela 15: Imaginar a velhice

Lista de Apêndice

Apêndice A: Questionário - “O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens
- meio urbano versus meio rural”

Lista de Anexos

Anexo A: Autorização da escola - Externato capitão Santiago de Carvalho

Anexo B: Autorização do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Introdução

A população idosa tende a crescer, contrariamente à população mais jovem, que tem vindo a diminuir. A esperança média de vida aumentou, o que traduz as melhorias nas condições de vida e os avanços na medicina.

Num país envelhecido, importa saber integrar os mais velhos, reconhecendo todas as suas potencialidades. No entanto, tem-se verificado, que associados á terceira idade, estão por vezes, representações e imagens carregadas de estereótipos/mitos, produzidos, por um lado, pelo desconhecimento do processo de envelhecer, por outro, por uma sociedade que apenas valoriza quem tem capacidade de produzir, enaltecendo assim a população ativa, e encarando os idosos como um peso. É necessário contrariar esta imagem mais negativa que se associa ao ser velho, é fundamental demonstrar que ser velho não é sinónimo de inutilidade, mas antes que eles possuem uma sabedoria e experiência de vida, com os quais se pode aprender. Tal como afirmam Palmeirão e Menezes (2012:121), contrariar a ideia de que os idosos são pessoas doentes torna-se num desafio crescente nas sociedades atuais.

Portanto, é preciso gerar novas oportunidades de partilha e cooperação intergeracional mas, para isso, é necessário gerar atitudes positivas de forma a destruir velhos preconceitos e assim derrubar os obstáculos de comunicação entre as diferentes gerações.

De forma, a construir estes espaços de partilha e cooperação intergeracional, é necessário também perceber de que forma as crianças/jovens representam a velhice, e neste sentido, perceber o melhor caminho a seguir, de forma a desconstruir ideias erradas que possam estar na base dos preconceitos.

Segundo Marangoni (2007:23), os programas intergeracionais emergem como alternativa no sentido de promover uma visão mais positiva da velhice por meio de experiências de integração entre gerações. Henkin (1997) e Ward (1997), citados por Marangoni (2007:23) apontam que o movimento intergeracional supera o debate da segregação etária e o preconceito em relação à velhice e alcança outras finalidades, colaborando para a minimização de problemas sociais, como por exemplo o uso de drogas e a violência juvenil.

Para além dos programas intergeracionais, a existência da educação intergeracional é extremamente importante, sendo que, para se conseguir mudar estereótipos, é preciso mudar as imagens proveniente nos livros escolares, introduzir nas escolas atividades que integrem idosos e crianças/jovens e, se possível, a comunidade. Trabalhar com as crianças/jovens desde cedo ajuda a que, por um lado, se crie gerações que respeitam os idosos, os encaram pelas suas potencialidade, adotando posturas positivas em relação à velhice e, por outro lado, ajuda a que planeiam a sua entrada na velhice de forma mais saudável, pensando num envelhecimento bem-sucedido.

Com o intuito de conhecer as representações sociais, imagem, que as crianças/jovens têm em relação à velhice, foi realizado um estudo de natureza quantitativa, por meio de um questionário fechado, para perceber se a imagem se altera conforme as escolas e os diferentes meios em que estão inseridos. Assim, o presente trabalho foi desenvolvido em Alpedrinha, no Externato Capitão Santiago de Carvalho, e em Castelo Branco, no Mega Agrupamento Amato Lusitano – Escola João Roiz de Castelo Branco, aos alunos pertencentes ao 5º, 7º e 9º anos. Este estudo, surge da importância de as crianças/jovens conhecerem o processo de envelhecimento, nos seus vários aspetos, visto que eles serão os futuros cuidadores, e muitos já podem cuidar de idosos; da importância e benefícios que o convívio intergeracional acarreta, tanto para as pessoas mais velhas como para os mais novos; incutir nas escolas a importância da abordagem ao envelhecimento e realização de atividades intergeracionais, uma vez que é uma prática pouco vista. Por último, a realização deste trabalho de projeto, surge ainda, da nossa participação num projeto de voluntariado com alunos 4º e 5º ano, na Escola João Roiz de Castelo Branco, que se realizou em Janeiro e Fevereiro de 2013, onde os educandos tinham de escolher uma população alvo para desenvolverem um projeto de voluntariado. Os alunos, decidiram efetuar este projeto junto dos idosos da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco. Pude observar a satisfação tanto dos alunos como das pessoas mais velhas, o que me motivou e suscitou interesse pelo desenvolvimento de um estudo em que fosse possível colocar em interação as duas gerações.

Neste sentido, o projeto “ O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens – meio urbano versus meio rural”, apresenta como objetivos conhecer a representação que as crianças/jovens têm dos mais velhos e se esta representação é marcada pela presença de estereótipos; saber se possuem contacto com os mais velhos e se reconhecem a importância e benefícios deste contacto; aproximar gerações, integrando socialmente os mais velhos; ter conhecimento se as crianças/jovens consideram importante a educação sobre os diversos aspetos do envelhecimento e se as respetivas escolas os incentivam e promovem o convívio intergeracional e ainda saber de que forma as crianças/jovens imaginam a sua velhice.

O presente trabalho divide-se em três grandes capítulos: I – Revisão da Literatura, II – Metodologia da investigação e III – Projeto de Intervenção. A primeira parte do trabalho está organizada em quatro tópicos principais. O primeiro diz respeito aos estudos encontrados acerca da construção social da velhice, onde se pretende mostrar a evolução que o conceito de velhice sofreu e analisar os mitos/estereótipos que se associam aos idosos. O segundo ponto refere-se às representações sociais da velhice por parte das crianças/jovens, em que se apresenta o conceito de representação social, seguido de estudos já realizados sobre a imagem que crianças/jovens têm dos idosos, bem como de pesquisas que abordam as relações intergeracionais, tendo em conta os seus benefícios. Como forma de encerrar o

Capítulo I, referimos a importância da educação na promoção das relações intergeracionais.

O capítulo II respeita ao estudo realizado com os alunos, onde se começa por elencar as motivações e objetivos do estudo, o método utilizado, a caracterização da amostra, apresentação dos resultados e respetiva discussão.

O capítulo III diz respeito ao projeto de intervenção, elaborado com base no estudo efetuado. Este seria promovido pela mestranda em parceria com as escolas do estudo bem como as direções de lares e centros de dia, com o apoio da Junta de Freguesia de Alpedrinha e Câmara Municipal de Castelo Branco, para disponibilização de meios de transporte

I. REVISÃO DA LITERATURA

1. Construção social da velhice

A conceção de velhice tem sofrido várias alterações quer no nível social quer no cultural. Assim, no século XVII, a pessoa com mais de 40 anos era considerada velha e a conceção variava conforme o género, neste sentido o homem possuía atributos de ordem moral e a mulher relacionados com o aspeto físico e postura do corpo, Bordelais (1993, citado por Teiga 2012:16) defende que a velhice estava associada ao novo testamento e era considerada como o tempo privilegiado da reforma espiritual e na preparação para a morte. Já no século XVIII concebe-se uma nova imagem da velhice, associando-a a expressões positivas como a simpatia e a sabedoria, estando presente o respeito e a legitimação da autoridade, os avós ganharam um novo estatuto na família e eram considerados como educadores com gosto pela história e por tudo o que era extraordinário. A revolução industrial do século XIX acarreta novas transformações, contradizendo a representação de velhice tida no século anterior. Neste sentido, a velhice passou a ser encarada pelo seu lado negativo enaltecendo os jovens como os únicos capazes de produzir, destituindo o poder aos mais velhos. Nesta altura, sentem-se os impactos negativos da população envelhecida, devido ao êxodo rural e à necessidade de classes operárias ativas, pois os mais velhos encontravam-se sem rendimentos próprios e desprovidos de proteção familiar, sendo muitas vezes encaminhados para instituições, formando-se uma ideia de inutilidade dos mais velhos, incapazes de produzir para a sociedade (Teiga 2012:16).

A imagem criada em volta dos idosos não voltou a ser tão positiva como a que já havia sido, continuando a persistir o lado negativo do processo de envelhecimento, colocando à margem todo um lado positivo da velhice. Surge assim a necessidade de desmontar esta ideia errada de inutilidade dos idosos. Numa perspetiva de combate à imagem negativa dos mais velhos organizou-se em 2002 a 2ª Assembleia Mundial sobre do Envelhecimento em Madrid, onde se pretendeu apresentar uma nova imagem sobre a velhice, baseada num envelhecimento produtivo, com o intuito de integrar as pessoas mais velhas na sociedade, prevendo-se a sua capacitação para uma atuação plena e eficaz na vida económica, política e social, por meio do trabalho remunerado ou voluntariado. Constitui-se ainda como objetivos conceber a pessoa idosa como participativa e contribuinte, ao invés de dependente, diminuir as atitudes discriminatórias em relação aos mais velhos e fomentar a solidariedade intergeracional na família e na sociedade (Mauritti 2004:341).

Mais precisamente, do Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, 2002, surgiram 3 prioridades, aplicadas pelos governos, “as pessoas idosas e o desenvolvimento”, onde se devia assegurar a integração e reforçar a capacidade de agir das pessoas idosas, sendo para isso necessário que lhes seja permitido participar

ativamente na sociedade, no desenvolvimento e na população ativa, envolver os idosos nas tomadas de decisão, criar oportunidades de emprego, melhorar as condições de vida e as infraestruturas nas zonas rurais. Foi definido que até 2015, se deveria alcançar uma melhoria de 50% na alfabetização de adultos. Destaca-se uma recomendação apresentada, a do reforço da solidariedade entre gerações. A segunda prioridade designa-se de “promover a saúde e o bem-estar na velhice”, reduzir os fatores que contribuem para as doenças e diminuir a dependência na velhice, assegurar uma nutrição adequada, entre outras. Já a terceira prioridade diz respeito ao “assegurar um ambiente propício e favorável”, onde se pretendia, por exemplo, melhorar as habitações e as condições em que vivem as pessoas, promover uma visão positiva do envelhecimento e sensibilizar a população para a importância da contribuição dos idosos. (Centro de Informações das Nações Unidas em Portugal, s.d.:4).

Atualmente, fala-se na existência de uma duplicidade de perspetivas no que respeita à velhice, isto é, existem duas visões relativas à velhice: uma perspetiva negativa e outra positiva. Neste sentido a visão negativa associa a velhice à morte e acentua-se como uma fase última da vida do homem, uma fase em que o homem desiste dos projetos do futuro. Isto significa que os sinais de deterioração física (cansaço, perda de memória ou diminuição da mobilidade e das capacidades de audição e visão) se impõem sobre tudo o resto. Outros fatores contribuem para esta visão negativa da velhice, como a questão do isolamento ou solidão social, como efeito da reforma ou do afastamento de amigos e companheiros. Por outro lado, a visão positiva da velhice associa-a ao privilégio de chegar a idades mais avançadas. A velhice para além das questões de saúde que traz consigo, é também considerada a altura na vida em que é possível concretizar os sonhos que tinham ficado para trás (Rosa, 2012:21).

Lopes (2006:76) vem reforçar a dualidade das imagens acerca da velhice, afirmando que a imagem positiva da velhice está associada a velhos que procuram manter o controlo sobre o seu corpo e uma relativa juventude, são ativos e estão dispostos a realizar sonhos e satisfazer os seus desejos. Por outro lado, coexiste uma imagem negativa associada à velhice pobre, doente, solitária, assexuada e abandonada à sua sorte, são idosos que lutam com dificuldades para tentar manter um nível de vida capaz de lhes assegurar a sobrevivência necessária entre medicamentos e alimentação, ou ainda velhos que não sentem ou não tiveram em condições de lutar por uma velhice mais agradável ou menos sofrida. Debert (1999, citado por Lopes 2006:75) chamou a estas duas visões de um duplo movimento de transformação da velhice numa preocupação social. Se por um lado a velhice é socializada e se torna objeto de preocupação e intervenção por parte do Estado e instituições, estando relacionada com a etapa da vida de decadência física e perda de papéis sociais. Por outro, está o processo de “reprivatização da velhice”, no qual a responsabilidade sobre o velho em que se transformará é totalmente atribuída ao indivíduo, de acordo com esta perspetiva a velhice pode ser gratificante.

Apesar dos esforços realizados no sentido de desmontar as ideias erróneas em volta do envelhecimento, da existência destas duas formas de olhar para os idosos, são muitos os mitos e estereótipos que persistem em torno do processo de envelhecimento. Martins e Rodrigues (s.d.252) afirmam que um mito é uma construção que não se baseia na realidade e por essa razão constitui uma representação simbólica, pode ainda traduzir um conjunto de expressões feitas que se mantêm relativamente aos idosos.

A Organização Mundial de Saúde (Silva 2011:53) no âmbito das comemorações do Ano Internacional das Pessoas Idosas referiu ser essencial que os idosos continuem a ter um papel ativo na sociedade, de forma a abranger todas as dimensões da vida (física, mental, social e espiritual). A Organização Mundial de Saúde realçou o facto de os idosos serem um exemplo na participação na sociedade, e que viver num mundo envelhecido obriga a: “ I) reconhecer que as pessoas idosas são um recurso precioso e a combater a discriminação exercida sobre as pessoas idosas; II) permitir às pessoas idosas participar ativamente no processo de desenvolvimento; III) assegurar às pessoas idosas cuidados de saúde satisfatórios e promover a sua saúde; IV promover a solidariedade entre gerações”. Por isso, considera ser imprescindível desmentir um conjunto de pensamentos erróneos acerca dos idosos. Foi neste sentido que enumerou alguns mitos associados ao envelhecimento, o primeiro refere que a maior parte das pessoas idosas vive em países industrializados, esta afirmação é errónea pois cerca de 60% vive em países em desenvolvimento. Um segundo mito associado é o facto de as pessoas serem todas iguais, sabe-se que não é verdade na medida em que os idosos se apresentam como um grupo bastante heterogéneo, envelhecendo de modo diferente devido a diversos fatores como o sexo, o género, a pertença étnica e cultural, o meio onde está inserido e a experiência de vida. Um terceiro mito refere que homens e mulheres envelhecem da mesma forma, esta ideia está errada pois ambos envelhecem de forma diferente devido a fatores biológicos uma vez que as mulheres são mais resistentes, à elevada mortalidade masculina, maior longevidade feminina e ao tipo de morbilidade. É apontado um quarto mito de que os idosos são frágeis, esta afirmação é falsa visto que a maioria dos idosos mantêm uma boa saúde, isto é, conseguem manter uma boa capacidade funcional. Por fim, o quinto mito ligado ao envelhecimento diz que as pessoas idosas não têm nada para dar, mito que surge ligado à sobrevalorização do trabalho remunerado, esquecendo-se de equacionar o trabalho de voluntariado que os idosos podem desempenhar (Silva 2011:53).

Já o estereótipo é definido por Castro (1999, citado por Martins e Rodrigues sd:249) como uma imagem simplificada sobre uma categoria, pessoas ou acontecimentos, partilhada por um grande número de pessoas. Pode dizer-se que os estereótipos são como que um molde de um grupo, retirando a individualidade de cada ser humano, apagando todo um percurso de vida e experiências vividas na medida em que coloca todos num mesmo patamar, sem reconhecer as particularidades.

Desta forma, Ivo (2008:101) defende que os estereótipos são generalizações que podem ser “abusivas”, na medida em que se são aplicadas de forma uniforme a todos os membros de um grupo, admitindo poucas exceções; “extremas”, atribuídas de forma relativa e muito indolente, e normalmente são mais “negativas” do que positivas.

Oliveira (s.d., citado por Ivo 2008:101) também refere algumas das características mais apontadas aos idosos, que podem ser preconceitos ou estereótipos, sendo elas a crise de identidade criada pelo idoso e pela sociedade; a diminuição da autoestima; a dificuldade em adaptar-se a novos papéis e lugares bem como a mudanças rápidas e profundas; a falta de motivação para planejar o futuro; atitudes infantis; os complexos dada a diminuição da libido e do exercício da sexualidade; uma tendência à depressão, à hipocondria ou somatização e mesmo tentações de suicídio; o surgimento de novos medos, como o medo do incómodo ou da solidão; a diminuição das faculdades mentais, sobretudo da memória e problemas a nível cognitivo, conativo e motivacional, afetivo e “personológico”.

Num estudo realizado na Université de Montreal por Champagne e Frennet foram identificados catorze estereótipos mais frequentes no que respeita aos idosos: os idosos não são sociáveis e não gostam de se reunir, contudo divertem-se e gostam de rir; gostam de jogar às cartas, outros jogos, conversar e contar as suas recordações; gostam do apoio dos filhos; são pessoas doentes que tomam muita medicação; não se preocupam com a sua aparência; são muito religiosas e praticantes; são muito sensíveis, inseguros e temem o futuro; não se interessam pela sexualidade; são frágeis para fazerem exercício físico e são na grande maioria pobres (Martins e Rodrigues, s.d:251).

Palmeirão e Menezes (2012:120) também não deixaram de fazer referência aos estereótipos mais aceites em relação às pessoas idosas, estes dizem respeito ao facto de a pessoa idosa experimentar uma deterioração profunda de competências intelectuais e de serem pouco atrativas, são infelizes e não podem participar em atividades físicas.

Em oposição a estas visões negativas das pessoas mais velhas, Simões (citado por Ivo, 2008: 106) faz referência a um estudo no qual um dos objetivos era conhecer estereótipos relacionados com os idosos. A amostra era composta por 100 educandos dos Centros de Educação Básica para Adultos do concelho de Coimbra. A imagem estereotipada do idoso, que emergiu do referido estudo, é positiva, traduzida no indivíduo de convivência agradável e com grande experiência de vida; de ideias muito diferentes dos jovens (mas sem que possa dizer-se que há dificuldade por parte dos idosos em entender os jovens); prudente e com orientação temporal no sentido do passado e indivíduo religioso.

É fundamental esclarecer que estes estereótipos e mitos que se atribuem aos idosos têm sequelas na sua forma de viver e no modo como a sociedade olha para a pessoa idosa. De acordo com Martins e Rodrigues (s.d:250), a nível social, a

valorização que é atribuída aos estereótipos acerca dos idosos “projeta sobre a velhice uma representação social gerontofóbica”, que contribui para a imagem que os idosos possuem de si mesmos, bem como das condições e circunstâncias que envolvem a velhice, e pela perturbação que causam, na medida em que negam o processo de desenvolvimento.

Os mitos e estereótipos atribuídos à velhice, para além de serem fruto de um desconhecimento acerca do envelhecimento, causam também perturbação nos próprios idosos, pois levam-nos a negar o seu processo de crescimento e ao mesmo tempo impede-os de reconhecerem as suas potencialidades, de procurarem soluções precisas para os seus problemas e de encontrarem medidas adequadas (Martins e Rodrigues, s.d:252). Ou seja, muitas vezes sem se ter conhecimento acerca do processo de envelhecimento continua-se a utilizar estereótipos ou mitos que não correspondem à realidade, sem se ter a noção de que estes poderão ter efeitos negativos no grupo alvo, neste caso os idosos, os estereótipos fazem com que os mais velhos se reconheçam neles e recusem procurar mudar estas visões mais negativas da velhice, afastando a busca de novos horizontes, e conformando-se com a imagem que a sociedade tem deles.

Pratt e Norris (1994, citado por Brandão et al s.d:101) sublinham que a forma como a sociedade comunica com o idoso produz um forte impacto no uso da linguagem pelo mesmo. Também Veloz e Camargo (1999, citado por Brandão et al, s.d:101) afirmam que se a imagem da velhice for sustentada com base no declínio, tal irá ter consequências negativas não só para os próprios idosos perante o envelhecimento, mas também para aqueles que ainda não entraram neste ciclo de vida. Isto significa que, a imagem em que a velhice é sustentada, irá repercutir-se na forma como o idoso encara o envelhecimento e na forma como os outros o encaram.

Beauvoir (1990, citado por Lopes 2006:73) sublinha que a condição de velho tal como a representação que a sociedade tem dele não depende apenas do seu destino biológico mas também do seu contexto social, assim o estatuto de velho e de velhice, que se reflete no modo como são tratados, resultam não só das circunstâncias materiais em que cada sociedade vive mas também do seu sistema de valores e crenças “O estatuto de velho nunca é conquistado por ele, mas lhe é outorgado”, tal citação permite ilustrar claramente que o sujeito não adquire o estatuto de velho pela sua vontade ou pela evolução natural do ser humano, mas antes pela sociedade que o rodeia, carregada de valores, crenças e que atribui mais valor aos bens produzidos do que a toda uma experiência de vida.

Apesar da existência dos estereótipos e mitos que rodeiam o envelhecimento e das suas consequências, poderá existir uma possibilidade para estes serem revistos tal como defende Debert (1995, citado por Lopes 2006:75) que nos alerta para a existência de uma tendência contemporânea para que os estereótipos associados à velhice sejam revistos. A autora defende que a ideia das perdas da velhice vive um processo de substituição passando a ter lugar a ideia de que a velhice pode ser antes

uma etapa de prazer, conquistas e realização de sonhos que haviam ter sido colocados de lado no passado.

2. Representação Social da velhice - crianças/jovens

2.1. O conceito de Representação Social

A definição clássica de Jodelet (1985, citado por Spink 1993:1) defende que as representações sociais são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que se vive. Deste modo, são formas de conhecimento manifestadas através de elementos cognitivos como imagens, conceitos, categorias ou teorias, elaboradas e partilhadas socialmente e que vão contribuir para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação.

Moscovici (citado por Santos 2010:3) afirma que as representações sociais são caracterizadas como sistemas de valores, ideias e práticas com uma dupla função, a de convencionalizar o mundo e a de serem prescritivas. Deste modo as representações sociais possuem uma vida própria, comunicam entre si, esvaem-se para emergir sob novas representações. Para o mesmo autor, as representações sociais são uma rede de ideias, metáforas e imagens sociais mais fluidas do que as teorias. Moliner et al (2002:12) mencionam também Moscovici quando se referem às representações sociais, pois estas são um universo de opiniões inerentes a uma determinada cultura, classe social ou grupo relativamente a um objeto do mundo social: “les représentations sociales sont des “univers d’opinions” propres à une culture, une classe sociale ou une groupe et relatifs à des objects de l’environnement social.”

Moliner et al (2002:19) citam ainda Roussiau et Bonardi (2001) para reforçarem a definição de representação social “une représentation sociale est une organization d’opinions socialment construites relativement à une objet donné, résultant d’un ensemble de communications sociales, permettant de maitriser l’environnement et et de se l’approprier en fonction d’éléments symboliques propres à son ou ses groupes d’appartenance.” Em suma pode dizer-se que uma representação social é um “conjunto” de opiniões e ideias inerentes a uma cultura, ou um grupo, para melhor se entender o mundo social, são elaboradas e partilhadas e que permitem uma comunicação e compreensão do meio em que se vive. No entanto, estas representações têm de ser entendidas a partir do contexto em que foram produzidas.

A teoria das representações sociais devolve aos indivíduos a sua posição de sujeitos ativos, na medida em que os considera capazes de pensar e de elaborar as informações que lhe são apresentadas, gerando assim um conhecimento próprio

(Lopes 2006:54). Moscovici (1978) ressalta que as representações sociais tanto guiam o comportamento, quanto remodelam e constituem os elementos em que ele terá lugar, dando também sentido ao comportamento. Por outro lado, sendo elaboradas e partilhadas pelo grupo, as representações permitem o estabelecimento de uma linguagem comum e inteligível a todos, possibilitando desta forma a comunicação (Lopes 2006:56). Tal significa que as representações sociais modelam o comportamento do sujeito, contudo necessita de ser entendido pelo grupo.

2.2. Estudos sobre a representação social das crianças/jovens acerca da velhice e relações intergeracionais

A visão que se tem acerca da velhice tem-se vindo a transformar ao longo dos tempos, de uma imagem em que o idoso era visto como alguém que possuía sabedoria, vivências, valores, poder e respeito, com a revolução industrial, passou a ser discriminado, onde se privilegia a juventude, pois é ela que possui capacidade de produção. Colocados à margem da sociedade, por vezes desprovidos de proteção familiar e rendimentos próprios, foram colocados em instituições, pois ser velho seria o sinónimo de inutilidade. Perante esta realidade e mediante uma sociedade em que a população idosa tende a aumentar e a população ativa a diminuir, torna-se necessário entender quais são as visões, quais as representações que na atualidade as crianças/jovens possuem acerca da pessoa idosa. Será que o meio em que estão inseridas influencia ou não a imagem do idoso? Será que estas crianças/jovens encaram o idoso como alguém capaz de produzir ou se pelo contrário o olham como alguém inútil? Será ainda que as relações entre as crianças/jovens e os idosos são vantajosas?

Num país envelhecido, em que os idosos são cada vez mais em relação aos mais novos, é necessário perceber de que forma as crianças e jovens representam a velhice. Segundo Mazutti (2006, citado por Júnior et al, sd:3) a conceção das crianças acerca do viver e do envelhecimento relaciona-se diretamente com o que ocorre à sua volta, de acordo com o contexto onde está inserida. É no contexto do grupo familiar e das suas reações, que a criança inicia a construção da imagem acerca da velhice, podendo ser negativa ou positiva segundo a integração intergeracional estabelecida. O convívio das crianças com os avós tem sido uma prática mais frequente consequência do aumento da expectativa de vida dos idosos.

A relação entre criança-idoso, ou netos e avós, pode ser bastante prazerosa e enriquecedora, torna-se uma relação vantajosa na medida em que são transmitidas experiências e uma perspetiva histórica dos factos, já o idoso também pode aprender com o jovem e contribuir para o seu futuro (Araújo; Dias 2002; Herédia; Casara; Cortelletti, 2007, citado por Luchesi 2011:25).

No que diz respeito às relações de proximidade, deve-se sublinhar que as crianças reconhecem uma pessoa como sendo idosa pelo papel que esta desempenha perante si, pois num estudo realizado por Lopes e Park (2007:144) concluem que independentemente de as crianças viverem ou manterem contactos periódicos com os avós, não influencia a identificação de uma pessoa idosa. O corpo e a aparência física são meios que os seres humanos utilizam para se reconhecerem, estabelecer relações e comportamentos uns para com os outros. Featherstone (1998, citado por Lopes e Park 2007:144) chama a atenção para o facto de que a observação dos corpos é a base para julgamentos sobre o status e o valor dos outros, sendo o corpo humano uma entidade visível que desempenha um papel relevante na comunicação entre as pessoas. Conforme ressalta Magro (2003, citado por Lopes e Park 2007:144) as identidades etárias são construídas nas relações entre os grupos de idade, em que os diferentes corpos se encontram e dialogam entre si pelas percepções de diferenças físicas e comportamentais. Também as doenças e o morrer fazem parte da caracterização das pessoas idosas, fator visível através da descrição da utilização de muletas, bengalas, cadeiras de rodas, entre outras. No entanto, apesar de as crianças caracterizarem as pessoas mais velhas como possuidoras de doenças não significa que elas sejam segregadas ou inativas. Pelo contrário, as crianças afirmam que os idosos realizam diversas atividades, ao que elas designam “fazem um monte de coisas” (Lopes e Park, 2007:145).

Mazutti e Scortegagna (2006) realizaram um estudo com 16 crianças, dos 6 aos 7 anos, com o objetivo de conhecer as concepções dos pré-escolares acerca do envelhecimento humano e identificar os mitos e estereótipos relacionados com a velhice. Assim, no que respeita à experiência de vida, os autores puderam concluir que a criança através da sua convivência e diálogo com os avós, conhecem a sua história de vida, resgatando-a e aprendendo a valorizar a sua cultura e os seus valores. Ainda neste estudo, foi possível verificar que as crianças tendem a reproduzir o que observam e vivenciam no seu dia-a-dia, e que ao projetarem o seu futuro elas expressam querer dar continuidade ao que hoje observam ser as atividades desenvolvidas pelos seus avós. Quanto aos mitos e estereótipos relacionados com a velhice, concluíram que as crianças percebem a velhice como a última etapa do ciclo vital do ser humano, ao mesmo tempo que a reconhecem como um ciclo natural e irreversível. O estudo revela que a percepção da velhice é associada às doenças, fraqueza, fragilidade e, aliado a essas perdas, vem a negação e o medo das crianças dessa etapa da vida, uma vez que quando questionados se queriam chegar à velhice, a maioria relatou não querer ficar velho ou ter medo da velhice, em virtude das limitações que vão ocorrendo no decorrer deste processo. Apesar de perceberem as doenças e as limitações que decorrem da velhice, elas têm prazer no cultivo do convívio com os idosos, mostrando que as relações estabelecidas são significativas neste processo de construção da concepção do envelhecer. Mazutti e Scortegagna (2006:109) referem ainda que a atitude perante o envelhecimento é determinante para desenvolver habilidades que permitam enfrentar as limitações impostas pelo

envelhecimento, que pode ser visto não como o fim mas antes como uma etapa que se inicia, com as diferenças a considerar.

Um estudo exploratório realizado com crianças entre os 6 e 10 anos, sobre as representações acerca dos idosos, permite concluir que as crianças aceitam os idosos, embora apontem alguns estereótipos no que respeita às características físicas, ainda que gostem particularmente das suas características sociais ligadas ao convívio intergeracional. Este estudo revela ainda que estas crianças pensam que as pessoas mais velhas não devem trabalhar mas devem manter-se ativos através de estudos e organização do próprio tempo. Contudo, apresentam estereótipos no que toca ao uso das tecnologias e comportamentos de namoro. Os autores deste estudo concluem que as crianças não avaliam de forma tão negativa os idosos como sugerem alguns autores (De Sousa et al 2010:12-14).

Palmeirão e Menezes (2012:131) num estudo realizado com 463 crianças do 4ºano, com idades entre os 9 e 10 anos, no distrito do Porto e Braga, sobre a identificação das suas atitudes associadas à pessoa idosa, concluíram que estas crianças tendem a considerar que os idosos são pessoas mais bem-humoradas e alegres do que irritáveis e desagradáveis, são um grupo heterogéneo, contadores de histórias interessantes acerca do passado e como pessoas que devem viver com outras pessoas mais jovens do que viver com pessoas da mesma idade.

Num outro estudo realizado com crianças, dos 10 aos 13 anos, de uma escola pública e outra privada na periferia de Porto Alegre, Brasil, procurou-se saber qual a imagem que estas tinham dos idosos, solicitando-se que se imaginassem com 65 anos e escrevessem como se vêem, como são vistas, o que fazem, o que pensam e que expectativas têm da vida. A investigação revela que as crianças apresentam uma posição bastante discriminativa em relação ao idoso, consequência da realidade e sociedade em que vivem (Ramos, 2006:26). De acordo com a autora do mesmo estudo, as crianças vão-se apercebendo das transformações que ocorrem na velhice e ao compararem os idosos com outros grupos etários constataam que as perdas – de beleza, de força, da locomoção, visão e audição – estão presentes na vida dos velhos. As perdas foram identificadas pelas crianças nomeadamente por aquelas que convivem mais diretamente com os seus avós, perdas como a diminuição da massa muscular (sarcopenia), redução da água corporal, afinamento dos ossos e aumento do tecido adiposo (Costa e Ferreira 2005, citado por Ramos 2006:124). Também as incapacidades nas atividades de vida diária e atividades instrumentais de vida diária são reproduzidas pelas crianças, principalmente através da observação dos seus avós. Neste estudo conclui-se que a visão é uma das perdas mais destacadas pelas crianças, o juntar das debilidades físicas à perda da visão leva as crianças a pensar que os idosos devem escolher uma casa com um menor grau de obstáculos possível, no entanto, elas também entendem que existe perda de memória nos mais velhos. Quando Ramos (2006:139) pediu às crianças que imaginassem o seu envelhecimento, elas incluem a prática de atividade física no seu dia-a-dia, e sublinham a necessidade de os velhos se manterem ativos através da prática de exercício físico. Contudo, elas

reconhecessem que muitos idosos já não possuem muita saúde sendo necessário ajustar a atividade física, optando-se por exercícios mais leves. No que respeita às relações amorosas entre os mais velhos, Ramos (2006:176) no seu estudo demonstra que embora as crianças se mostrassem favoráveis a uma nova união matrimonial entre os idosos, quando se fala em namoro ou casamento na velhice ou imaginar um idoso tocando ou beijando outro, parece provocar uma certa instabilidade/incómodo que não se verifica quando se fala em amor ou sexo na juventude. Segundo Butler & Lewis (1985, citado por Ramos 2006:180) o velho parece ter-se tornado assexuado com o passar do tempo, pois as crianças mostram-se a favor do amor na terceira idade contudo existe alguma aversão ao casamento nos idosos, talvez pelo que isso implica (beijinhos, carinhos e sexo).

Davidson (1995, citado por Ramos 2006:207) num estudo com crianças norte-americanas, da Educação Infantil, mostrou que a maior parte delas, ao ter de escolher etiquetas para caracterizar os idosos, os descreveu como pobres, tristes e doentes. Também uma pesquisa desenvolvida por Page et al (1981, citado por Ramos 2006:208) com 144 crianças, entre os três e os onze anos, apontou para o pouco contacto das crianças com as pessoas idosas e visões negativas do envelhecimento. Já na Tailândia, num estudo realizado com 300 crianças aponta para uma visão mais positiva da juventude comparativamente à velhice. Seefeldt & Keawkungwal (1986) mostram que as crianças urbanas respondem mais positivamente ao processo de envelhecimento do que as crianças tailandesas das zonas rurais (Ramos 2006:208).

Num estudo realizado por Middlecamp e Gross (2002, citado por Brandão et al sd:101) sobre a perceção das crianças que interagiram com idosos durante um ano, e que após este período responderam a uma entrevista estruturada, que se realizaram a partir de um desenho e de uma carta de cada criança descrevendo pessoas idosas a um amigo. Neste estudo foi possível concluir que as crianças apresentaram uma avaliação menos positiva em relação aos idosos do que a que tinham de adultos mais jovens, e acreditavam que os idosos poderiam participar em menos atividades que as crianças.

A relação entre avós e netos pode ser considerada a perfeição das relações intergeracionais, isto porque é permitida não apenas uma educação mais familiar, no que respeita a valores e tradições familiares, como na transmissão de factos históricos e brincadeiras, como na ajuda em trabalhos diversificados, quer nos trabalhos da escola dos netos como nas atividades dos avós.

Num estudo efetuado por Duarte (2009:25) que tinha como objetivo estimular a valorização dos idosos e que as crianças aprendessem a conviver com os mais velhos e os encarassem como amigos, refere que para muitos avós cuidar dos netos pode preencher o vazio do quotidiano menos ativo e contribuir para a luta contra o declínio que o envelhecimento pode trazer. A autora refere Sampaio (2008) para ilustrar a importância do papel dos avós, e afirma que este vai muito além da função de guarda, na medida em que são educadores por prazer não por dever ou missão. Sampaio

(2008, citado por Duarte 2009:25) diz que na idade escolar tudo se altera pois a curiosidade natural leva-a a colocar perguntas aos avós e a fazê-los a participar nas suas brincadeiras, fazendo com que os avós recordem a infância dos seus filhos, ensinem novas habilidades aos netos e mostrem a sua sabedoria resultado da sua experiência, que surpreende as crianças.

Marangoni (2007:21) entende que o encontro entre os avós e netos consiste num terreno fértil para mudanças nas concepções dos estereótipos sobre o que é ser velho e o que é ser jovem, bem como contribui para a promoção de melhores condições de saúde, qualidade de vida e desenvolvimento para ambos. França e Soares (1997, citado por Marangoni 2007:22) sublinham que ao se promover as interações intergeracionais colabora-se para a desmistificação de preconceitos e estereótipos uns dos outros, possibilitando mudanças nos valores, atitudes e crenças sobre o processo de desenvolvimento no curso de vida. Já Silveira (2002, citado por Marangoni 2007:22) assegura ser possível que os jovens retifiquem a imagem distorcida que têm dos idosos, modificar relacionamentos com os avós, agir de forma mais realista e menos sonhadora, desenvolver solidariedade e cooperatividade, lidar melhor com regras e limites e compreender a importância dos idosos se voltarem para o passado.

António (2010:28) refere as percepções que os netos têm dos avós em diferentes idades. Assim as crianças com 4 e 5 anos vêem os avós como aqueles que lhes fazem todas as vontades; as crianças com 8 e 9 anos gostam de avós ativos e divertidos com quem apreciam estar, e por fim as crianças com 11 e 12 anos já aparentam ter maior conforto com relações relativamente distantes dos avós. Relativamente ao significado dos avós na vida dos netos, a mesma autora aponta um estudo realizado por Roberto e Stroes (1992) em que os jovens consideram que os avós exercem influência no ensino e no modelar dos valores (sexuais, religiosos, políticos,..).

Oliveira (1999 citado por Lima 2007:38) realizou uma pesquisa com crianças que estavam sob o cuidado dos avós pertencentes a classes populares. Por meio de entrevistas tentou saber junto dos sujeitos, avós e netos, quais os aspetos que se alteravam nesta convivência. Os resultados apontam que quando esta convivência se baseia no afeto, o diálogo prevalece, reduz o “espaço de rancor”, o que para o autor significa que as diferenças se podem resolver sem que exista a necessidade de uma relação dominadora, em que existe um subjugado.

Também Coutrim (2006) e Oliveira (2007) citados por Luchesi (2011:24) estudaram a relação existente entre avós e netos, concluindo que os avós desempenham um papel importante na organização da casa e no cuidado às crianças em idade escolar. O estudo de Oliveira (2007) refere que os avós podem desempenhar três papéis na família quando nasce um neto: pode ser um papel participativo, quando não são responsáveis pelo neto, mas estão presentes na sua vida; de cuidadores voluntários, quando os avós cuidam dos netos tendo um papel parental sobre estes na maior parte dos dias da semana e o papel de cuidadores

involuntários, quando são os cuidadores primários dos netos, recebendo a sua custódia, ainda que de modo involuntário.

Vieira (2010:17) no seu estudo designado de “Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições”, faz referência à relação entre avó-neto, afirmando que as trocas entre gerações diferentes podem funcionar de modo bidirecional, tendo resultado numa grande variedade de papéis em cada uma das partes. A autora cita Lima (2010) para reforçar esta ideia de multiplicidade de papéis desempenhados pelos avós, atribuindo destaque à categorização clássica dos estilos de comportamentos dos avós proposta por Neugarten e Weinstein (1964) sendo estes papéis: o formal, o brincalhão, o pai alternativo, o sábio e o distante. Ainda segundo Vieira (2010:18) mesmo quando ambos os pais estão a trabalhar ou existe desagregação familiar, espera-se que os avós cuidem dos netos ou que contribuam no suporte financeiro ou emocional. É neste sentido que os idosos podem desempenhar um papel fundamental na vida familiar, nomeadamente no que diz respeito à educação e cuidados da criança. Segundo as mesmas autoras, para além desta função tão importante de suporte familiar, os avós podem ainda retirar vantagens nesta troca de solidariedade intergeracional. Estas vantagens são traduzidas na possibilidade de participação na vida e educação dos netos, o que para os avós se revela como algo essencial para o seu bem-estar, qualidade de vida e inclusão social. Clarke e Roberts (citado por Vieira 2010:18) efetuaram um estudo no qual os avós foram unânimes em considerar que ser avó é um aspeto de grande importância das suas vidas e muitos referiram que tal contribuiu para a sua qualidade de vida. Também Silverstein e Merenco (2000, citados por Vieira 2010:18) no seu estudo demonstraram que para muitos idosos os laços familiares e a solidariedade intergeracional podem ser cruciais para contribuírem para a sua qualidade de vida e combate à exclusão social dos idosos.

Ainda relativamente ao papel dos avós, Kornhaber (1996, citado por Coelho s.d:21) completa o leque de funções, sendo estas de historiador da família, pois são eles que contam histórias de outros tempos, que explicam como se vivia, que contam aventuras, num modo bem diferente do habitual; são professores, uma vez que têm sempre algo para ensinar; mentores, porque mais do que ensinar promovem e asseguram que o neto triunfe, apoiando-o sempre; estudante, os avós são influenciados pelos netos para a procura de novos conhecimentos; parceiros, porque os avós são companheiros, de quem os netos são cúmplices, trocando segredos em confiança; génio, pois os avós são capazes de realizar todos os desejos dos netos; herói, pois vencem tudo e continuar a lutar; modelo, são exemplos a seguir para os netos; guia espiritual, uma vez que os avós são pessoas com experiências e vivências.

Sabe-se que a relação entre avós e netos é bastante importante para ambas as partes, enriquecendo-as na sua sabedoria, contudo o papel e a imagem dos avós tem vindo a alterar-se. Tal como afirmam Ruschel e Castro (1998 citados por Luchesi 2011:24), o papel dos avós tem sofrido várias alterações, surgindo o avó do século XXI, com uma imagem ativa e saudável, vindo suprimir e opor-se com o estereótipo de

velho, passivo, sem interesse para os netos. Ainda de acordo com os autores acima citados o papel dos avós hoje é mais livre do que antigamente, contudo parecem persistir alguns estereótipos e limitações.

Nos estudos acima apresentados, podem-se retirar algumas conclusões relativamente ao modo como as crianças/jovens representam as pessoas idosas. Foi possível verificar que as crianças caracterizam os idosos através da utilização de aspetos físicos, daquilo que elas conseguem observar, no entanto, estão presentes estereótipos. Se por um lado, são caracterizados como pessoas bem-dispostas e alegres, como contadores de histórias interessantes. Por outro, são descritos como pessoas doentes, pobres e com fragilidades, verificando, assim, a dualidade das visões associadas à velhice. Constatou-se ainda que as crianças percebem que a velhice é o último ciclo da vida, porém natural e irreversível, compreendem que existem limitações, fragilidades e perdas relativas à diminuição da beleza, força, locomoção, visão, audição, massa muscular, e água corporal. São também apontadas pelas crianças as incapacidades presentes na realização de atividades de vida diária e atividades instrumentais de vida diária. No entanto, apesar de as crianças perceberem este lado mais negativo da velhice, não as leva a considerar que são pessoas segregadas ou inativas, mas antes pelo contrário, que são ativas e que devem fazê-lo através da realização de exercício físico, ainda que adaptado. Além de referirem aspetos negativos, reforçam que preservam o convívio com os idosos e ainda consideram que as pessoas mais velhas devem viver com os mais jovens.

Das pesquisas efetuadas podem destacar-se alguns estereótipos relativamente ao uso das tecnologias, ao trabalho e a comportamentos de namoro, ainda que se mostrem favoráveis a uma nova união matrimonial entre os idosos, quando imaginam dois idosos aos beijinhos e carinhos parece que ficam incomodados.

No que respeita, ao imaginarem-se na velhice, talvez por perceberem as limitações, perdas e incapacidades, apresentam alguns receios em tornarem-se velhos ou nem se conseguem imaginar como tal, todavia incluem a prática de atividade física no seu quotidiano.

3. Relações intergeracionais e programas de promoção de convívio entre gerações

Uma das formas existentes para se promover uma percepção positiva acerca da velhice são os programas intergeracionais, criados para propiciar a relação entre a criança e o idoso. Ou seja, estas relações podem alterar a visão mais negativa criada em torno da velhice.

De acordo com Vieira (2010:30), os programas intergeracionais têm vindo a surgir em diferentes países da Europa como uma estratégia bem-sucedida para lidar com os impactos sociais e demográficos do envelhecimento. Por esta mesma razão, representam um campo fértil para o desenvolvimento de programas de alta qualidade, responsáveis pela melhoria do bem-estar das diversas gerações. Nas instituições educativas para as crianças e jovens, bem como nas estruturas residenciais para os idosos, parte dos desafios que resultam das alterações sociais e demográficas podem relacionar-se com a elaboração de programas intergeracionais, onde se promovem e desenvolvem atividades entre as diferentes gerações.

Então importa saber do que tratam os programas intergeracionais. Estes programas têm como objetivo a construção de uma ponte entre os idosos e as crianças, incluindo atividades delineadas para estimular a interação entre os dois grupos etários. A ideia é de que as crianças e adolescentes possam contribuir para melhorar a qualidade de vida dos idosos, fornecendo entusiasmo, afeto e espontaneidade, por sua vez os idosos oferecem orientação, confiança e apoio, narrando as suas experiências de vida (Brandão et al sd:101).

De acordo com Carvalho (2007:53), a aproximação de diferentes gerações deve ter em conta não apenas a idade cronológica, mas deve considerar também os estilos de vida, o saber, valores, memória, com o intuito de viabilizar a relação entre as duas gerações. As relações intergeracionais têm como função a transmissão de conhecimentos por parte dos mais velhos, reproduzindo relações sociais do início do século em que o idoso era dono do saber. Barros (1987, citado por Carvalho 2007:54) destaca um dos benefícios das relações entre idosos e crianças ao afirmar que para os idosos a lembrança das suas experiências com os seus pais e filhos poderá ser importante na revisão e aceitação da própria vida e na relação com os seus netos. Ao mesmo tempo, permite que o idoso ultrapasse o isolamento e valorize a sua autoestima. Isto é, quando o idoso lembra as suas experiências, tal permite-lhe refazer o seu passado com um outro olhar, e ao mesmo tempo possibilita exercitar a memória. Esta ideia é reforçada por Bosi (1987, citado por Carvalho 2007:54) quando refere que lembrar não é reviver mas antes refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. As relações intergeracionais, quando promovem o diálogo e a troca entre as gerações, permitem a transformação e a reconstrução da tradição, no espaço dos grupos sociais.

Pimentel (2012:5) reforça a importância das relações intergeracionais sublinhando que a convivência regular entre diferentes gerações, contrariando a segregação espacial que cada vez mais caracteriza o modo como nos organizamos, ajudará a desconstruir as imagens menos positivas da velhice, bem como a diminuir a segregação social e a discriminação etária. Marques (2011, citado por Pimentel 2012:5) vem fortificar a afirmação de Pimentel ao referir que “A promoção de ações intergeracionais que permitem aumentar as oportunidades de contacto positivo entre as pessoas idosas e os outros grupos etários são muito importantes para diminuir atitudes idadistas”

Lopes (2008, citado por Teiga 2012:21) refere que as relações intergeracionais ocorrem entre indivíduos pertencentes a gerações diferentes, que interagem sem paternalismos ou protecionismos. O diálogo entre gerações contribui para uma consciência comunitária na medida em que desenvolve as relações interpessoais quando entram em contacto com novas vivências, diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais permitem renovar opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas. Por outro lado, permitem criar nas crianças/jovens apetência para lidar com as gerações mais velhas, atribuindo-lhes responsabilidades como potenciais cuidadores, contribuem ainda para reduzir o isolamento a que os idosos são muitas vezes sujeitos e desmistificam ideias erróneas acerca da geração mais velha (Coelho, sd:38).

Muitos são os estudos que visam mostrar que os programas intergeracionais contribuem para um envelhecimento bem-sucedido. Tal foi verificado por Adams et al (2002: citado por Brandão et al, sd:102) num estudo sobre a memória de idosos para textos narrativos, em que observou o efeito benéfico que a interação com as crianças pode produzir no desempenho dos idosos em tarefas de reconto de histórias. Os autores deste estudo destacaram a relevância do contexto social para os estudos de memória e envelhecimento, sugerindo que a interação com as crianças parece constituir uma situação favorável para a recuperação de informações e expressões do idoso.

Também Carlson (2009, citado por Grazina 2012:7) realizou um estudo na Universidade de Washington onde chegou à conclusão que as relações intergeracionais são importantes tanto para a prevenção de doenças como para a promoção de um envelhecimento saudável. Este estudo contou com a participação de 2 mil voluntários com mais de 55 anos, e tinham de acompanhar no máximo dois alunos com dificuldades escolares, contanto com a participação de 20 mil jovens. No fim cerca de 60% dos alunos melhoraram o seu rendimento escolar, sentiam-se mais confiantes e mais calmos. Quanto aos idosos foi possível verificar uma melhoria nas suas capacidades psíquicas, o autor observou com esta atividade, em que os idosos eram tutores dos jovens, que as relações intergeracionais podem reduzir o risco de demência, promovem uma adequada estimulação cognitiva, psíquica e social. Contudo, os benefícios para os idosos foram mais longe, situando-se ao nível da melhoria da autoestima e sentimento de utilidade, conduzindo a uma realização

pessoal dos idosos. É assim visível a importância das relações e convívio entre idosos e jovens, alcançando benéficos consideráveis para ambos.

No convívio entre idosos e crianças as transformações são múltiplas e recíprocas, na medida em que as crianças a pouco e pouco vão forçando os idosos a transformarem-se, são levados a revirar o fundo da alma, avivando práticas esquecidas, memórias apagadas, conhecimentos que foram deixados para trás, mas ao mesmo tempo são levados por mãos infantis a conhecer novos brinquedos, outros hábitos, maneiras diferentes, programas nunca experimentados (Oliveira 2003, citado por Carvalho 2007: 54). Isto significa que no contato com as crianças, os idosos podem adquirir novos conhecimentos mas também reavivam as memórias, exercitando as suas capacidades cognitivas. Neste convívio entre as gerações é possibilitada a aquisição de diferentes modos de ver o mundo, o contato com diferentes formas de pensar e um crescimento pessoal.

Também Mazutti (2006, citado por Júnior et al, sd:4) não deixou de sublinhar que as trocas intergeracionais podem beneficiar o idoso ao permitir que ele utilize as suas experiências acumuladas, transmitindo o passado e a sua lição de vida. Desta forma, as crianças podem construir uma concepção positiva da velhice, fortalecendo a sua relação com os idosos, têm a hipótese de lhe transmitir a sua vitalidade e alegria em troca de um resgate e aprendizagem da sua cultura e dos seus valores, para além de desenvolver o respeito, o afeto, solidariedade e um cuidado mútuos. Igualmente França e Soares (1997, citado por Lopes 2006:33) não deixam de atribuir importância à participação dos mais velhos em atividades intergeracionais, reforçando que esta não se restringe à oportunidade de ser doador e receptor de serviços, mas reside ainda na melhoria da sua autoestima, na atualização e reciclagem e na valorização e reconhecimento de si mesmo como ser integrado, integrador e participativo na sociedade. Para além disto, é possível que as crianças, através dos programas intergeracionais, modifiquem a percepção que têm de que a velhice se liga à doença, à morte e à tristeza. Já Uhlenberg (2000, citado por Lima 2007:51) ressalta como benefícios dos programas intergeracionais o facto de os velhos poderem oferecer contribuições produtivas que vão ao encontro das necessidades dos jovens, tais como os cuidados, treinamento, supervisão e transferência de recursos materiais; os jovens podem canalizar o seu potencial e a sua energia para atender às necessidades dos velhos de informações e tecnologias, e assim terem oportunidade de aprender e serem úteis; preconceitos e estereótipos existentes entre ambos os grupos podem ser dissipados. Ou seja, os mais velhos transmitem informações culturais e conhecimentos adquiridos por meio da sua experiência, por sua vez cabe à criança aproximá-los das novidades. A criança dotada de agilidade e avidez por conhecer, impele o velho a movimentar-se para a acompanhar.

A United Generations, uma organização sem fins lucrativos que pretende promover práticas intergeracionais, não podia deixar de apontar como principais vantagens destas práticas “a comunicação íntima entre os intervenientes, a partilha

de sentimentos e de ideias e uma cooperação nas tarefas significativas para todos os participantes envolvidos” (Vieira 2010:31).

O espaço de co-educação aberto nas relações intergeracionais possibilita aos idosos desempenhar uma função social, a função de lembrar. Segundo Park (2000) quando o velho desempenha esta função de lembrar está a atuar como portador e divulgador de memórias coletivas, além disso também é permitida a “função social produtiva”, isto porque o lembrar é uma forma de construir conhecimento no processo de construção e reconstrução de histórias (Lima 2007:42).

Pensar a velhice e a pessoa idosa de forma mais positiva revelam ser dos principais pressupostos de coaprendizagem intergeracional. Fox e Giles (1993) consideram que o mais importante não é a promoção de encontros entre as gerações mais antes a natureza desses encontros e mais relevante ainda o tipo de participação e qualidade da mediação e a comunicação estabelecida (Palmeirão e Menezes sd:25).

Palmeirão e Menezes (2009:25) citam Garcia Minguez (2005) para esclarecerem a relevância e objetivos das relações intergeracionais, sendo estes “facilitar a diversidade, a diferença de valores, os costumes, os ritmos e as atitudes” e apenas desta forma criar uma comunidade fundada na assunção de cada geração, apesar das suas características temporais e sociais, tem a mesma humanidade. Tal significa que para além de ser importante fomentar e encorajar os encontros entre diferentes gerações, será fulcral ter atenção a participação e a comunicação existentes nesses encontros, bem como ter em conta as características das diferentes faixas etárias, pois possuem experiências, valores e conhecimentos diversos que se podem partilhar e gerar novos conhecimentos. Carvalho e Peixoto (2000) vão mais longe ao afirmarem que a prática intergeracional é inclusiva e que visa o respeito pela diversidade, pluralidade de valores, costumes e identidades individuais e coletivas e a construção de novos espaços de conhecimento, comunicação e relação (Palmeirão e Menezes 2009:26).

O desafio que se coloca é a mudança nas atitudes e, nesse sentido, é fundamental romper de forma definitiva com a visão preconceituosa que recai sobre a população idosa e clarificar o seu estatuto na sociedade. Antunes (2007: citado por Palmeirão e Menezes, 2009:24) refere que “as sociedades maduras não são aquelas que têm uma proporção maior de velhos, mas são aquelas em que as pessoas vivem melhor durante mais tempo”. É assim de extrema importância que se alterem as imagens preconceituosas construídas á volta da terceira idade, para que assim seja possível juntar gerações e se formarem novos espaços de transmissão de cultura, valores ideias e conhecimentos.

Para a Unesco (Lima 2007:44) a abordagem intergeracional é um instrumento eficaz e inclusivo para os programas de aprendizagem continuada como a aprendizagem ao longo da vida. No contexto dos programas a ação intergeracional tem a seguinte dinâmica os idosos que auxiliam crianças e jovens, as crianças e jovens que auxiliam os idosos e os adultos e jovens que colaboram para ajudar a

comunidade, adultos e jovens que se envolvem em atividades de aprendizagem intergeracional. Ainda segundo a Unesco (2000, citado por Lima 2007:44) estes programas são espaços que oferecem oportunidades para as trocas de experiências e aprendizagem das diversas faixas etárias para benefícios individuais e sociais, considerando a aproximação de gerações como um instrumento eficaz, com efeito, de inclusão social e o desenvolvimento da comunidade. A Unesco (2000, citado por Lima 2007:44) aponta como objetivos comuns dos programas intergeracionais nas diversas culturas para os idosos: a minimização das perdas do processo de envelhecimento; promoção da inclusão e da valorização da pessoa idosa e oportunidade de transmissão dos conhecimentos, habilidades e valores humanos a outras gerações; para as crianças: promoção do contato diferenciado com o idoso, isto é, incentivado pela interação; oportunidade de trocas de experiências entre pessoas de idades diferentes e da aprendizagem de habilidades através da educação informal; o despertar de um novo olhar sobre as questões que cercam o envelhecimento; o estímulo do resgate das brincadeiras tradicionais; o desenvolvimento de novas aptidões e a promoção da aprendizagem ao longo da vida. São também apontados resultados positivos entre diversos países e culturas, para o idoso: a re-significação da sua identificação social; despertar de um novo olhar sobre as questões do envelhecimento; o aumento da autoestima e melhoria da saúde; possibilidade de uma nova perspectiva de vida e de realização pessoal; criação de oportunidades que lhes permitem transferir a experiência de vida, valores acumulados e afetividades; promoção de novos relacionamentos positivos e estimulantes com as crianças, com profissionais e com a comunidade; redução do isolamento e promoção de um estilo de vida mais saudável e estimulante e maior disponibilidade para aceitar e compreender o comportamento dos jovens de hoje; para as crianças e adolescentes: promoção da troca afetiva entre gerações; fortalecimento dos vínculos intergeracionais através da interação; aumento do interesse pela aprendizagem, pelo saber e pelo conhecimento, através do convívio informal com os idosos; melhoria do relacionamento com os idosos; melhor entendimento sobre o envelhecer e as suas necessidades através do estímulo para ajudar os mais velhos.

Mesmo conhecidos os benefícios associados às práticas intergeracionais existem autores que possuem pontos de vista diferentes como é o caso de Jacob (2007, citado por Duarte 2009:24) que alerta para alguns riscos no que respeita às relações intergeracionais. O autor sublinha que juntar crianças com idosos pode nem sempre ser uma boa solução, na medida em que se corre o risco de os resultados não corresponderem ao que é esperado, dado que a mobilidade, os interesses, os ritmos e os objetivos são bastante diversos em jovens e idosos. Deste modo, aconselha a realizarem-se atividades pontuais, com grupos pequenos e de curta duração, entre os diversos grupos etários em detrimento de atividades demasiado longas. No entanto, ressalva que não deixa de ser importante promover a interação entre novos e velhos, de maneira que nos habituemos a conviver e a aprender com aqueles que muito têm para nos ensinar.

Todavia, não basta conhecer os benefícios e as contrapartidas desta prática intergeracional é também necessário saber quais são os princípios que servem de base aos profissionais quando abordam os programas intergeracionais. Sendo estes princípios o conhecimento de benefícios mútuos e recíprocos, ou seja, todos os participantes obtêm benefícios, trabalhando juntos, ambas as partes garantem que as competências tradicionais importantes são mantidas nas gerações futuras. Para que um projeto intergeracional tenha sucesso é fundamental que os seus intervenientes estejam envolvidos na construção do programa e experienciem um sentido de pertença e poder, no seu planeamento e desenvolvimento. Por outro lado devem ser baseados nas mais valias, isto é, as gerações são trabalhadas de forma a ajudá-las a descobrirem as suas forças e depois construir o sucesso assente nos princípios da compreensão e respeito mútuos; devem ser bem planeados, quer isto dizer que não são uma substituição das relações naturais mas antes reflete e tenta criar mudanças positivas; ter em conta e ser fundado em bases culturais, respeitando a diversidade cultural existente; reforçam laços na comunidade e promovem uma cidadania ativa, o que significa que promove a ligação das pessoas, reconhece e constrói laços numa base de interação mais forte, que liga melhor as comunidades e comprometendo os cidadãos com a democracia local e com os problemas sociais; são desafiadores da gerontofobia, demonstrar às gerações os ganhos obtidos pela sua convivência; por fim são interdisciplinares, ou seja, oferecem oportunidades de expansão da experiência dos profissionais, para trabalharem de modo mais inclusivo, capacitando-os para um pensamento mais amplo, sobre como eles desenvolvem o seu trabalho (Pinto et al s.d:20)

No plano internacional são várias as iniciativas intergeracionais que se podem referir tais como o projeto “Juventude com Impacto”, na Suíça, que promove a integração dos jovens na população, melhorando o seu bem-estar e saúde, incrementando a identificação com a sua comunidade local, melhorando a construção do relacionamento entre gerações e incentivando o respeito e a tolerância; “Viver e Conviver” um programa de Co-habitação em Espanha entre seniores que vivem sozinhos e jovens estudantes universitários, que promove por um lado o desenvolvimento de valores como a solidariedade, a reciprocidade, a tolerância e o respeito mútuo, por outro lado encoraja as pessoas mais velhas a continuarem a viver nas suas casas pela criação de relações de afeto para além dos laços familiares; Projeto “Experimentcity”, é uma reutilização inovadora e sustentável de terras livres em Berlim com fins sociais, culturais e ecológicos; “Generations Experiencing Together, Opening Up Collaborative Spaces”, em Inglaterra, um projeto de plantação intergeracional comunitário que promove a saúde e o bem-estar de forma criativa: desenvolvendo competências de jardinagem, os jovens e os adultos idosos trabalham juntos, de modo positivo, partilhando experiências e desafiando os estereótipos; “Fifty-Fifty” na Itália, jovens e seniores descobrem a Europa Social através de um serviço de Voluntariado, baseado em atividades de serviço voluntário internacional e as trocas sociais e culturais entre jovens e adultos, são verdadeiras ferramentas educacionais para a solidariedade e cidadania ativa, quer para os voluntários que

tomam parte nos projetos como para as comunidades de acolhimento; “Gerações Interagindo e Atuando Juntas” na Alemanha, é um vídeo de gerações que apresenta uma diversidade de estilos de vida autênticos de jovens e de idosos, apelando contra tabus, estereótipos e preconceitos (Pinto et al s.d:9).

Palmeirão (2008:24) reforça que estas relações entre gerações embora se encontrem em expansão nas principais cidades no mundo, no plano nacional são ainda uma realidade muito escassa. As iniciativas e programas desta natureza surgiram em 1999, no Ano Internacional das Pessoas Idosas, com o aparecimento do projeto TIO (Terceira Idade On Line) que apresentava como objetivos o reforço da participação dos idosos na sociedade da informação, a promoção da saúde e qualidade de vida dos idosos e fomentar a relação e o conhecimento intergeracional. Em Portugal, foi criada a Associação Vida na sequência do Projeto Viver, que tinha como finalidade primordial promover atividades culturais e educativas que reforçassem o intercâmbio de valores e conhecimentos entre as diferentes gerações. O projeto Viver já tinha sido desenvolvido noutros países da Europa e para os seus autores a temática da intergeracionalidade, na realidade portuguesa, tem sido vista sob duas perspetivas que remetem para o âmbito familiar: a promoção do contacto entre filhos adultos e pais idosos; e a promoção do contacto entre avós e netos. Como resultado destes dois Projetos TIO e Viver, foi desenvolvido outro Projeto Net@vó, também focado na exploração das relações intergeracionais enquanto forma de fomentar a solidariedade aprendizagens entre gerações (Nunes 2009, citado por Vieira 2010:32).

Outro exemplo de projetos intergeracionais podem ser referidos tais como o projeto “Adote um amigo”, desenvolvido na Junta de Freguesia de Campolide em parceria com os alunos da Faculdade de Economia com a Universidade Nova de Lisboa, que tinha como objetivo primordial combater a solidão entre as pessoas idosas da freguesia. Foi criada uma bolsa de voluntários, todos pertencentes à Faculdade de Economia, que desde Março de 2011 vão uma vez por semana fazer companhia a um idoso, e os seus resultados têm sido positivos (Grazina 2012:12).

A Fundação Calouste Gulbenkian no ano 2010/2011 apoiou dezoito projetos-piloto, 11 no Reino Unido e 7 em Portugal, no planeamento, teste e implementação de novas ideias para atividades intergeracionais. Estes programas traduziam novos modelos e abordagens no campo das práticas intergeracionais. Em Portugal os projetos são: “Lis: Velho Rio Con’Vida”, pretendia colocar em interação crianças, jovens e idosos, procurando resgatar os valores patrimoniais mais significativos acerca da relação do homem com o rio mas também projetar formas de estar e atitudes positivas para melhor usufruto do rio. Outro programa designa-se por “Arquivo de Memória do Vale do Côa”, a ideia baseava-se no conto das memórias e documento por parte dos idosos, de forma a permitir da comunidade com escasso registo, e eram as crianças em idade escolar que faziam o registo através do uso das novas tecnologias (Fundação Calouste Gulbenkian 2014).

A “Escola de Mestre”, projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, esta focava-se no ensino e treino dos jovens para o desenvolvimento de capacidades específicas por meio de metodologias intergeracionais ma estreita comunicação e transferência de conhecimentos e sabedoria entre os mestres destas nobres profissões, realizada em workshops, nas suas próprias oficinas ou lojas. Os mestres serão escolhidos para representarem profissões em risco, tais como sapateiro, barbeiro, artesãos, e ferreiro. Os objetivos deste projeto traduzem-se na identificação, localização e conexão dos mestres do Baixo Alentejo, e criação de uma rede entre eles, recolha e tratamento da informação relativa à definição de Mestre, perfis psicossociais, avaliação das autorrepresentações do valor das suas atividades profissionais, e variáveis psicológicas, como a autoestima; envolvimento de grupos de jovens no voluntariado; implementação de um período de aprendizagem intergeracional, entre mestres e aprendizes e análise das experiências intergeracionais.

A “Aldeia Pedagógica de Portela”, também faz parte dos projetos apoiados, e apresenta como objetivos promover o reforço das relações intergeracionais, promover o desenvolvimento sustentável e a coesão social e promover a preservação das tradições e da natureza. Este projeto baseia-se numa aldeia que está num processo de despovoamento, mas onde residem pessoas idosas onde fazem pão artesanal, mantêm pequenas hortas, entre outras, e pretende-se que os idosos transmitam estes conhecimentos aos mais jovens e visitantes urbanos.

“Altas hortas”, mais um projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, este apresentava como objetivos criar relações entre grupos etários e culturais diversificados através da agricultura urbana, valorizar o ambiente local, capacitar a população local para a criação de comunidades sustentáveis e partilhar experiências e ideias com outras comunidades e Bairros.

“Parque = Lugar com Histórias e Natureza para Socializar (P=LHNS)”, é mais um dos sete projetos promovidos e que pretendia dinamizar e promover a preservação do emblemático Parque Infante Dom Pedro, situado no centro da cidade de Aveiro, envolvendo os cidadãos e promovendo interações entre gerações.

O último projeto designa-se por TOCA, em Lisboa, e nasce da relação entre uma pessoa e um lugar e apresentava como objetivos a prática do convívio intergeracional e interbairros; potenciar o surgimento de uma rede de afetos; transformar as realidades sociais nas quais nos implicamos e com as quais nos relacionamos e acompanhar a emergência de uma criação artística coletiva (Fundação Calouste Gulbenkian 2014).

4. A importância da educação na promoção das relações intergeracionais

O conceito de solidariedade entre gerações aparece pela primeira vez nos anos 90, no Ano Internacional da Pessoa Idosa, onde se chamou a atenção para as relações intergeracionais e a importância de uma sociedade para todas as idades, tendo em vista a preparação para os desafios das décadas seguintes. A Organização Mundial de Saúde (OMS) explica que uma sociedade para todas as idades deve ter por base alguns princípios e deve ser produtiva “A society for all ages would additionally enable the generations to invest in one another and share in the fruits of that investment, guided by the twin principles of reciprocity and equity” (WHO, 1995, citado por Azevedo e Palmeirão 2012:256).

Já em 2002, no Plano de Ação Internacional do Envelhecimento os governos e as associações não-governamentais registaram a importância dos valores de solidariedade, confiança e dignidade, e foi definido um plano para promover a educação entre gerações. Após 5 anos em Léon (2007), na revisão do Plano de Ação Internacional do Envelhecimento a OMS insistiu na necessidade de incentivo da coesão social através de ações e programas de educação entre gerações ““We are committed to promoting intergenerational solidarity as one of the important pillars of social cohesion and of civil society”. We encourage initiatives that raise public awareness of the potential of young people and of older persons and that promote the understanding of ageing and intergenerational solidarity” (UNECE 2007, citado por Azevedo e Palmeirão 2012:257).

Mais recentemente, em 2012, Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade Intergeracional, trouxe para primeiro plano a importância e os benefícios de uma solidariedade intergeracional e para importância da criação de espaços de diálogo e troca de ideias entre gerações. Em Portugal, do Plano de Ação do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade Intergeracional (2012:12), surgiram 5 eixos operativos: emprego, trabalho e aprendizagem ao longo da vida; saúde, bem-estar e condições de vida; solidariedade e diálogo intergeracional; voluntariado e participação cívica e conhecimento e sensibilização social. O eixo respeitante à solidariedade e diálogo intergeracional propunha uma sociedade para todas as idades criada na interação entre pessoas com “diferentes biografias e talentos.” Este eixo apresentava algumas iniciativas como o “Kit pedagógico sobre solidariedade entre gerações”, dirigido aos alunos de 3ºciclo, com diversos materiais informativos, pedagógicos e lúdicos; “Voluntariado intergeracional projeto Recados e Companhias”, rede nacional de voluntários jovens de apoio às pessoas idosas nas atividades instrumentais de vida diária e de companhia; “Alojamento solidário”, de forma a combater o isolamento dos idosos, por meio do alojamento a jovens universitários nas suas casas; “Projeto de sensibilização para a segurança rodoviária”, implementado por jovens voluntários e dirigido aos mais velhos; “Projeto de mão-em-

mão – passa o testemunho”, através da organização em bibliotecas locais, de baús de livros e filmes sobre o envelhecimento e velhice que são escolhidos e trocados entre jovens e idosos a viverem em instituições; e por último “Ações de intercâmbio intergeracional”, através da participação de pessoas idosas em espaços escolares (Programa de Ação – Portugal 2012:16).

De acordo com Azevedo e Palmeirão (2012:257) a educação intergeracional sofreu um desenvolvimento surpreendente, pesquisas futuras suportam a necessidade da educação para o envelhecimento começar na escola tendo em vista acabar com os estereótipos do envelhecimento e promover atitudes positivas em relação aos idosos. Neste sentido, num estudo longitudinal realizado por Klein, Council e McGuire (2005, citado por Azevedo e Palmeirão 2012:257) defenderam que na adolescência era mais difícil mudar as atitudes negativas para com os idosos. Os mesmos autores alertam para a falta de iniciativas em relação à educação sobre o envelhecimento em lares de idosos, escolas e comunidades nos EUA. Contudo, o mesmo acontece na Europa, apesar de se conhecerem os resultados positivos a interação entre idosos e jovens é uma realidade restrita e pouco observada. Já em 2007, os mesmos autores referidos, iniciaram e desenvolveram um programa em creches, que permitia ajudar a criar uma geração de americanos que valorizam os adultos mais velhos, têm atitudes positivas sobre o envelhecimento e que planeiam um envelhecimento bem-sucedido e saudável. Estes programas de intervenção permitem que cada adolescente enfrente o seu processo de envelhecimento de forma mais positiva.

Mcguire, Klein e Couper (2005, citados por Luchesi 2011:27) vêm reforçar a importância da educação acrescentando que esta pode ajudar os indivíduos a perceberem as potencialidades da velhice bem como a verem que já estão a envelhecer, uma vez que o que fazem hoje poderá vir a interferir no futuro. Também Schulman (2005, citado por Luchesi 2011:27) sublinha a necessidade do trabalho com as crianças sobre o processo de envelhecimento na medida em que elas um dia serão as cuidadoras dos seus pais e muitas poderão já tomar conta dos seus avós. Para além disso, estas crianças também vão chegar à velhice e o comportamento adotado nesta fase da vida pode ser influenciado pelas vivências e atitude que tiveram na sua infância (Luchesi 2011:27).

Outros autores vão mais longe tais como Chamberlain, Fetterman e Maher (1994, citados por Brandão et al 2006:26) quando afirmam que a educação acerca do que é envelhecer deveria ser uma das prioridades para os profissionais que trabalham com as crianças, uma vez que as atitudes dos adultos mais jovens em relação ao envelhecimento e à pessoa idosa são associados positivamente com experiências intergeracionais. Também Both e Benincá (2005) referem que a escola, através da realização de tarefas escolares em família, propicia uma via de fortalecimento da solidariedade intergeracional, desenvolvendo proteção e ajuda mútua, nomeadamente na velhice. Por sua vez Setúbal (1996) sublinha que no processo de as pessoas envelhecerem a escola possui um papel fulcral, na medida em que leva as

crianças a desenvolverem uma nova concepção de envelhecimento, a valorizarem a memória e as trocas, que são valiosas entre gerações (Mazutti e Scortegagna 2006:105).

Desta forma, não existem dúvidas do papel que a escola desempenha no que diz respeito à educação das crianças acerca do processo de envelhecimento, na promoção e realização de encontros intergeracionais, para Mazutti e Scortegagna (2006:110) a escola pode otimizar a reflexão e o encontro intergeracional, entender que uma integração se faz com base na solidariedade e ao se educar o jovem para isso está-se a contribuir para uma qualidade de vida em todas as etapas, incluindo a velhice.

Será então importante que se consciencializem as escolas e todos os profissionais que nela trabalham da relevância dos contactos entre diferentes gerações, pois tal contribui não apenas para uma valorização do idoso mas também para um crescimento pessoal das crianças, da possibilidade de se incutir valores diferentes acerca dos mais velhos, a possibilidade de terem uma concepção positiva e desmistificada e sem estereótipos acerca do envelhecimento. A escola deveria ser vista não apenas como um espaço de educação mas também de promoção de relações entre as próprias famílias, integrando faixas etárias diferentes, como construção de valorização dos mais velhos, das posturas a adotar perante os idosos, a mudarem a visão negativa que algumas crianças ainda possuem dos idosos, pois é importante não esquecer que estas crianças podem já ser ou vir a ser cuidadoras de pessoas mais velhas, e os valores e atitudes que elas no seu processo de desenvolvimento possuem irá influenciar o modo como cuidam e a forma como elas próprias vão envelhecer.

A importância da educação na promoção das relações intergeracionais é reforçada por Palmeirão (2008:23) quando se refere à Educação Intergeracional, definindo-a como um processo que pretende desenvolver e aperfeiçoar competências humanas, relações entre gerações e uma “consciência intergeracional.” Esta Educação Intergeracional apresenta como pressupostos pensar a velhice e a pessoa idosa de forma mais esclarecida e positiva, tendo em vista uma “cultura de ancianidade”, pois ao se pensar no futuro, coloca-se a questão de aprender e explicar o processo de envelhecimento bem como o potenciamento de locais que facilitem a participação e educação entre gerações.

Azevedo e Palmeirão (2012:259) desenvolveram um programa que tinha como objetivos incentivar a comunidade educativa para a prática de uma nova forma de cidadania; desenvolver relações entre um grupo de 47 estudantes, de Matosinhos, e um grupo de 48 idosos, que vivem na casa de enfermagem de Sant’Ana. O programa contou com um total de 80 participantes, o grupo de jovens com 25, de 12 anos de idade, o grupo de sénior com 15 participantes, de 60-94 anos, e um grupo de controle com 24 alunos, também com 12 anos. Os restantes participantes eram professores, educadores sociais, assistente social, estagiários de serviço social, voluntários séniores, cuidadores e familiares.

O programa desenvolvido apresentou resultados positivos, ganhou sustentabilidade para continuar como um projeto da escola e, assim, cumpriu uma das mestas propostas, sensibilizar a escola para a educação através da ação. O contacto contínuo entre crianças e idosos e a implementação de iniciativas de cooperação, permitiu transformar positivamente as representações sociais do envelhecimento. Apesar de as relações intergeracionais ainda serem frágeis e precisarem de ser fortalecidas, tanto jovens como idosos se esforçaram no sentido de cumprir o objetivo principal, de aprendizagem mútua. Este projeto intergeracional serviu de impulso para revelar às escolas, do século 21, que devem ser abertas à comunidade (Azevedo e Palmeirão 2012: 263).

A nível mundial, muitas são as cidades que praticam a educação e intervenção intergeracional. Já no âmbito nacional, esta é uma realidade pouco praticada. Um bom exemplo destes programas é o Projeto Redes de Encontros Intergeracionais, de natureza sociopedagógica, realizado no ano de 2005/2006. Este programa decorreu de uma forma sequencial evocando uma estratégia eclética quanto filosofia de ação entre o desenvolvimento curricular (escola e lar) e ações elencadas pelos participantes (juniores e séniores). Destas resultaram aprendizagens na sala de aula, visitas, encontros, momentos de convívio, teatro, dramatização, declamação e leitura, transformados em momentos de interação e aprendizagem ativa (Palmeirão 2008:24).

Após as sessões, observou-se o poder da Educação Intergeracional como mediador e facilitador do processo de aprendizagem entre gerações, ressaltou um pensamento diferente e um conhecimento acerca da velhice e do envelhecimento. Este programa possibilitou uma visão mais positiva, quer no que respeita às atitudes das próprias crianças, quer à escola ou aos próprios idosos. De uma imagem estereotipada e de vulnerabilidade, surge uma imagem física e social mais ativa e menos fragilizada. Para os adultos, os testemunhos também foram muito positivos no que toca á Educação Intergeracional, nomeadamente no que diz respeito ao emergir de uma nova atitude e responsabilidade perante a pessoa idosa (Palmeirão 2008:25).

Num outro estudo de Palmeirão e Menezes (2009:28), chama-nos a atenção para a importância da educação intergeracional e para necessidade de se continuarem a desenvolver programas intergeracionais nas escolas, visto que a “imagem cognitiva, afetiva e comportamental é significativamente alterada” ((Middlecamp e Gross, 2002, citados por Palmeirão e Menezes sd:28). Marx, Pannell, Parpura-Gill e Cohen-Mansfiel, 2004), referidos pelas mesmas autoras, defendem que esta relação entre gerações contribui para diminuir o risco de insucesso escolar.

Neste estudo Palmeirão e Menezes (2009:30), elencaram alguns dos “ensaios” de educação intergeracional, desenvolvidos em várias zonas do país. No contexto escolar, foram mencionados dois projetos: “Os idosos revisitam a escola”, no concelho de Santa Maria da Feira, e apresentou como objetivos promover o relacionamento entre diferentes gerações, criar momentos de partilha de saberes e experiências e

valorizar a pessoa idosa; e o Projeto “Venha aprender conosco e ensinar-nos também o que sabe”, em Mangualde, tinha como finalidade motivar e responsabilizar um grupo de jovens e criar momentos de oportunidades relacionais.

No plano comunitário, são mencionados, pelas mesmas autoras, também dois projetos “Aconchego”, no Porto, criado no ano letivo 2004/2005 onde se pretendia inibir a desertificação da baixa portuense e combater a solidão dos idosos, este projeto contava com a participação de alunos universitários; o segundo projeto designa-se de “Clube da vida local”, criado em 2004, com o objetivo de promover ações de sensibilização, partilha de responsabilidades e experiências de vida.

É assim inegável a extrema importância da educação intergeracional, quer para as crianças, adultos ou pessoas idosas, a possibilidade de encarar a velhice de forma mais positiva e menos estereotipada bem como a troca de saberes, experiências e conhecimentos que advém desta relação entre as diferentes gerações. É fundamental refletir acerca dos benefícios que a educação intergeracional acarreta, tanto para as crianças como para os idosos, pois vão além de um momento de lazer, mas que sobretudo podem traduzir mudanças de atitudes, comportamentos e valores. Contudo, não se pode deixar de referir que a educação intergeracional não é possível sem antes se alterarem os livros escolares, com os quais as crianças aprendem. Converter a imagem do idoso curvado, associado a doenças e frágil, para uma representação mais positiva e não estereotipada das pessoas idosas, é um dos primeiros passos a dar.

Devido à importância dos manuais escolares, visto que é com eles que as crianças/jovens aprendem Palmeirão e Menezes (2009:119) realizaram um estudo onde procuraram a representação do idoso nos livros escolares, do 4ºano, das disciplinas de Estudo do Meio e da Língua Portuguesa. As autoras constataram que a “imagem social” da pessoa idosa veiculada nos manuais é desmeritória e pouco precisa. Foi ainda verificado que as questões relativas aos idosos e à educação intergeracional são inexistentes ou incipientes e redutoras. Através dos manuais escolares estudados é transmitida uma imagem fragilizada da pessoa idosa bem como da velhice. Daí a necessidade e importância de repensar a natureza do conhecimento veiculado por estes manuais.

Torna-se assim importante repensar a forma como a aprendizagem das crianças/jovens é efetuada, pois elas irão reproduzir a informação que retêm. Desta forma, se a representação dos idosos e da velhice, nos manuais escolares, for feita de forma positiva e realista será então possível desconstruir estereótipos e concepções erradas que cercam o envelhecimento e as pessoas idosas.

II. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

1. Objetivos do estudo

O projeto “O espelho da velhice através da visão das crianças/jovens – meio rural versus meio urbano”, surge do interesse e relevância que as relações intergeracionais possuem tanto para a população mais jovem como para os idosos. Torna-se fundamental entender quais são as representações/imagem que as crianças/jovens têm acerca da população idosa, visto que elas serão os futuros cuidadores, e a forma como encaram a velhice pode influenciar o modo de prestação de cuidados. Para além disso, a ideia para elaborar o presente projeto surge também da nossa participação num projeto de voluntariado na escola João Roiz de Castelo Branco com os alunos de 4 e 5º anos, em que estes tinham de criar um projeto com uma população à escolha. Os alunos acabaram por decidir executar este projeto junto dos idosos, através da realização de diversas atividades. Outro motivo que levou à concretização deste estudo prende-se com o facto de ser raro, nas escolas, o incentivo, promoção ou até mesmo a realização de atividades em que os idosos estão presentes. Esta realidade conduziu a que fosse pensado um trabalho projeto em que os alunos/jovens de diferentes idades escolares, 5º, 7º e 9ºanos, fossem questionados sobre a forma como percecionam diversos aspetos do envelhecimento. Pretende-se, pois, ter conhecimento se a imagem construída à volta da terceira idade se revela positiva ou negativa e verificando se existem diferenças conforme os meios em que estão inseridas e as idades. Por fim, o estudo deve conduzir a um projeto de intervenção, baseado nas relações intergeracionais, em que se possa alterar alguns aspetos menos positivos apresentados pela população estudada.

Neste sentido, foram escolhidas duas escolas localizadas em diferentes contextos, o Externato Capitão Santiago de Carvalho por se situar num meio rural, em Alpedrinha, em que os alunos pertencentes a esta escola são de aldeias mais pequenas, onde provavelmente as relações de proximidade são mais fortes, e a Escola João Roiz de Castelo Branco, situada numa cidade, meio urbano.

Desta forma através da aplicação de um questionário do tipo fechado pretendia-se saber qual a imagem/representação que as crianças/jovens têm dos mais velhos, perceber até que ponto o meio e a escolas contribuem para a construção da imagem/representação dos idosos, ter conhecimento se os alunos possuem contacto com as pessoas mais velhas e quais as atividades que gostariam de desenvolver com eles. O projeto “O espelho da velhice através da visão de crianças e jovens - meio urbano versus meio rural” apresenta como objetivos:

Objetivos gerais:

- ✓ Compreender se existem construções diferentes sobre a imagem/representação das pessoas mais velhas em contexto urbano (Castelo Branco) e meio rural (Alpedrinha);

- ✓ Saber como as crianças /jovens se imaginam na sua velhice;
- ✓ Promover as relações intergeracionais, de forma a criar uma representação da velhice mais positiva, combater os estereótipos associados ao idoso, e promover um envelhecimento mais ativo, integrando socialmente os idosos.

Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer a representação que as crianças/jovens têm dos mais velhos;
- ✓ Saber se a visão que as crianças/jovens têm dos mais velhos está marcada por estereótipos;
- ✓ Saber se as crianças/jovens possuem contato com os idosos e se consideram importante esta relação de proximidade no seu desenvolvimento pessoal e social;
- ✓ Conhecer quais as atividades que, as crianças/jovens, gostariam de desenvolver com os mais velhos;
- ✓ Aproximar gerações, integrando socialmente os mais velhos;
- ✓ Apurar se as relações de proximidade (avós-netos) influenciam a imagem que se tem dos mais velhos;
- ✓ Saber se as crianças/jovens consideram ou não importante a educação sobre os mais variados aspetos do envelhecimento;
- ✓ Ter conhecimento se as escolas contribuem ou não para a promoção das relações intergeracionais;
- ✓ Saber como as crianças/jovens se veem na velhice.

2. Método

O presente estudo é de natureza quantitativa e foi utilizado um questionário do tipo fechado, a população escolhida é de conveniência por maior facilidade de contacto com os mesmos e de modo a estudar as visões/construções que os alunos possuem do envelhecimento em diferentes contextos. O questionário foi dividido em sete partes para uma melhor interpretação dos dados, sendo estas a forma como identificam e caracterizam a pessoa idosa, o que pensam as crianças/jovens que os idosos devem fazer, as relações intergeracionais e os seus benefícios, as relações amorosas na terceira idade e o que pensam os inquiridos sobre este assunto, os avós, a escola como promotora de encontros intergeracionais e, por último, como se imaginam na velhice.

De acordo com Ghiglione e Matalon (1993:127) num questionário todas as questões são formuladas previamente e o entrevistador deve colocá-las sem adaptação nem explicação. Assim, é possível comparar as diferentes respostas, podendo-se quantificá-las e desta forma utilizá-las para uma exploração estatística.

O questionário pode conter perguntas abertas, perguntas fechadas ou ser misto. O questionário de perguntas abertas requer uma resposta construída e escrita pelo sujeito que responde, onde este utiliza as suas próprias palavras, existindo desta forma uma maior liberdade para poder expressar o que sente sobre um determinado assunto. No questionário do tipo fechado, o respondente tem de escolher entre as diferentes respostas alternativas fornecidas pelo autor. Ambos os questionários oferecem vantagens e desvantagens, sendo que o questionário de pergunta aberta apresenta como vantagens o facto de prestar mais informação e ser mais detalhada, rica e inesperada, e como desvantagens a necessidade de mais tempo para as codificar, é preciso utilizar pelo menos dois avaliadores na sua interpretação e codificação das respostas, as respostas são mais difíceis de analisar e requer muito tempo. Por outro lado, os questionários de resposta fechada apresentam uma maior facilidade na aplicação de análises estatísticas para analisar as respostas e muitas vezes é possível analisar os dados de forma sofisticada. Como desvantagens deste tipo de questionário pode apontar-se que as respostas são menos ricas na informação prestada e as suas conclusões mais simples (Hill e Hill 2005:93).

Assim sendo, o instrumento escolhido foi um questionário do tipo fechado, construído pela mestrandia com uma escala nominal SIM/NÃO. Quando é redigida uma primeira versão do instrumento, isto é quando a formulação das questões e a sua ordem está estabelecida previamente, é fundamental garantir que o questionário é de facto aplicável e que responde aos problemas colocados pelo investigador. Esta fase de verificação designa-se por pré-teste, que não deve ser entendido apenas como um simples ensaio de questionário numa pequena escala. Neste sentido, é necessário distinguir-se duas fases no pré-teste de um questionário, enquanto a primeira respeita às questões consideradas por si só a segunda diz respeito à totalidade e condições de aplicação. A primeira fase pode efetuar-se junto de um número reduzido de pessoas, por vezes uma dezena revela-se suficiente, as questões são apresentadas tal como estão formuladas, contudo é pedido que se comente as questões de modo a identificar quais as dificuldades sentidas no preenchimento do mesmo (Ghiglione e Matalon 1993:172).

Para validação do instrumento de trabalho foi realizado um pré-teste no Agrupamento de Escolas Ribeiro Sanches e S. Vicente da Beira, em Alcains. Após a sua elaboração seguiu-se a fase de validação, tendo para efeito recorrido a um conjunto de alunos com as mesmas características da população, mas que não fazem parte da mesma. Estes alunos pertencem à escola básica e secundária, do referido Agrupamento de Alcains, e são três alunos de cada ano, 5º, 7º e 9ºanos. Os alunos questionados tinham idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, sendo oito do sexo feminino e um do sexo masculino. O pré-teste não foi aplicado pela mestrandia

por impossibilidade de deslocação à escola, maior rapidez no processo de validação e uma vez que foi aplicado por uma professora da escola não foi necessário pedido de autorização. Por não ter sido possível ser a mestranda a aplicar o instrumento, foi realizado um pequeno questionário de avaliação para melhor perceber as dificuldades dos alunos. Através deste foi perguntado aos alunos se tinha sido fácil entender o questionário, se precisaram de ajuda para o entender, se retiravam alguma questão e ainda que indicassem quanto tempo dispensaram para o preenchimento dos mesmos. Foi possível perceber que todos os alunos entenderam facilmente todas as questões e que não necessitaram de ajuda para as perceber, podendo-se assim deduzir que as perguntas estão elaboradas de forma direta e clara. Relativamente à questão se retiravam alguma pergunta do questionário oito alunos responderam que não, sendo que um aluno referiu que “Nunca, porque as perguntas foram interessantes”, enquanto outro aluno afirmou retirar a questão “Concordas com o facto de os idosos viúvos ou divorciados voltarem a namorar ou a casar?”, embora não tenha justificado o porquê. No que respeita ao tempo despendido no preenchimento do instrumento estes variaram entre os 5 e os 24 minutos, sendo que um aluno demorou 5 minutos, um 15 minutos, outro 24 minutos e cinco alunos demoraram 20 minutos e uma aluna não respondeu.

3. Caracterização da amostra

Para que fosse possível realizar o estudo em causa, foram contactadas as escolas para pedido de autorização e posteriormente para saber quantos alunos tinha cada escola e respetivas turmas. Através do contacto com as escolas, foi fornecida uma lista do número de alunos, que contava com a participação inicial no estudo de 418 alunos, o que perfazia um total para o meio rural de 112 alunos e para o meio urbano um total de 306 alunos. Contudo, o estudo contou apenas com a participação de 387 alunos (92,6%), sendo que 95 são de meio rural pertencentes ao colégio Externato Capitão Santiago de Carvalho (ECSC), e 292 ao Mega Agrupamento Amato Lusitano de Castelo Branco, Escola João Roiz de Castelo Branco (EJRCB). Mais especificamente, são no total do 5º ano 144 alunos, do 7ºano 132 alunos, e do 9ºano são 111 alunos. O não preenchimento de 31 questionários (7,6%) foi justificada pela ausência de alguns alunos ou pelo facto de os alunos que frequentam, atualmente, as turmas não corresponder às listas fornecidas inicialmente.

Através da observação dos dados, pode verificar-se que no Externato Capitão Santiago de Carvalho na turma de 5º ano predomina o sexo feminino com 56%, no 7º ano o sexo masculino com 51%, tal como na turma de 9º ano com 59%. Já na escola João Roiz de Castelo Branco no 5ºano a maioria são rapazes com 54%, no 7º ano as raparigas com 59% bem como na turma de 9º ano com 51% (consultar tabela 1).

Tabela 1- Sexo dos alunos

Sexo	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Feminino	56%	46%	59%	49%	49%	51%
Masculino	44%	54%	41%	51%	51%	49%

As idades dos alunos variam entre os 9 anos e os 13 anos de idade nas turmas de 5ºano, já nas turmas de 7º ano variam entre os 11 e os 16 anos e por fim nas turmas de 9ºano há alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos. Relativamente às localidades, os alunos são provenientes de diversos locais, destacando-se Castelo Branco, Cebolais de Cima, Alpedrinha, Atalaia do Campo, Póvoa de Atalaia, Soalheira e Lardosa.

Gráfico 1: Idade 5ºano ECSC

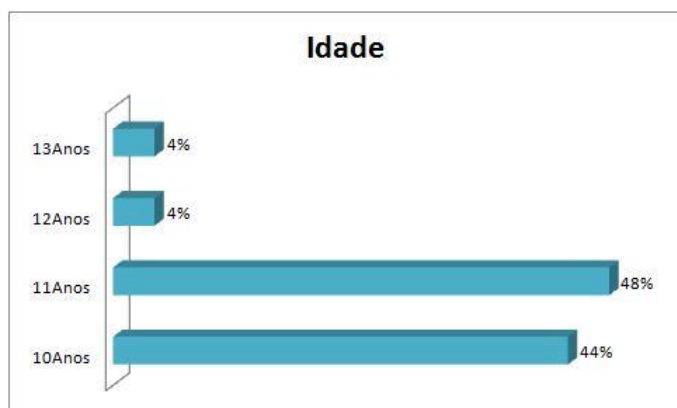


Gráfico 2: Idade 5ºano EJRCB

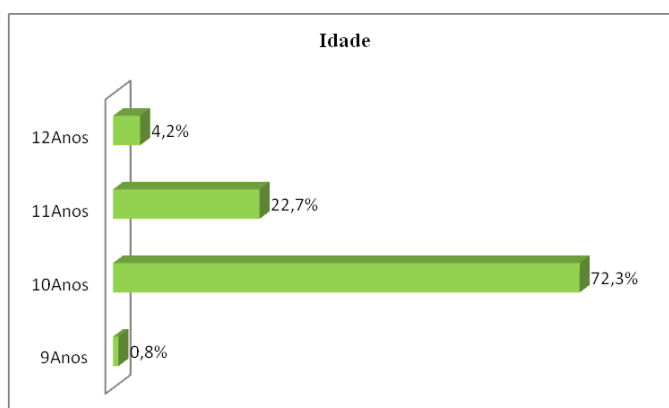


Gráfico 3: Idade 7ºano ECSC

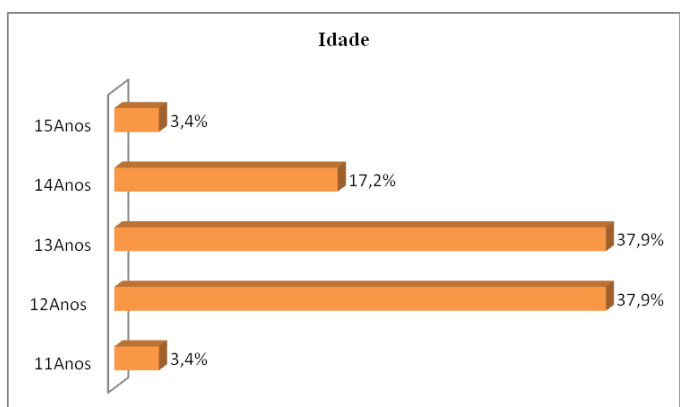


Gráfico 4: Idade 7ºano EJRCB

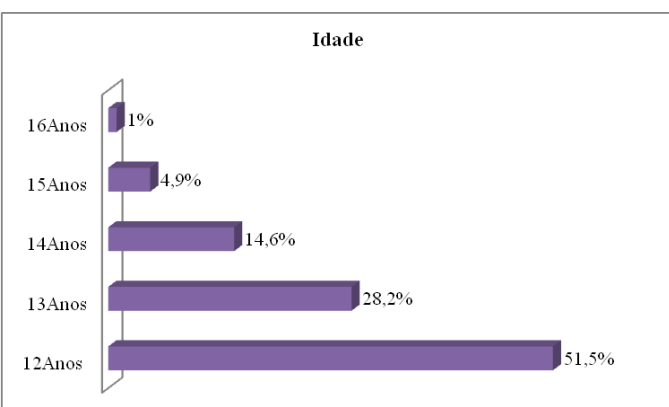


Gráfico 5: Idade 9ºano ECSC

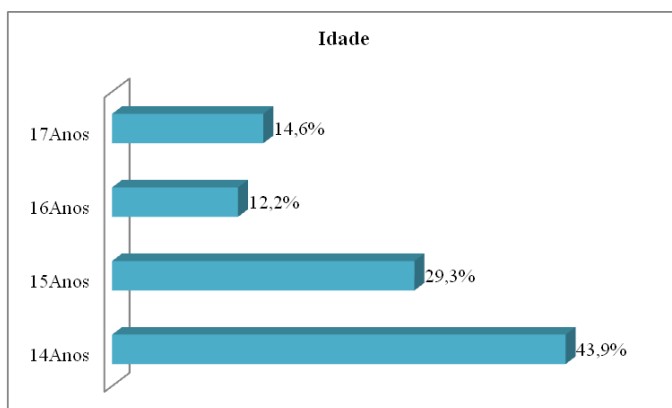
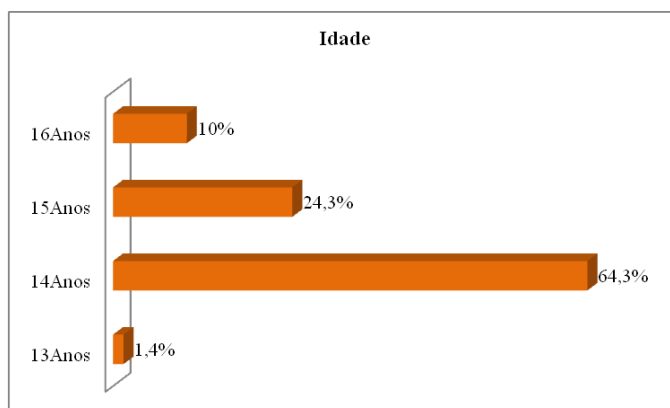


Gráfico 6: Idade 9ºano EJRCB



4. Resultados

As primeiras perguntas do questionário realizado aos alunos tinham como intuito conhecer a como caracterizam a pessoa idosa, sendo por isso relevante saber a partir de que idade os inquiridos consideram uma pessoa idosa. Após a análise dos seguintes gráficos pode perceber-se que para a maioria dos alunos de 5ºano, um indivíduo é considerado idoso quando tem 75 e mais anos. Contudo, é de realçar que no 5ºano, da EJRCB, 42,9% aponta a entrada na velhice para os 65 e mais anos.

Nos alunos de 7ºano, encontram-se diferenças entre os dois meios estudados, pois em Alpedrinha a pessoa é considerada idosa quando atinge os 75 e mais anos, já em Castelo Branco quanto chega aos 65 e mais anos.

Nos alunos mais velhos, na sua maioria, a pessoa é idosa com 65 e mais anos.

Gráfico 7: Idade da pessoa Idosa 5ºano ECSC

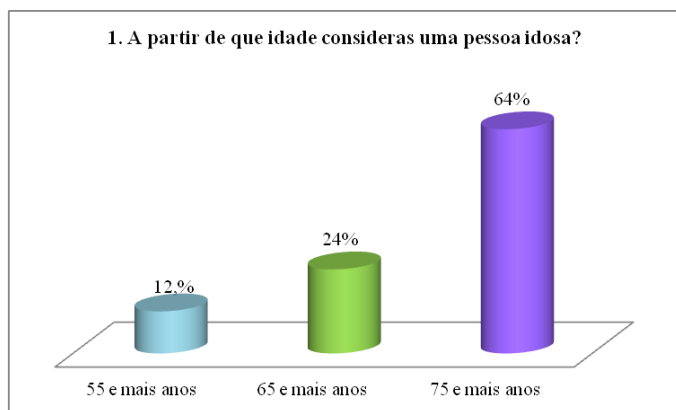


Gráfico 8: Idade da pessoa Idosa 5ºano EJRCB

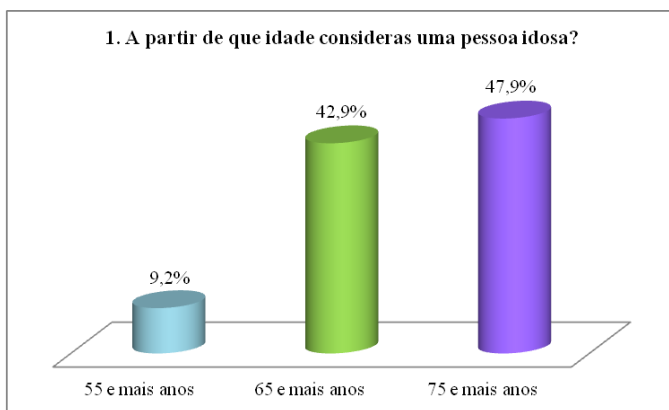


Gráfico 9: Idade da pessoa Idosa 7ºano ECSC

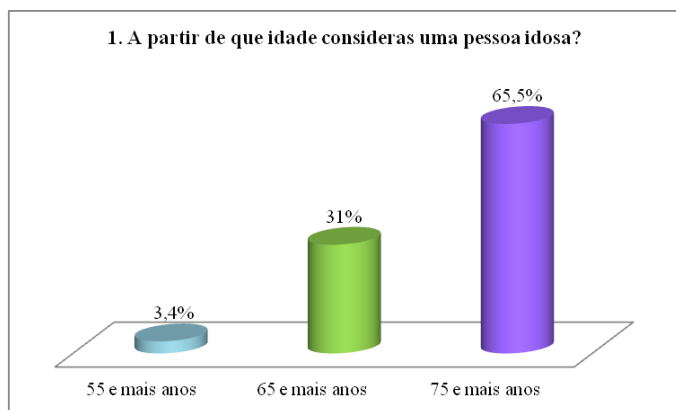


Gráfico 10: Idade da pessoa Idosa 7ºano EJRCB

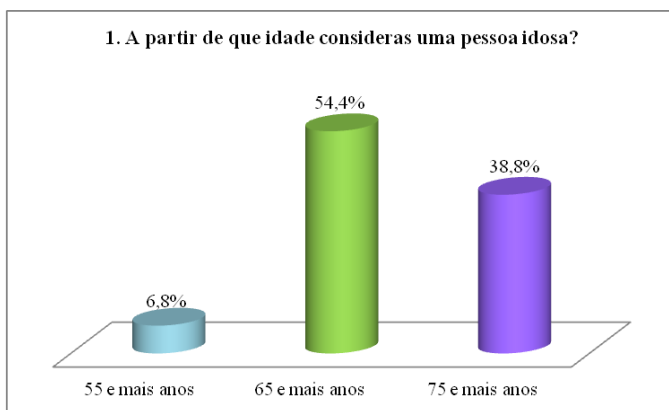


Gráfico 11: Idade da pessoa Idosa 9ºano ECSC

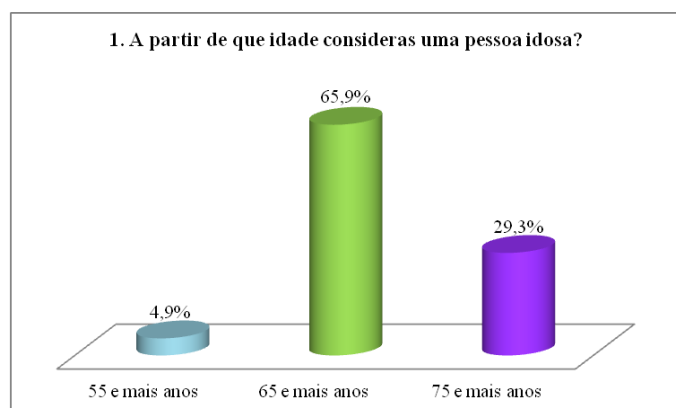
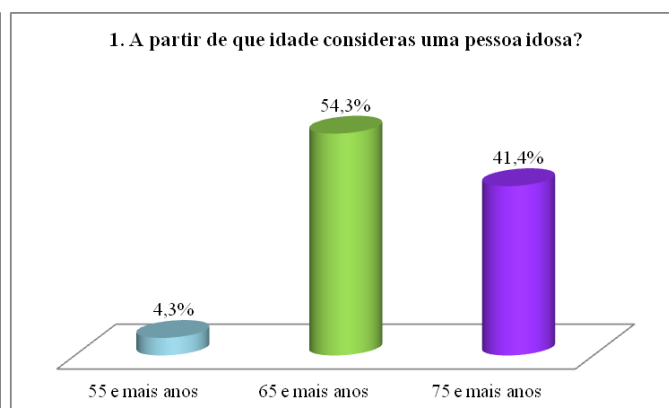


Gráfico 12: Idade da pessoa Idosa 9ºano EJRCB



De seguida foram questionados sobre os diversos fatores que poderão estar na origem da identificação de uma pessoa mais velha, tendo sido solicitado que entre as opções apresentadas os alunos selecionassem 2. Não se observam diferenças relevantes entre os alunos das duas escolas, visto que na sua maioria, indicam a idade e aspeto físico e a mobilidade como os principais fatores que os levam a considerar uma pessoa idosa (observar gráficos 13 a18).

Gráfico 13: Caracterização dos idosos 5ºano ECSC

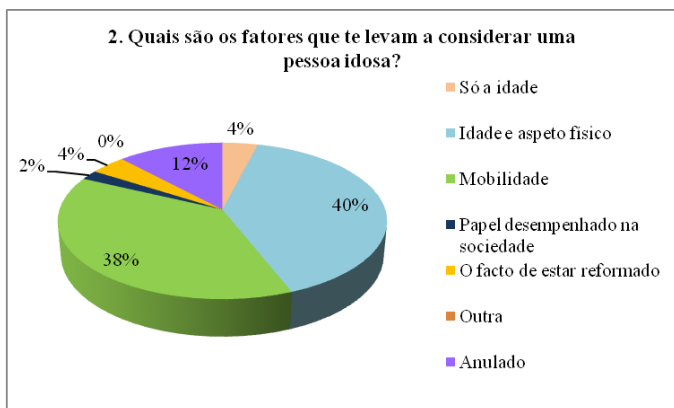


Gráfico 14: Caracterização dos idosos 5ºano EJRCB

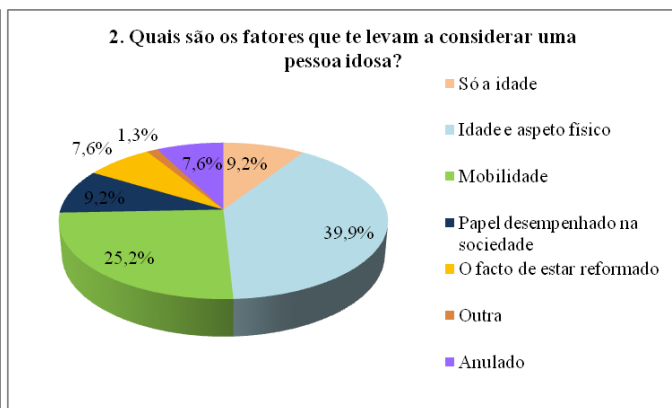


Gráfico 15: Caracterização dos idosos 7ºano ECSC

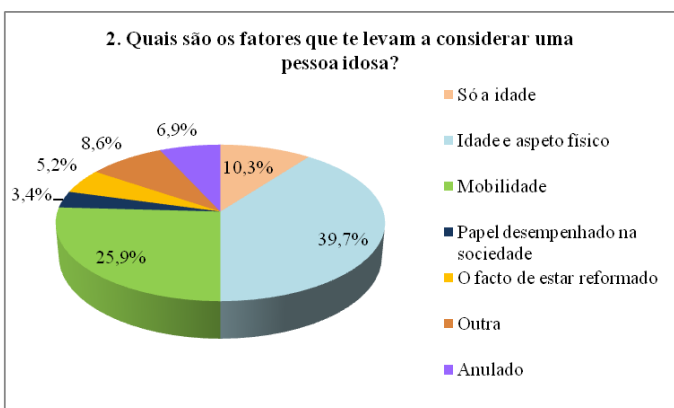


Gráfico 16: Caracterização dos idosos 7ºano EJRCB

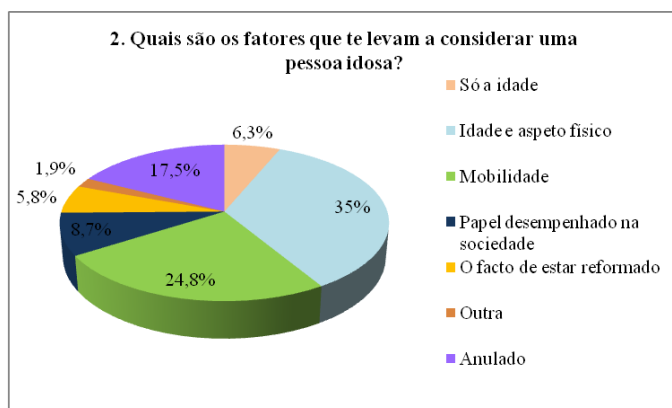


Gráfico 17: Caracterização dos idosos 9ºano ECSC

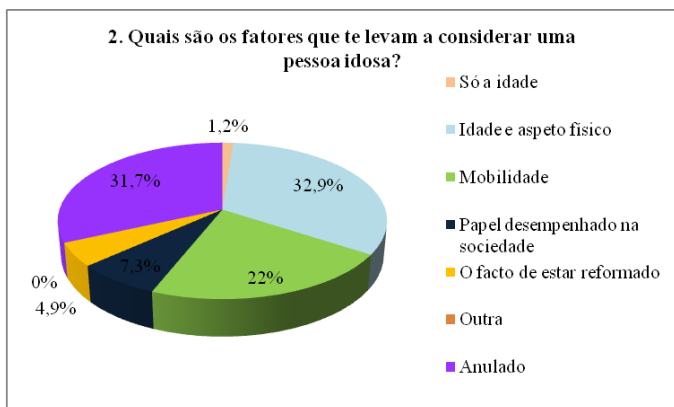
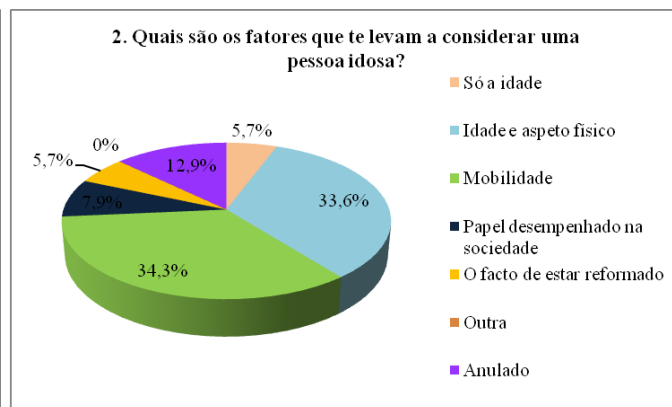


Gráfico 18: Caracterização dos idosos 9ºano EJRCB



Na pergunta número 3, os alunos foram questionados sobre as características que os levava a diferenciar as pessoas mais velhas de outros grupos etários.

Através da análise dos gráficos (19 a 24) abaixo apresentados, pode constatar-se que são as características que são visíveis, aquelas que conduzem os alunos a

distinguir os idosos de outras classes etárias, destacando-se, em todas as turmas, o aspeto físico e o uso de auxiliares.

Gráfico 19: Idosos e outras classes etárias 5ºano ECSC

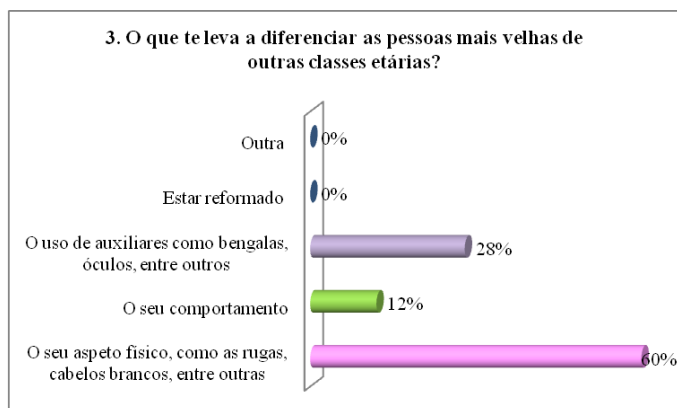


Gráfico 20: Idosos e outras classes etárias 5ºano EJRCB

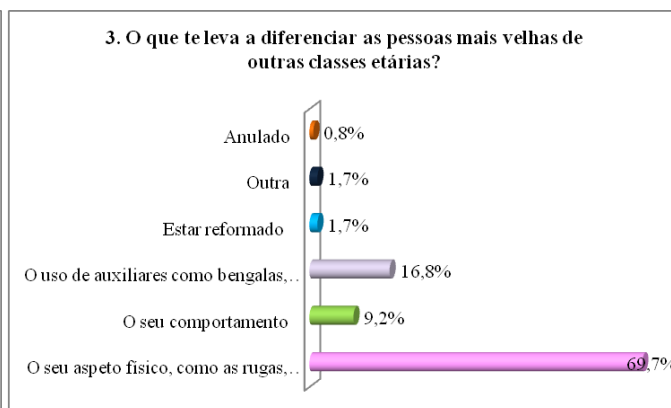


Gráfico 21: Idosos e outras classes etárias 7ºano ECSC

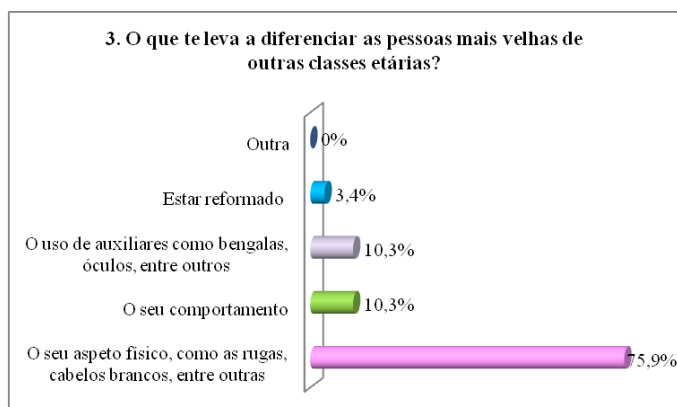


Gráfico 22: Idosos e outras classes etárias 7ºano EJRCB

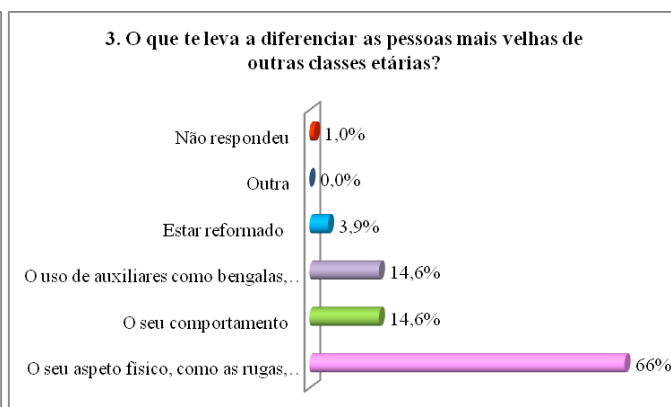


Gráfico 23: Idosos e outras classes etárias 9ºano ECSC

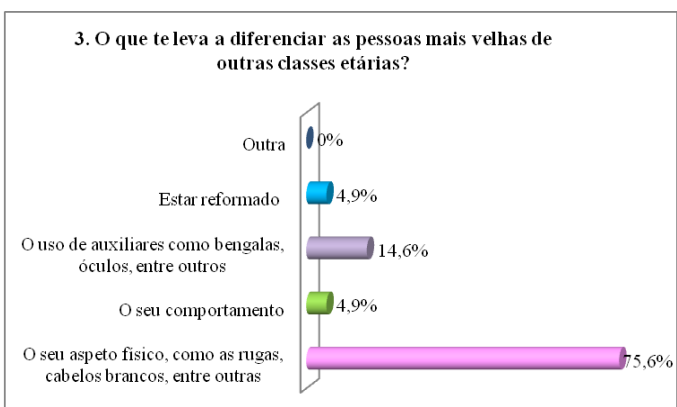
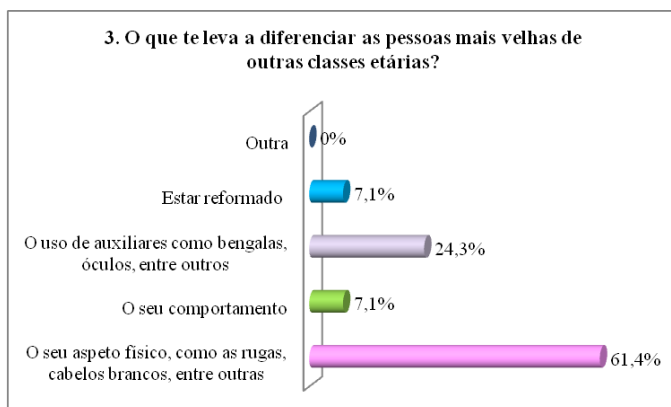


Gráfico 24: Idosos e outras classes etárias 9ºano EJRCB



Posteriormente, foi perguntado às crianças/jovens quais são as principais perdas que acontecem na velhice. Quando analisados os gráficos (25 a 30), verifica-se que a maioria dos alunos identifica como as principais perdas na velhice, as que acontecem

com a visão, audição, memória e as perdas físicas, como a mobilidade. É de realçar que em meio urbano, as turmas de 9ºano, para além de reconhecerem as perdas na visão, audição e memória, também apontam como uma das principais perdas na velhice, as que estão relacionadas com a saúde, com 29,3%.

Gráfico 25: Perdas na velhice 5ºano ECSC

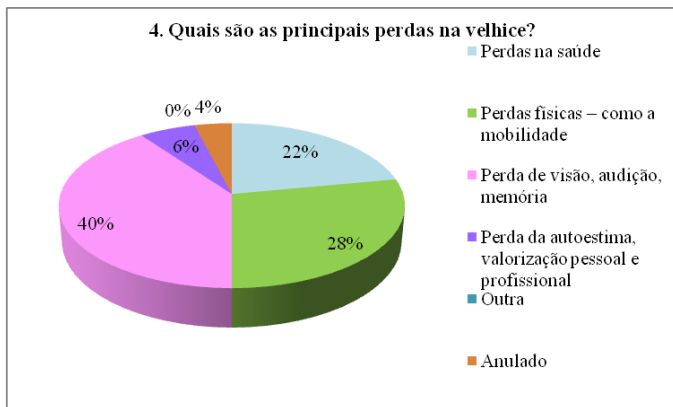


Gráfico 26: Perdas na velhice 5ºano EJRCB

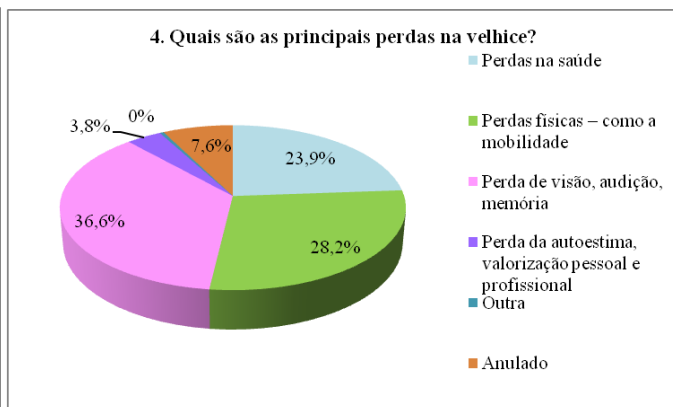


Gráfico 27: Perdas na velhice 7ºano ECSC

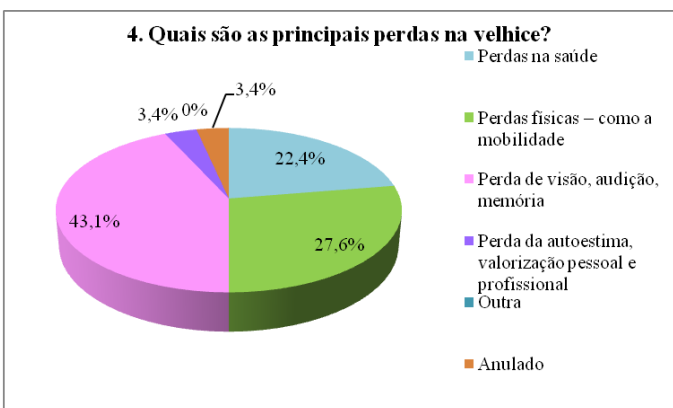


Gráfico 28: Perdas na velhice 7ºano EJRCB

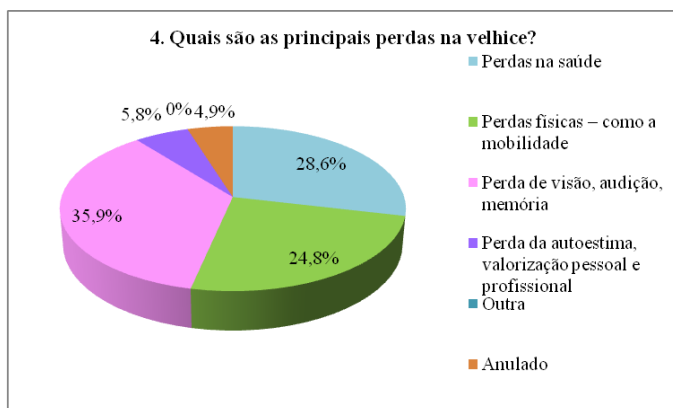


Gráfico 29: Perdas na velhice 9ºano ECSC

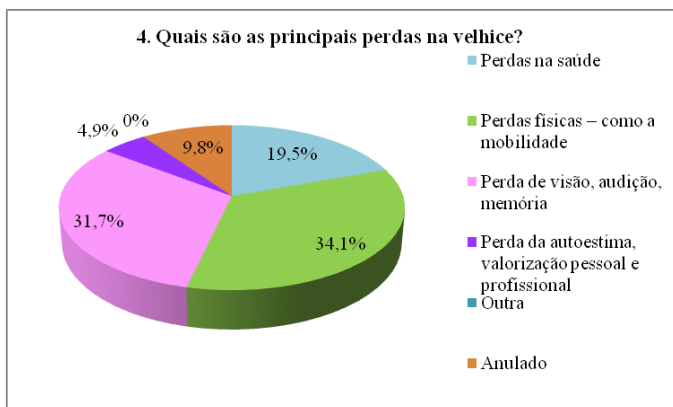
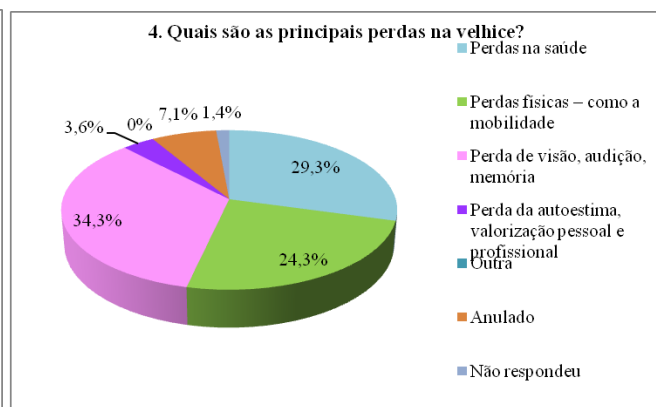


Gráfico 30: Perdas na velhice 9ºano EJRCB



No contexto do estudo e tendo em conta as implicações que o aumento do número de idosos tem na nossa sociedade juntamente com a diminuição de jovens, considerou-se importante saber qual é a perspetiva das crianças/jovens quanto ao modo como pensam que os idosos são encarados pela sociedade e, assim, entender se existe algum estereótipo relacionado com o facto de os idosos apenas serem um peso para a sociedade, desvalorizando as suas potencialidades ou, se pelo contrário, são considerados como úteis, valorizando as suas experiências e conhecimentos. Deste modo, foi possível perceber junto dos alunos de 5º ano, que a sociedade encara os idosos como úteis, porque têm muitos conhecimentos e experiência, conforme se pode verificar através dos gráficos 31 e 32. Contudo, não se pode deixar de referir que 24% dos alunos de 5º ano de meio rural, apontam que a sociedade olha os idosos de forma dispensável, porque estão ultrapassados.

Relativamente aos alunos no 7º ano de escolaridade, em ambas as escolas, estão de acordo com a visão que a sociedade tem dos idosos, concluindo-se que é uma imagem positiva, conforme indicam os gráficos 33 e 34. Quanto aos alunos de 9º ano, a maioria dos alunos indica uma imagem positiva dos idosos. Contudo, destaca-se que 20% dos alunos, de meio rural, e 27%, de meio urbano, considera que são dispensáveis, porque estão ultrapassados e um peso/fardo, tal como se pode observar nos gráficos 35 e 36.

Gráfico 31: Como são encarados os idosos 5º ano ECSC

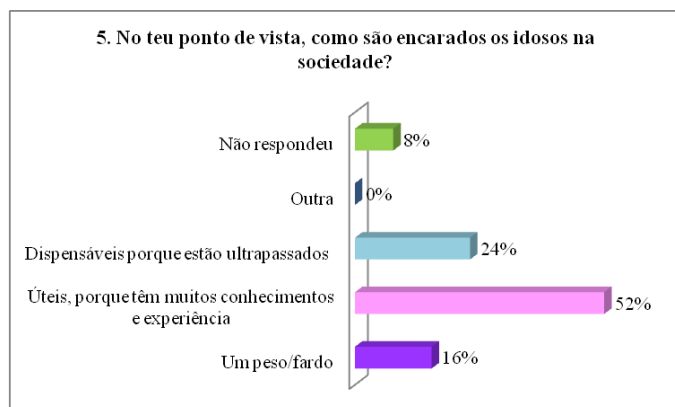


Gráfico 32: Como são encarados os idosos 5º ano EJRCB

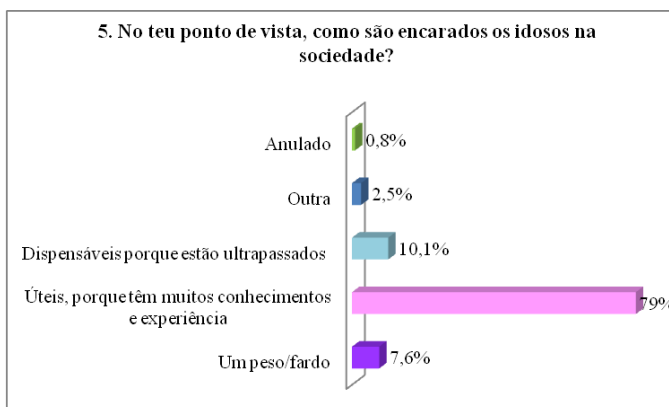


Gráfico 33: Como são encarados os idosos 7ºano ECSC

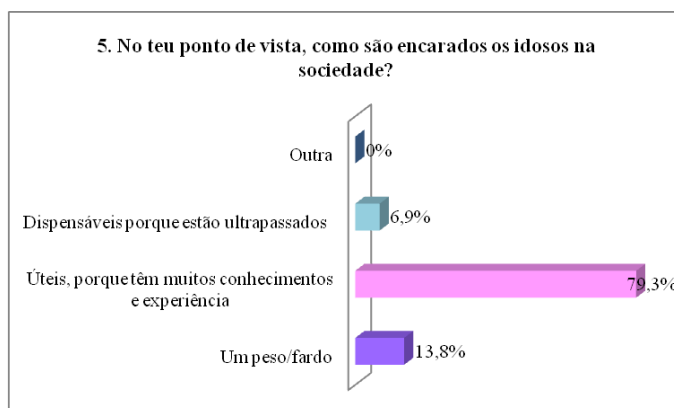


Gráfico 34: Como são encarados os idosos 7º ano EJRCB

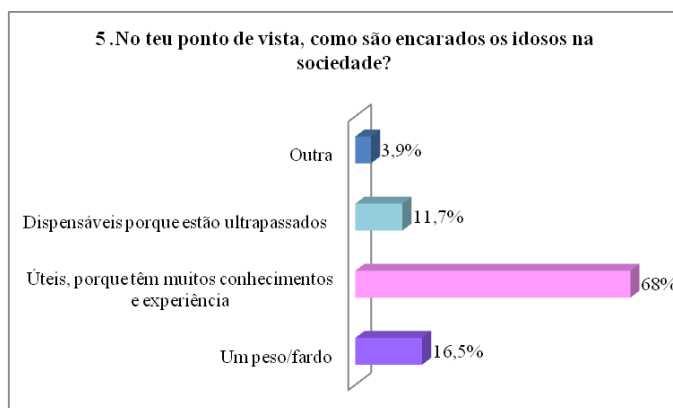


Gráfico 35: Como são encarados os idosos 9ºano ECSC

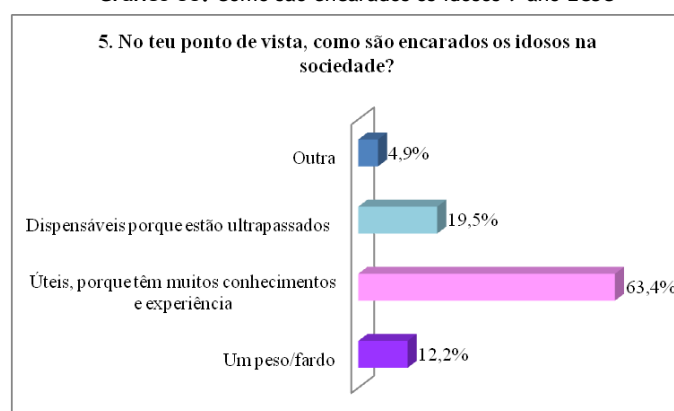
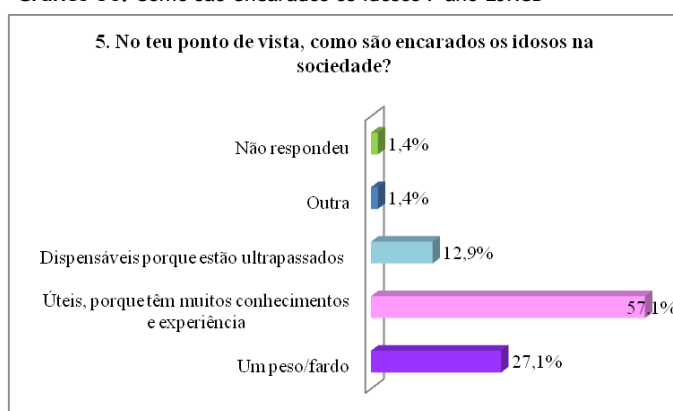


Gráfico 36: Como são encarados os idosos 9ºano EJRCB



Numa sociedade envelhecida importa saber se as crianças/jovens conseguem perceber se os idosos desempenham uma função social fundamental, a de transmissão de conhecimentos. Em todos os anos as crianças/jovens reconhecem esta função dos idosos, não existindo dúvidas sobre esta questão, tal como se pode confirmar na tabela 2.

Tabela 2: Função social dos idosos de transmissão de conhecimentos

Consideras que os idosos desempenham a função social fundamental de transmissão de conhecimentos?	5º ano ECSC	5º ano EJRCB	7º ano ECSC	7º ano EJRCB	9º ano ECSC	9º ano EJRCB
Sim	92%	88,2%	96,6%	89,3%	97,6%	95,7%
Não	8%	6,7%	3,4%	9,7%	2,4%	4,3%
Não respondeu	0%	5%	0%	1%	0%	0%

Com o intuito de conhecer de que forma as crianças/jovens caracterizam emocional e socialmente as pessoas mais velhas foram questionadas sobre como são os mais velhos. As crianças/jovens do estudo descrevem a pessoa idosa de forma positiva, como se pode constatar através da análise à tabela 3. Os idosos foram descritos como pessoas com sabedoria e devem ser respeitadas, de convivência agradável, como sendo alegres e muito importantes. No entanto, nas turmas de 7 e 9ºanos, em Alpedrinha, surgem características relacionadas com a doença e a fragilidade.

Tabela 3: Características das pessoas mais velhas

7. Para ti as pessoas mais velhas:	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Pessoas com sabedoria e devem ser respeitadas	28%	28,9%	29,9%	29,8%	30,1%	28,6%
Resmungonas	2,7%	1,1%	4,6%	4,2%	5,7%	5,7%
Pessoas de agradável convivência	18,7%	22,1%	12,6%	15,9%	14,6%	14,8%
Isoladas	1,3%	2,2%	5,7%	4,5%	3,3%	6,2%
Doentes/pessoas frágeis	8,0%	7%	12,6%	9,4%	12,2%	9,5%
Alegres	16%	12,3%	11,5%	9,4%	12,2%	8,6%
Ativas	1,3%	2,2%	1,1%	1,3%	0,8%	1%
Inúteis	1,3%	0%	2,3%	0%	1,6%	0%
Preocupam-se com a sua aparência	1,3%	2,2%	1,1%	1,3%	0%	1%
São descuidadas na imagem pessoal	2,7%	1,7%	2,3%	2,3%	6,5%	4,3%
São muito importantes	13,3%	17,4%	14,9%	16,5%	11,4%	13,3%
Não são importantes	0%	0%	1,1%	0,3%	0,8%	0%
Outra	1,3%	0,3%	0%	0,3%	0,8%	0%
Anulado	4%	2,5%	0%	4,9%	0%	7,1%

De seguida, quis-se saber quais são os comportamentos das crianças/jovens perante uma pessoa idosa. Através da observação dos seguintes gráficos pode-se concluir que as crianças/jovens, das escolas em estudo, adotam uma postura positiva em relação aos idosos, uma vez que declaram respeitar, cumprimentar e dar atenção às pessoas mais velhas.

Gráfico 37: Comportamento perante os idosos 5ºano ECSC

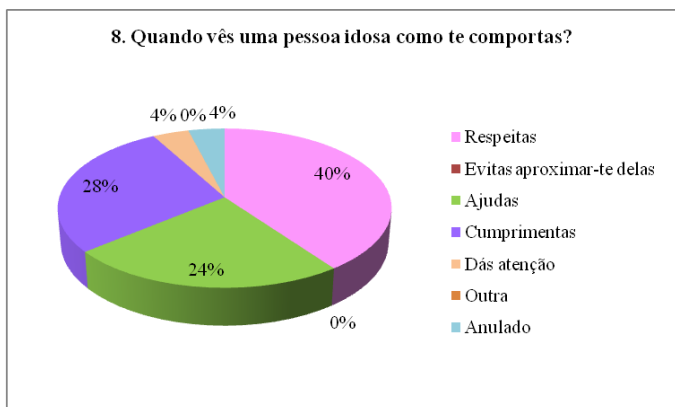


Gráfico 38: Comportamento perante os idosos 5ºano EJRCB

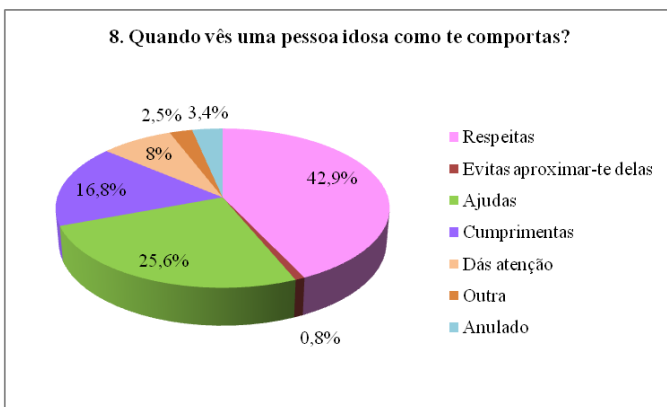


Gráfico 39: Comportamento perante os idosos 7ºano ECSC

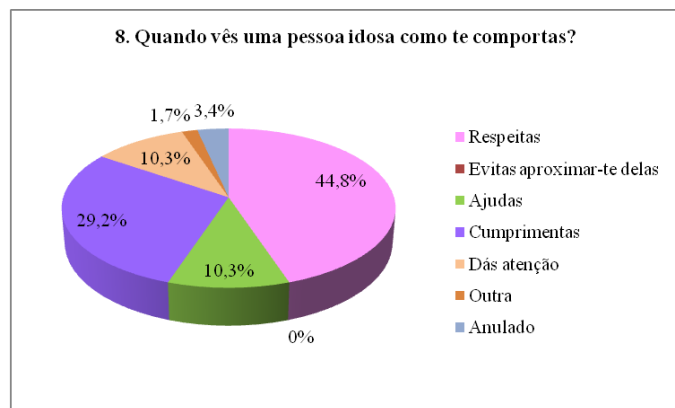


Gráfico 40: Comportamento perante os idosos 7ºano EJRCB

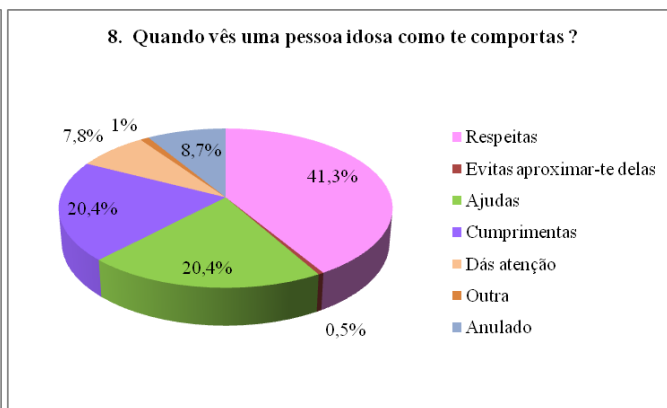


Gráfico 41: Comportamento perante os idosos 9ºano ECSC

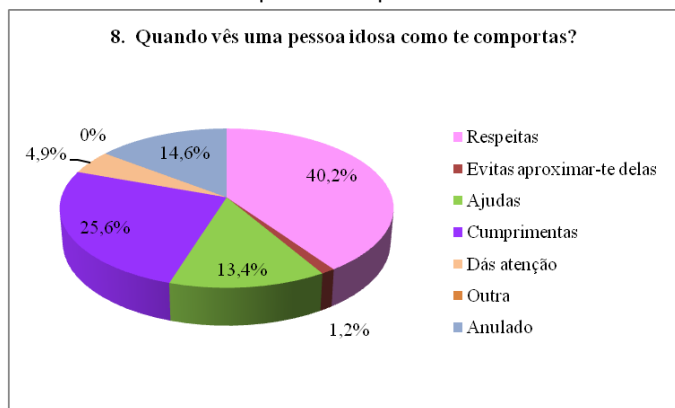
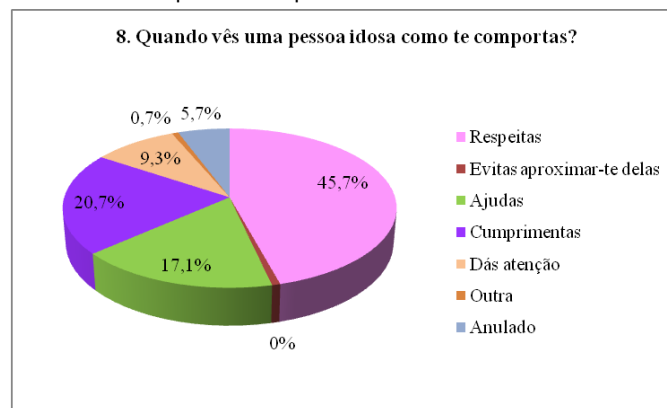


Gráfico 42: Comportamento perante os idosos 9ºano EJRCB



Num estudo em que se pretende conhecer as representações/imagem que as crianças/jovens têm dos mais velhos não se podia colocar de lado a hipótese de existirem, ou não, alguns estereótipos no que respeita ao uso das tecnologias, ao regresso ao estudo, ao trabalhar e ao quotidiano dos idosos. Analisando a tabela 4, relativamente ao que as crianças/jovens pensam sobre se os idosos estão capacitados para mexerem em telemóveis/computadores, em ambas as escolas, para os alunos de 5ºano, se verificou que não. Em oposição a esta perspetiva, temos os alunos de 7ºano

que, em meio rural e urbano, pensam que os idosos estão capacitados para mexerem em telemóveis/computadores. Quanto aos alunos de 9ºano, não existe unanimidade nesta questão, em Alpedrinha os alunos dividem as opiniões uma vez que 48,8% respondem sim e 48,8% respondem não, ao passo que em Castelo Branco os alunos afirmam que os idosos estão capacitados para mexerem em telemóveis/computadores com 65,7%.

Tabela 4: Os mais velhos estão capacitados pra mexerem em telemóveis/computadores?

9. Pensas que os mais velhos estão capacitados para mexerem em telemóveis/computadores ?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Sim	40%	44,5%	51,7%	58,3%	48,8%	65,7%
Não	60%	55,5%	48,3%	40,8%	48,8%	34,3%
Não respondeu	0%	0%	0%	1%	2,4%	0%

No que diz respeito ao facto de os mais velhos estudarem, os alunos que frequentam o 5ºano, em ambas as escolas, consideram que os idosos também não devem estudar, 52% no ECSC e 52,9% na EJRCB, já os alunos de 7º e 9ºanos discordam, defendendo que os mais velhos devem estudar, conforme a tabela 5.

Tabela 5: Os mais velhos devem estudar?

10. Os mais velhos devem estudar?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Sim	48%	45,4%	58,6%	60,2%	61%	75,7%
Não	52%	52,9%	41,4%	38,8%	39%	24,3%
Não respondeu	0%	1,7%	0%	1%	0%	0%

No que diz respeito ao facto de os idosos trabalharem, a maioria dos alunos, nas duas escolas, estão de acordo que os mais velhos não devem trabalhar, tal como se pode constatar na tabela seguinte:

Tabela 6: Os mais velhos devem trabalhar?

11. Os mais velhos devem trabalhar ?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Sim	28%	42,9%	27,6%	30,1%	19,5%	34,3%
Não	72%	55,5%	72,4%	68,9%	80,5%	64,3%
Não respondeu	0%	1,7%	0%	1%	0%	1,4%

Ao observar a tabela 7, respeitante ao quotidiano das pessoas mais velhas, verifica-se que os educandos estão de acordo com o facto de os idosos gostarem de conversar e contar as suas experiências, estarem em casa e passearem. Há ainda referência ao divertimento e idas ao médico.

Tabela 7: Quotidiano dos idosos

12. O que pensas que os idosos fazem no seu dia-a-dia?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Estão em casa	24%	19,9%	13,8%	21%	18,7%	20%
Passeiam	17,3%	21,3%	21,8%	23%	18,7%	26,2%
Estão em instituições	6,7%	4,2%	8%	5,2%	10,6%	8,1%
Trabalham	4%	6,7%	2,3%	4,5%	4,9%	3,8%
Vão ao médico	12%	8,4%	8%	11,3%	11,4%	5,7%
Divertem-se	5,3%	4,5%	9,2%	4,9%	2,4%	5,2%
Gostam de conversar e contar as suas experiências	25,3%	26,9%	31%	25,9%	28,5%	28,6%
Outra	1,3%	3,1%	2,3%	0,3%	0%	1%
Anulado	4%	5%	3,4%	2,9%	4,9%	20%
Não respondeu	0%	0%	0%	1%	18,7%	26,2%

Para se promoverem as relações intergeracionais é importante saber se os alunos gostam de estar com os mais velhos, se costumam estar com idosos, se concordam, ou não, com o facto de os mais velhos conviverem com crianças/jovens, se concordam que as relações intergeracionais podem trazer benefícios para as duas gerações e se esta relação pode ajudar no combate ao isolamento dos mais velhos. É relevante também saber se os alunos pensam que os idosos quando transmitem os seus conhecimentos podem contribuir para que estes repensem as suas experiências passadas, e quais são então as atividades que gostariam de desenvolver com os mais velhos.

No que respeita à questão de gostarem de estar com idosos, pode constatar-se, através da observação dos gráficos 43 a 48, que os alunos de meio rural e meio urbano gostam de estar com pessoas mais velhas.

Gráfico 43: Gosto em estar com idosos 5ºano ECSC

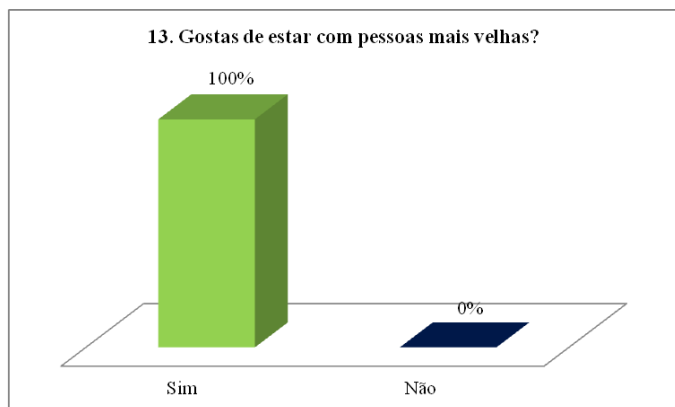


Gráfico 44: Gosto em estar com idosos 5ºano EJRCB

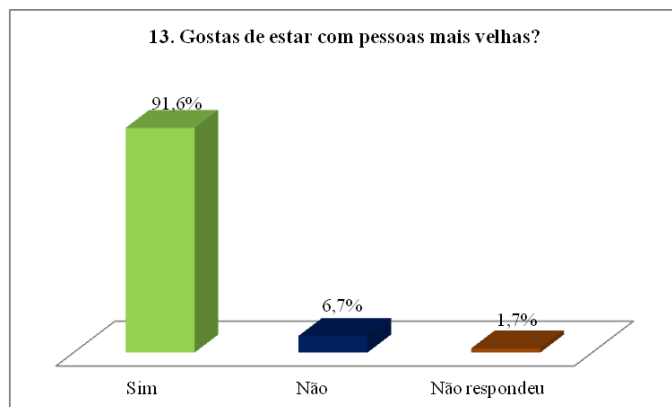


Gráfico 45: Gosto em estar com idosos 7ºano ECSC

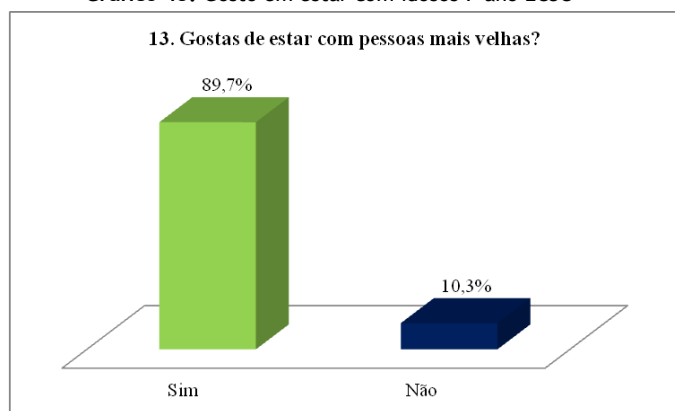


Gráfico 46: Gosto em estar com idosos 7ºano EJRCB

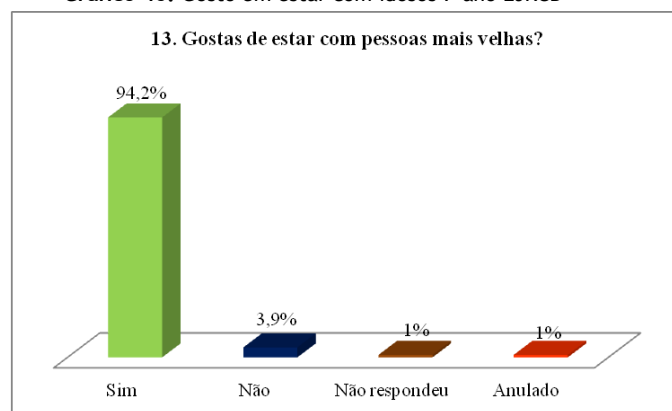


Gráfico 47: Gosto em estar com idosos 9ºano ECSC

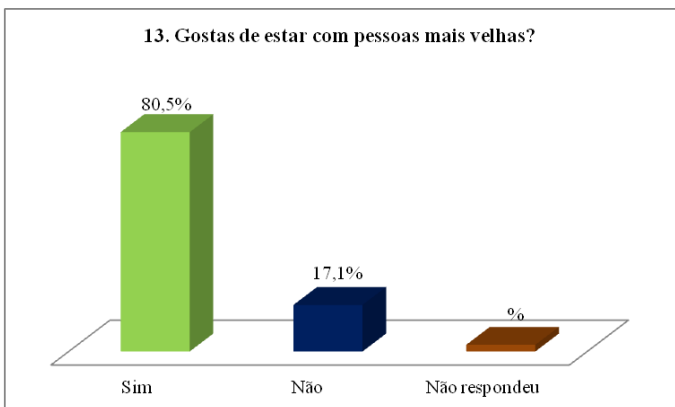
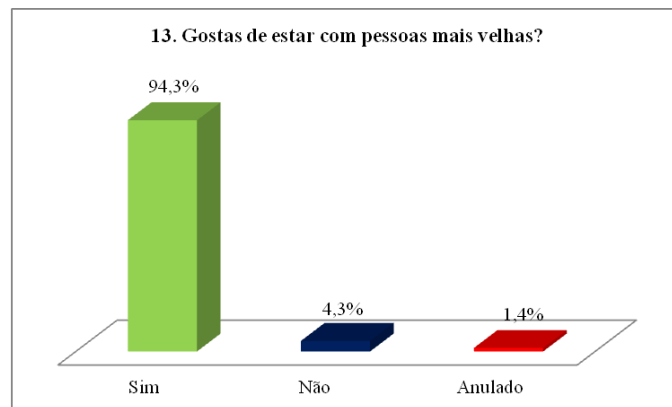


Gráfico 48: Gosto em estar com idosos 9ºano EJRCB



Relativamente à questão se costumam estar com idosos, a maioria dos alunos respondem de forma positiva. Destacando-se a turma de 5ºano, em Alpedrinha, uma vez que 40% responde negativamente, assim como as turmas de 7ºano, com cerca de 30%, nas duas escolas (ver gráficos 49 a 54).

Gráfico 49: Costumas estar com idosos? 5ºano ECSC



Gráfico 50: Costumas estar com idosos? 5ºano EJRCB

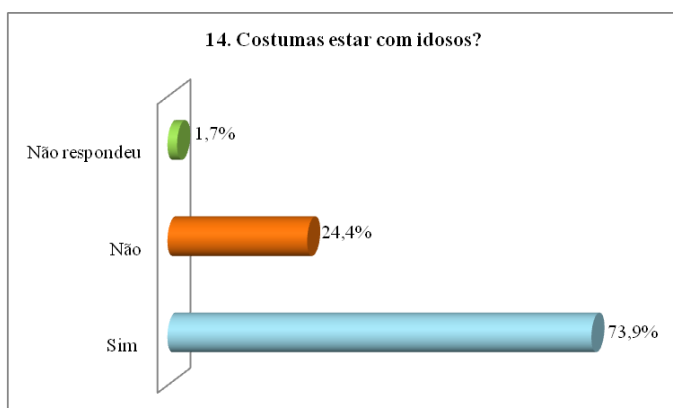


Gráfico 51: Costumas estar com idosos? 7ºano ECSC

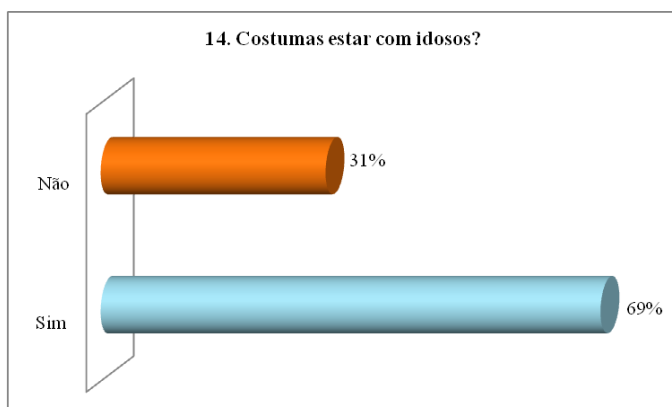


Gráfico 52: Costumas estar com idosos? 7ºano EJRCB

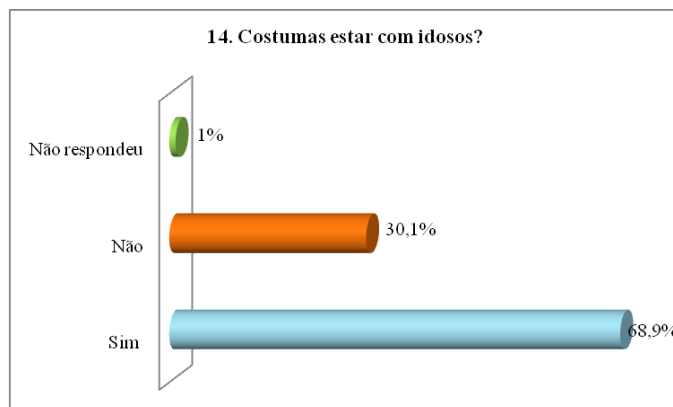


Gráfico 53: Costumas estar com idosos? 9ºano ECSC

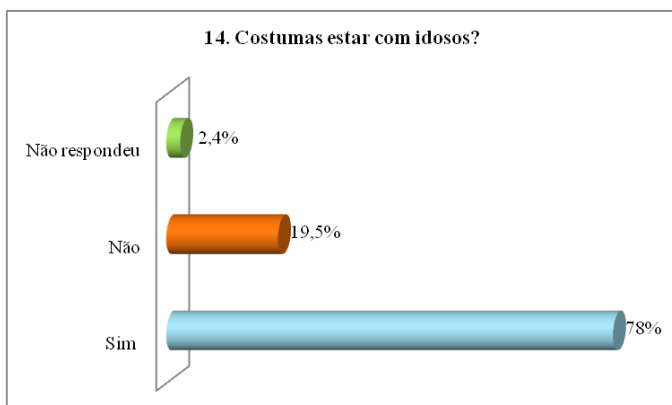
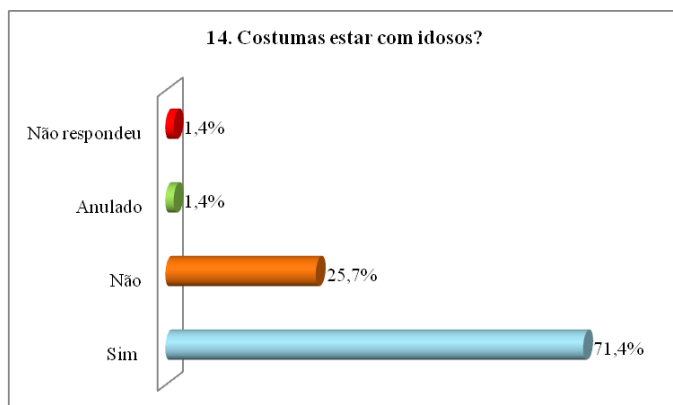


Gráfico 54: Costumas estar com idosos? 9ºano EJRCB



No que respeita à pergunta se os idosos devem conviver com crianças e jovens, analisando a tabela 8, pode-se concluir que não existem dúvidas de que os mais velhos devem conviver e desenvolver atividades com as crianças/jovens.

Tabela 8: Pensas que os mais velhos devem conviver com as crianças/jovens?

15. Pensas que os mais velhos devem conviver e desenvolver atividades com as crianças/jovens?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Sim	92%	90,8%	96,6%	88,3%	95,1%	94,3%
Não	8%	7,6%	3,4%	10,7%	4,9%	4,3%
Não respondeu	0%	1,7%	0%	1%	0%	1,4%

A maioria dos alunos questionados, das duas escolas, consideram que as relações entre crianças e idosos trazem benefícios para as duas gerações, tal como se pode confirmar através dos seguintes gráficos

Gráfico 55: Idosos com crianças/jovens 5ºano ECSC

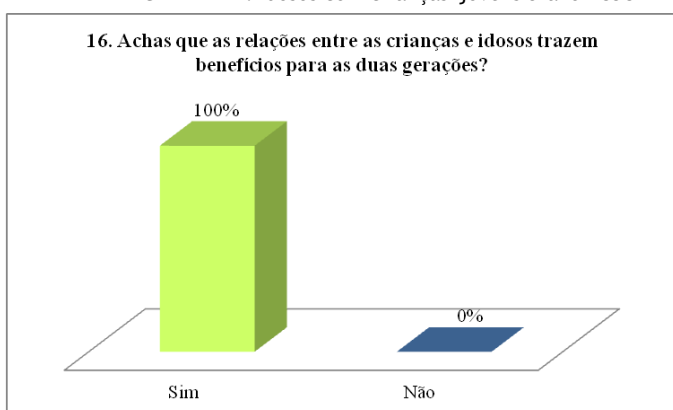


Gráfico 56: Idosos com crianças/jovens 5ºano EJRCB

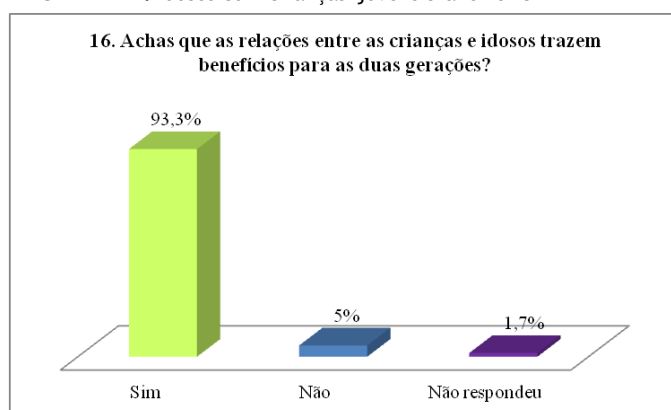


Gráfico 57: Idosos com crianças 7ºano ECSC

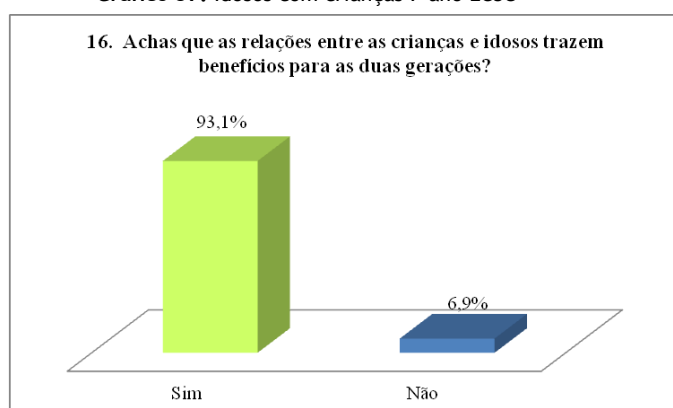


Gráfico 58: Idosos com crianças 7ºano EJRCB

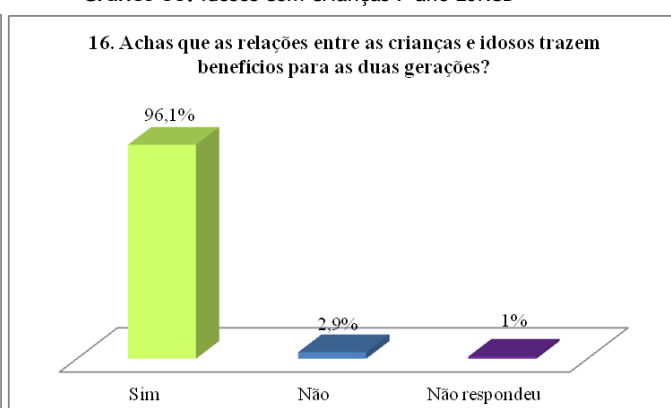


Gráfico 59: Idosos com crianças/jovens 9ºano ECSC

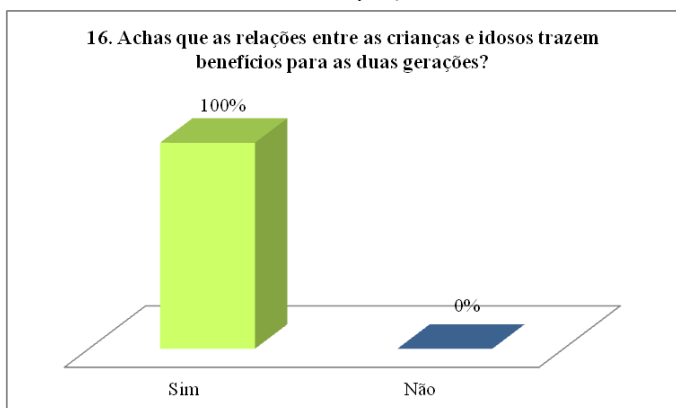
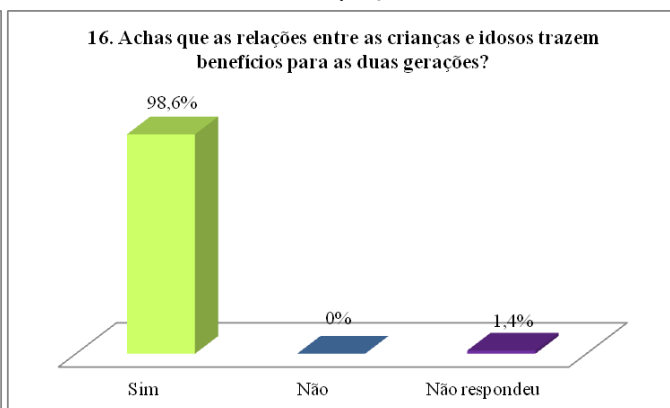


Gráfico 60: Idosos com crianças/jovens 9ºano EJRCB



Os alunos foram ainda questionados sobre se quando estão com os idosos pode haver uma aprendizagem mútua. A análise da tabela 9, permite concluir que quase todos os alunos consideram que quando estão com as pessoas mais velhas podem aprender com elas e os idosos podem aprender com as crianças/jovens.

Tabela 9: Consideras que quando estás com pessoas mais velhas:

17. Consideras que quando estás com pessoas mais velhas:	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Podes aprender com elas	48%	48,3%	48,3%	46,6%	48,8%	47,9%
Não aprendes nada e perdes tempo	0%	0%	1,7%	0,5%	1,2%	0%
Não gostas de estar com elas	0%	0,4%	0%	0%	0%	0,7%
Elas podem aprender contigo	46%	47,9%	46,6%	46,6%	50%	47,1%
Outra	2%	0,8%	0%	1,5%	0%	1,4%
Anulado	4%	0,8%	1,7%	3,9%	0%	1,4%
Não respondeu	0%	0%	0%	1%	0%	1,4%

No que diz respeito ao facto de o contato entre idosos e crianças poder contribuir para o combater o isolamento, tanto em meio urbano como em meio rural, a grande maioria dos educandos considera que o contacto dos idosos com as crianças/jovens pode contribuir para combater o seu isolamento (ver gráficos 61 a 66).

Gráfico 61: Isolamento dos idosos 5ºano ECSC

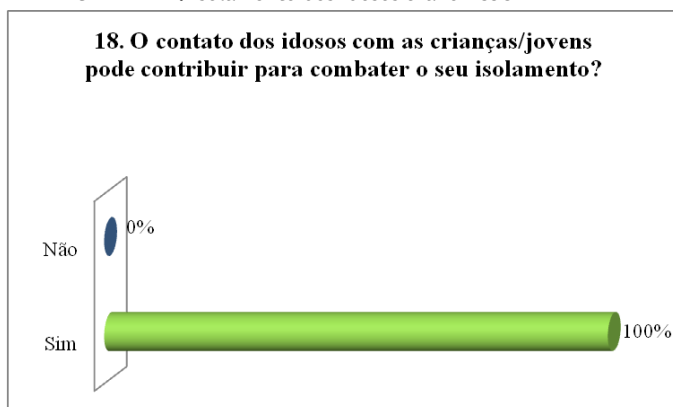


Gráfico 62: Isolamento dos idosos 5ºano EJRCB

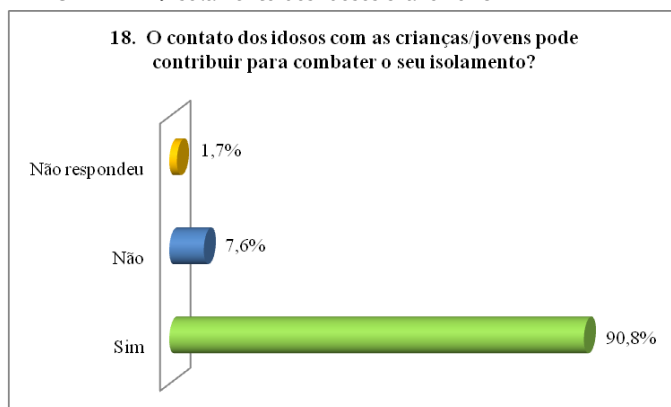


Gráfico 63: Isolamento dos idosos 7ºano ECSC

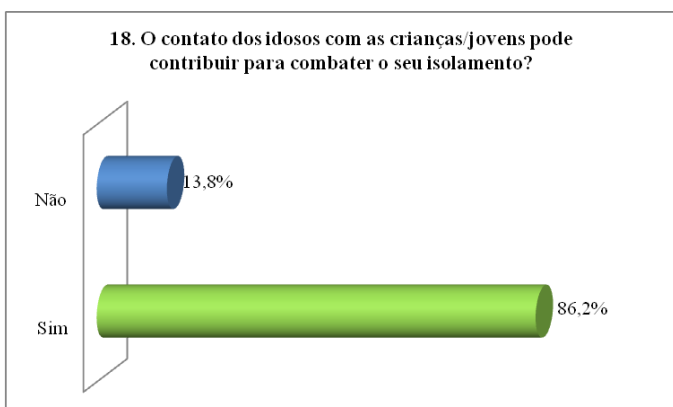


Gráfico 64: Isolamento dos idosos 7º ano EJRCB

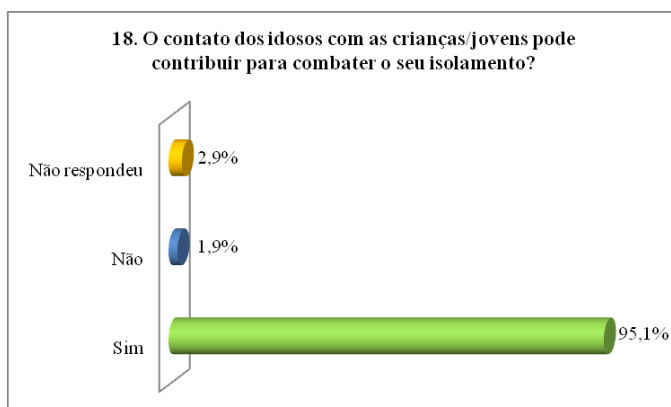


Gráfico 65: Isolamento dos idosos 9ºano ECSC

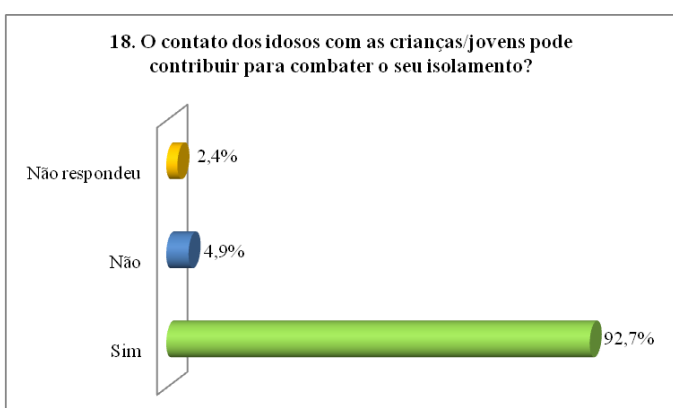
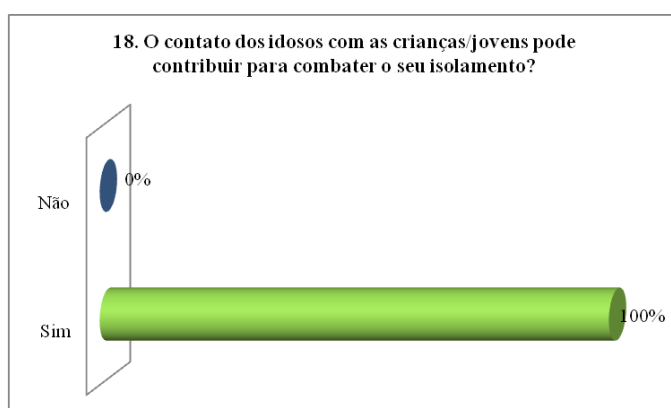


Gráfico 66: Isolamento dos idosos 9ºano EJRCB



Ao analisar a tabela 10, referente à questão sobre o facto de os idosos quando transmitem os seus conhecimentos poderem repensar as suas experiências passadas, quase todos os alunos responderam afirmativamente.

Tabela 10: Pensas que os idosos ao transmitirem os seus conhecimentos podem contribuir para que repensem as suas experiências passadas?

19. Pensas que os idosos ao transmitirem os seus conhecimentos podem contribuir para que repensem as suas experiências passadas?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Sim	96%	93,3%	96,6%	96,1%	95,1%	97,1%
Não	4%	5%	3,4%	2,9%	2,4%	1,4%
Não respondeu	0%	1,7%	0%	1%	2,4%	1,4%

Para que as atividades intergeracionais resultem é fundamental que as partes envolvidas gostem do que estão a fazer, neste sentido foi pedido aos inquiridos que escolhessem 3 atividades que gostassem de realizar com os idosos. Após análise da tabela 11, observou-se que as atividades preferidas seriam: uma visita às localidades dos idosos, onde eles te explicam os sítios históricos e quais os locais mais importantes para eles; contos de histórias de vida; trabalhos manuais e ensinar aos idosos como utilizar as novas tecnologias.

Tabela 11: Atividades que as crianças/jovens gostariam de desenvolver com os idosos

20. Que atividades gostarias de realizar com os idosos?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Teatro	9,3%	5%	6,9%	6,5%	4,1%	5,7%
Horta social	10,7%	16,8%	8,0%	8,4%	6,5%	8,6%
Uma visita às localidades dos idosos onde eles te explicam os sítios históricos e quais os locais mais importantes para eles	21,3%	21,3%	24,1%	17,8%	16,3%	16,2%
Trabalhos manuais	16%	9,5%	16,1%	15,5%	17,1%	11%
Conto de histórias de vida	10,7%	19,9%	20,7%	20,4%	19,5%	21,9%
Ensinares aos idosos como utilizar as novas tecnologias	14,7%	16,8%	14,9%	23%	21,1%	21,9%
Os mais velhos acompanharem o teu percurso escolar	5,3%	6,7%	5,7%	3,2%	0,8%	5,2%
Nenhuma	0%	0,3%	0%	0,6%	0%	1%
Outra	0%	1,1%	0%	0,6%	2,4%	1,4%
Anulado	12%	2,5%	3,4%	2,9%	12,2%	7,1%
Não respondeu	0%	0%	0%	1%	0%	0%

Os alunos foram ainda questionados sobre as relações amorosas nos idosos e o que eles pensam e sentem em relação a estas. Na questão sobre se as pessoas mais velhas se apaixonam, os educandos, na sua grande maioria respondeu que sim, conforme se pode constatar nos gráficos seguintes:

Gráfico 67: Os mais velhos apaixonam-se? 5ºano ECSC

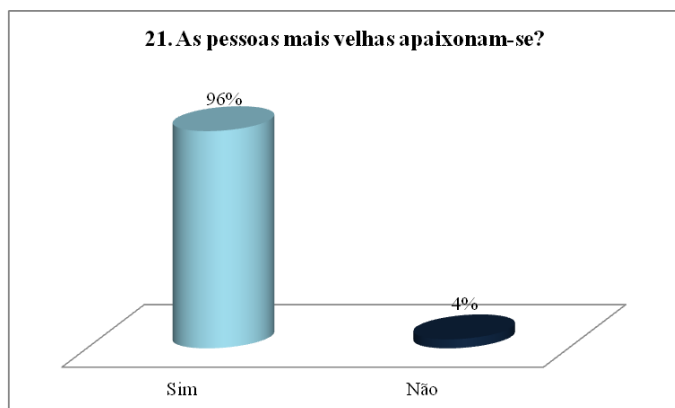


Gráfico 68: Os mais velhos apaixonam-se? 5ºano EJRCB

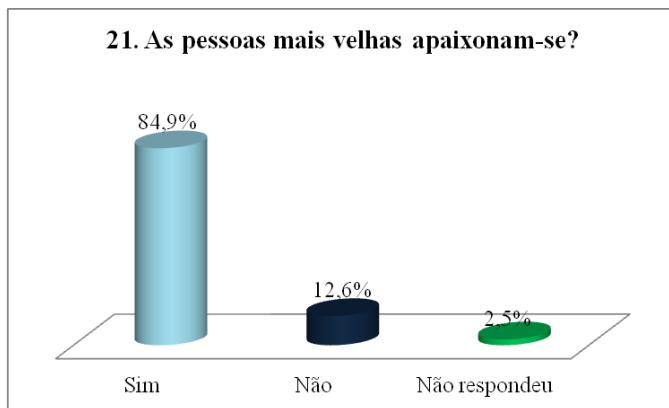


Gráfico 69: Os mais velhos apaixonam-se? 7ºano ECSC

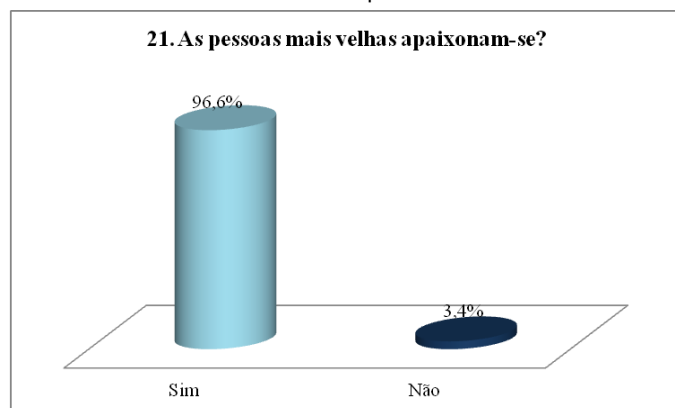


Gráfico 70: Os mais velhos apaixonam-se? 7ºano EJRCB

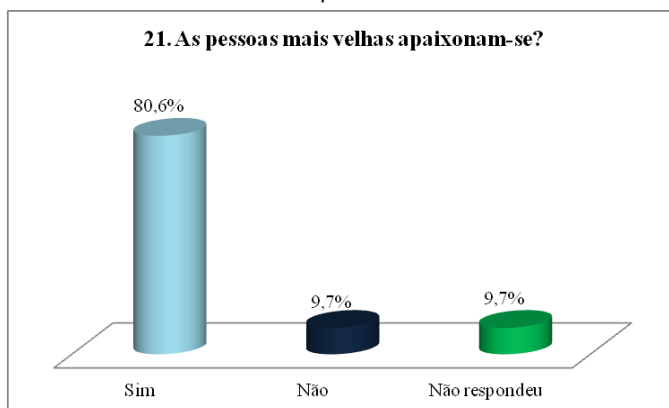


Gráfico 71: Os mais velhos apaixonam-se? 9ºano ECSC

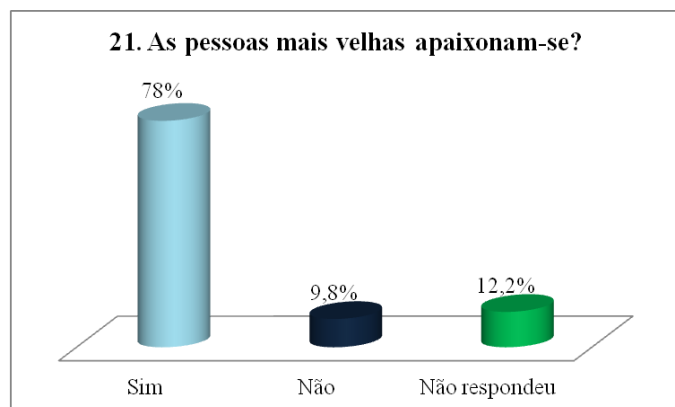
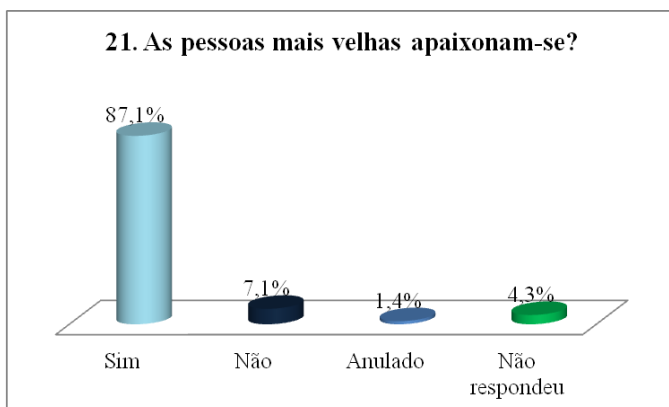


Gráfico 72: Os mais velhos apaixonam-se? 9ºano EJRCB



Depois de indagar o que os alunos pensam sobre as pessoas mais velhas se apaixonarem, foi a vez de saber qual o ponto de vista das crianças/jovens em relação ao namoro ou casamento entre os idosos viúvos ou divorciados. A observação dos gráficos 73 a 78, permite perceber que as crianças/jovens do estudo adotam um comportamento positivo perante o casamento ou namoro entre idosos viúvos ou divorciados.

Gráfico 73: Relações amorosas nos idosos 5ºano ECSC

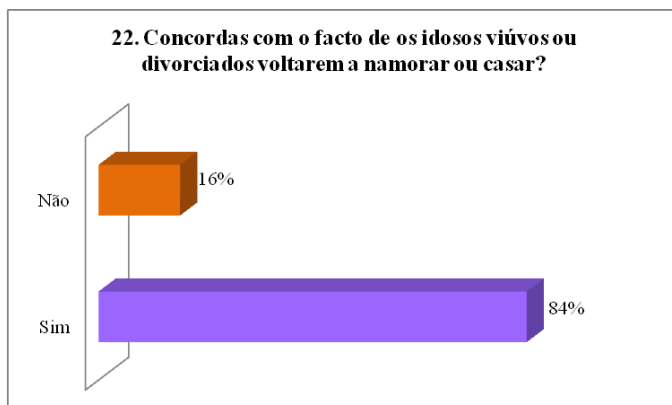


Gráfico 74: Relações amorosas nos idosos 5ºano EJRCB

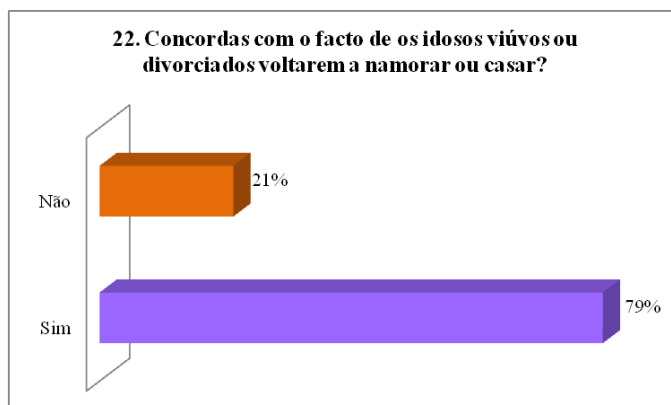


Gráfico 75: Relações amorosas nos idosos 7ºano ECSC

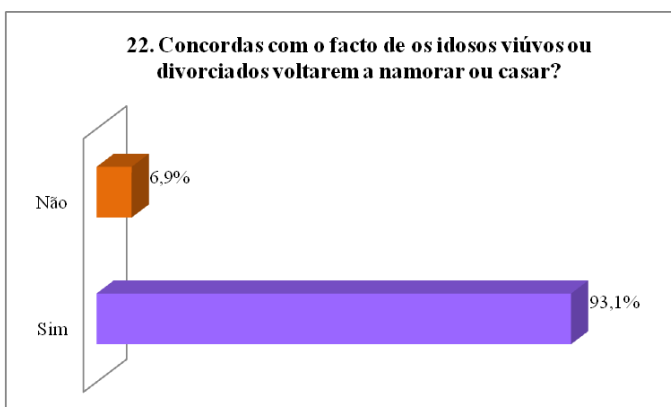


Gráfico 76: Relações amorosas nos idosos 7ºano EJRCB

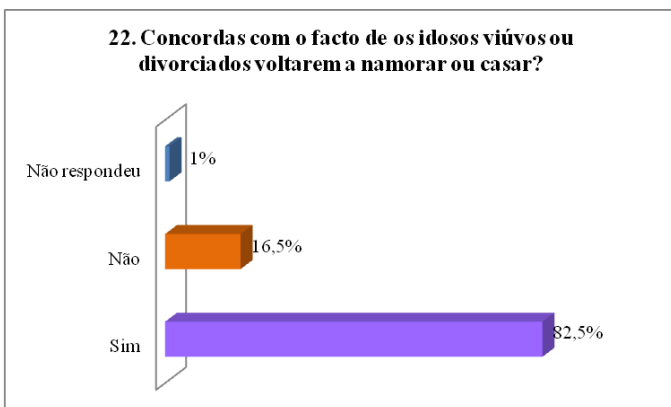


Gráfico 77: Relações amorosas nos idosos 9ºano ECSC

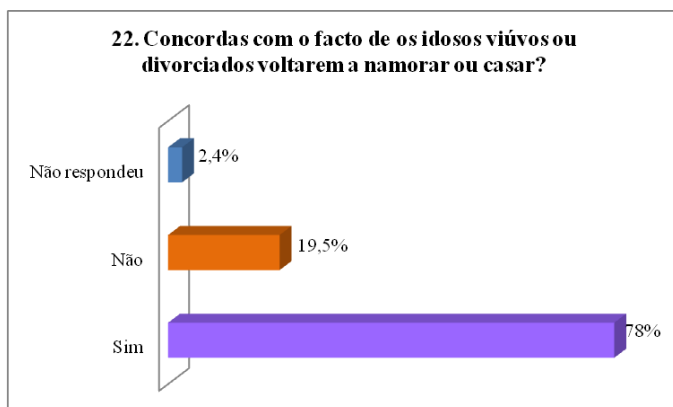
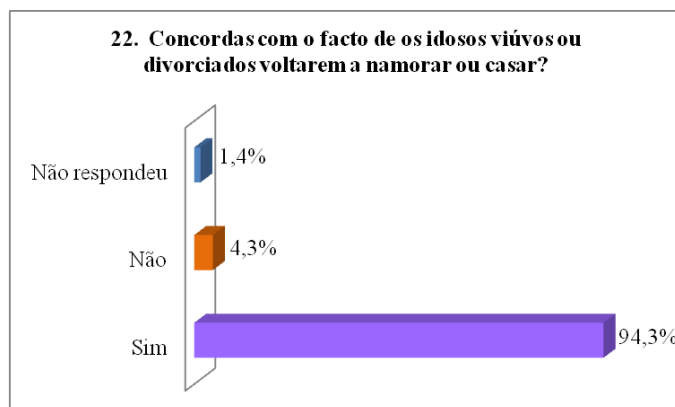


Gráfico 78: Relações amorosas nos idosos 9ºano EJRCB



Após se ter questionado os educandos sobre o seu ponto de vista relativamente às relações amorosas entre os idosos, foram abordados sobre os seus sentimentos quando presenciavam trocas de carinho e beijinhos entre os mais velhos. Os alunos inquiridos referem sentimentos como a alegria, bonito e amor, embora exista a presença de sentimentos negativos como arrepios, desvio do olhar e não têm idade para isso (tabela 12).

Tabela 12: sentimentos das crianças/jovens acerca da troca de beijinhos e carinhos entre idosos

23. Quando vês dois idosos aos beijinhos e carinhos o que sentes?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Alegria	26,7%	26,6%	31%	21,7%	25,2%	25,7%
Nojo	0%	3,1%	1,1%	3,9%	1,6%	1,9%
Arrepios	1,3%	6,4%	3,4%	4,9%	3,3%	5,7%
Bonito	32%	23,8%	29,9%	23,3%	24,4%	22,9%
Feio	1,3%	1,1%	2,3%	1,3%	1,6%	1,9%
Amor	28%	26,1%	27,6%	25,6%	26%	26,7%
Choro	0%	1,1%	1,1%	0,6%	2,4%	0,5%
Desvias o olhar	2,7%	4,5%	1,1%	7,4%	4,1%	10%
Não têm idade para isso	2,7%	1,7%	0%	2,3%	1,6%	2,9%
Outra	1,3%	2,2%	2,3%	1,3%	0%	0,5%
Anulado	4%	3,4%	0%	7,85	9,8%	1,4%

Através da análise dos gráficos abaixo apresentados, pode constatar-se que a maioria dos alunos não vive com os seus avós, embora se verifique, em todas as turmas, uma pequena percentagem de educandos que vivem.

Gráfico 79: Viver com os avós 5ºano ECSC

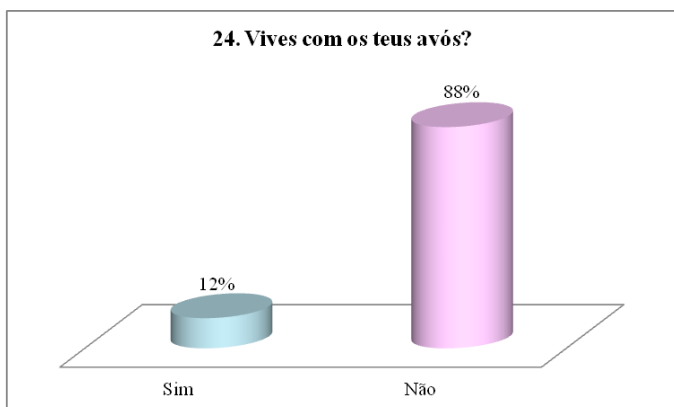


Gráfico 80: Viver com os avós 5ºano EJRCB

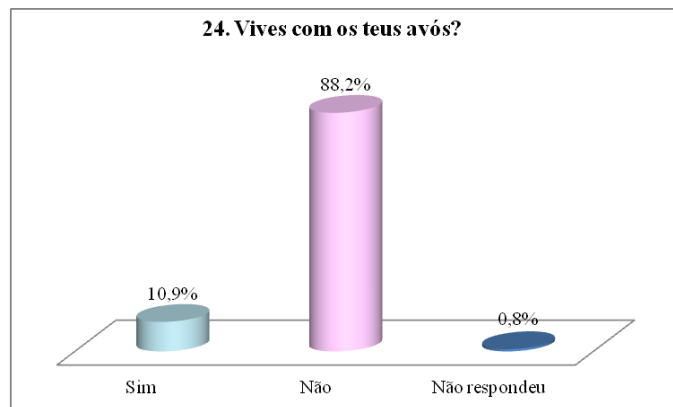


Gráfico 81: Viver com os avós 7ºano ECSC

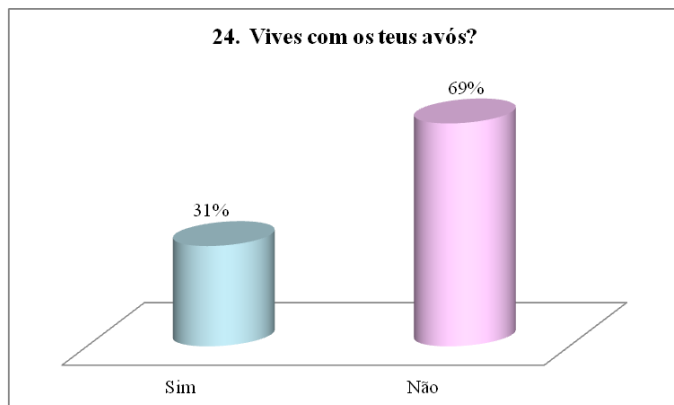


Gráfico 82: Viver com os avós 7ºano EJRCB

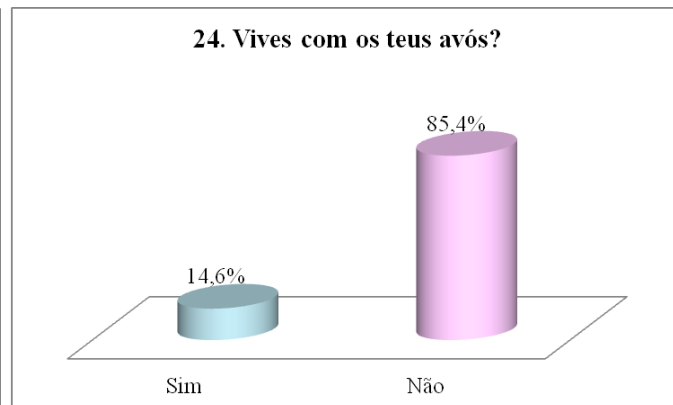


Gráfico 83: Viver com os avós 9ºano ECSC

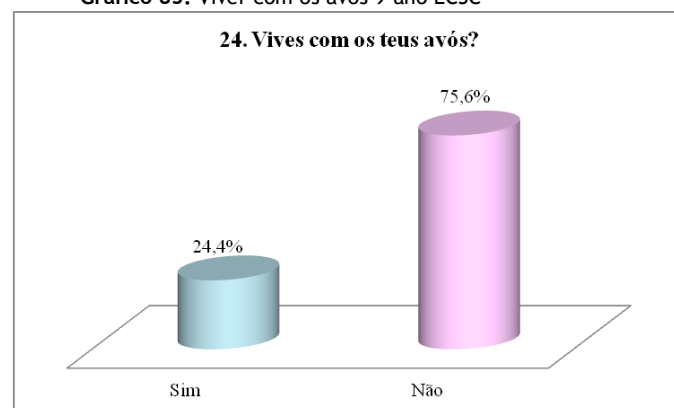
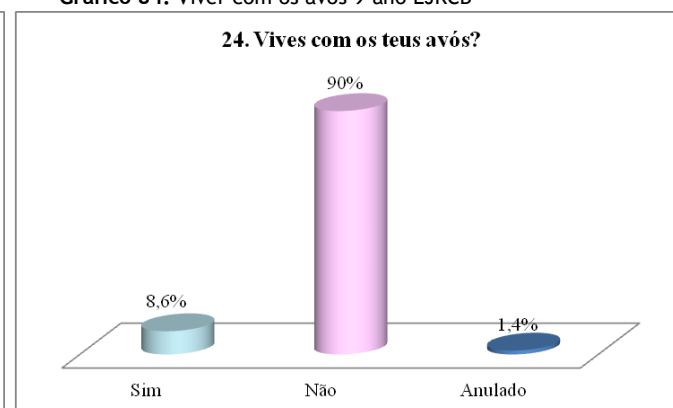


Gráfico 84: Viver com os avós 9ºano EJRCB



Posteriormente, foi solicitado aos alunos que descrevessem como são os seus avós. Após uma análise à seguinte tabela, foi permitido concluir que os avós foram caracterizados de forma positiva pela maioria dos educandos, tanto em meio rural como em meio urbano. Assim, os avós são pessoas com sabedoria e que devem ser respeitadas, alegres, pessoas de agradável convivência e são muito importantes.

Tabela 13: Descrição dos avós

23. Para ti os teus avós são?	5ºano	5ºano	7ºano	7ºano	9ºano	9ºano
	ECSC	EJRCB	ECSC	EJRCB	ECSC	EJRCB
Pessoas com sabedoria e devem ser respeitadas	20%	27,7%	23%	25,6%	28,5%	25,7%
Resmungonas	5,3%	0,6%	0%	4,2%	1,6%	3,3%
Pessoas de agradável convivência	13,3%	21,3%	21,8%	16,8%	13%	17,6%
Isoladas	1,3%	0,3%	0%	1,9%	0%	1%
Doentes/pessoas frágeis	2,7%	0,8%	1,1%	2,3%	3,3%	1%
Alegres	24%	19,6%	20,7%	18,4%	15,4%	17,6%
Ativas	2,7%	7,3%	9,2%	8,7%	7,3%	8,1%
Inúteis	0	0,3%	0%	0,3%	0%	0%
Preocupam-se com a sua aparência	1,3%	1,7%	0%	1,6%	1,6%	2,9%
São descuidadas na imagem pessoal	0%	0,8%	0%	1%	1,6%	0,5%
São muito importantes	16%	17,1%	17,2%	17,8%	17,9%	16,2%
Não são importantes	0%	0%	0%	0,3%	0%	0%
Outra	1,3%	0,8%	0%	0%	0%	0,5%
Anulado	12%	1,7%	3,4%	1%	9,8%	5,7%
Não respondeu	0%	0%	3,4%	0%	0%	0%

A última pergunta referente aos avós dizia respeito ao papel que estes desempenham, e nesta questão os alunos apontam que os avós são pessoas que cuidam dos netos e ajudam na sua educação e pessoas que brincam com os netos e lhes transmitem valores (conforme os gráficos 79 a 84).

Gráfico 79: Papel dos avós 5ºano ECSC

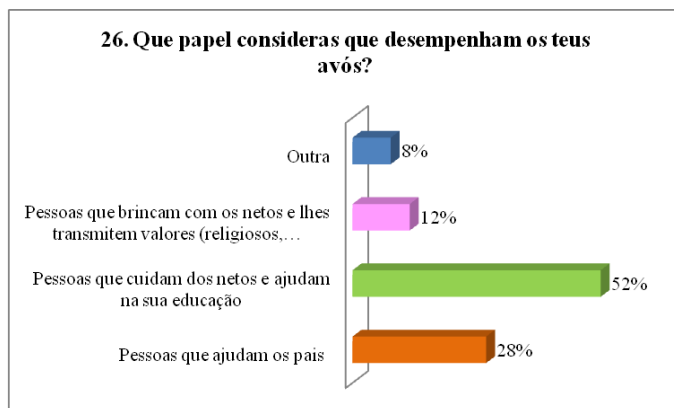


Gráfico 80: Papel dos avós 5ºano EJRCB

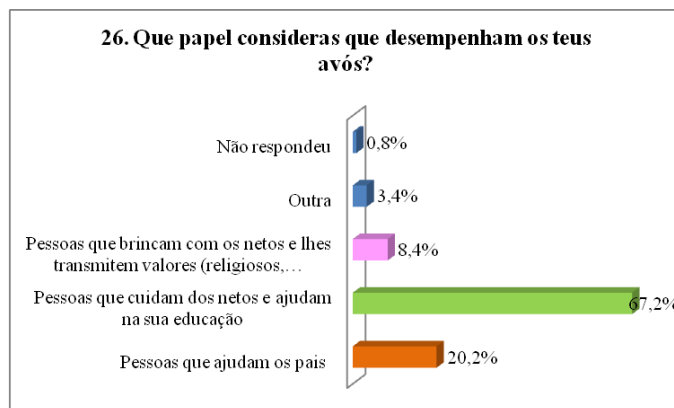


Gráfico 81: Papel dos avós 7ºano ECSC

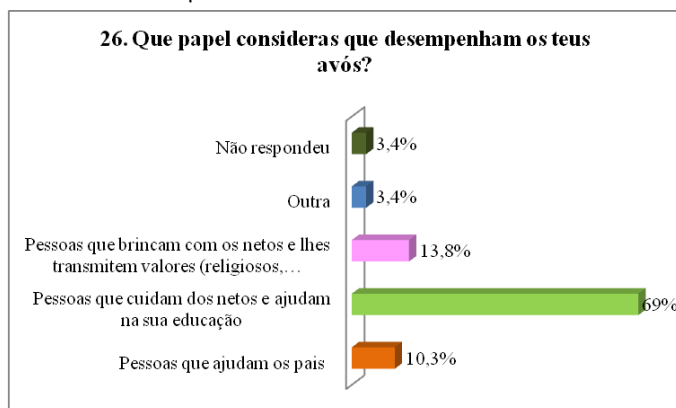


Gráfico 82: Papel dos avós 7ºano EJRCB

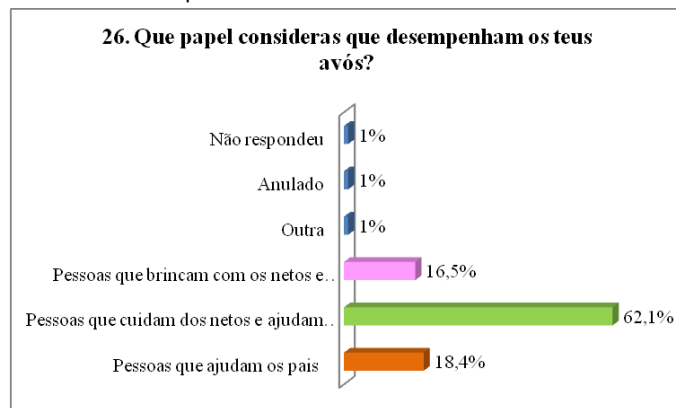


Gráfico 83: Papel dos avós 9ºano ECSC

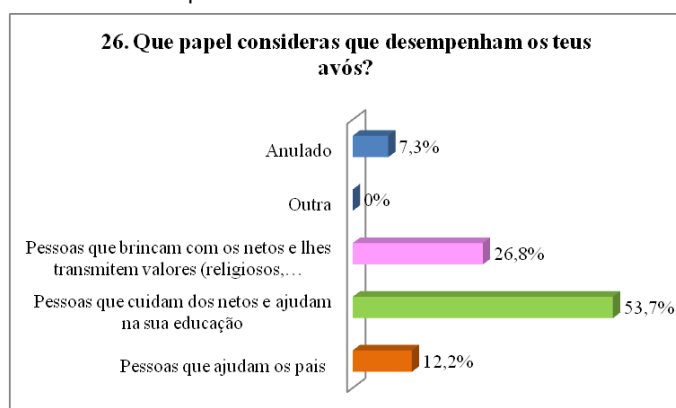
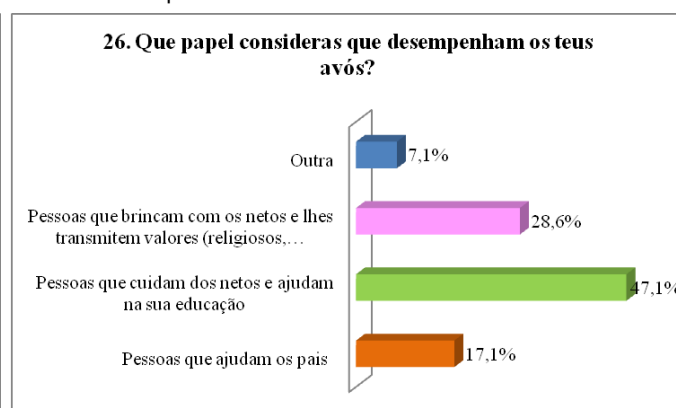


Gráfico 84: Papel dos avós 9ºano EJRCB



Numa outra seção, questionaram-se os alunos sobre a promoção das escolas no que respeita às relações intergeracionais e se estas costumam realizar atividades em que as crianças/jovens e idosos estejam presentes e se promovem visitas a centros de dia e a lares.

Relativamente à importância da educação sobre os vários aspetos do processo de envelhecimento, fazendo uma análise à tabela 14 percebe-se que existe unanimidade nos alunos, pois a maioria dos educandos respondeu de positivamente.

Tabela 14: Importância da educação sobre o envelhecimento

27. Consideras importante que as crianças/jovens tenham educação sobre todos os aspetos do envelhecimento (por exemplo sobre como ter um envelhecimento mais ativo, as perdas, as atividades desenvolvidas...)?	5ºano	5ºano	7ºano	7ºano	9ºano	9ºano
	ECSC	EJRCB	ECSC	EJRCB	ECSC	EJRCB
Sim	100%	93,3%	93,1%	85,4%	95,1%	95,7%
Não	0%	5,9%	6,9%	13,6%	4,9%	4,3%
Não respondeu	0%	0,8%	0%	1%	0%	0%

No que toca à questão se a escola costuma realizar atividades em que os idosos estão presentes, existe algumas diferenças que importa realçar, quando se analisa os gráficos abaixo indicados, pode constatar-se que tanto o 5ºano (60%) como o 7ºano (48,3%), em meio rural, responderam que a escola realiza estas atividades às vezes. Já em meio urbano quase 50% refere que a escola não realiza atividades entre idosos e crianças, embora efetue às vezes numa percentagem de 36,1 % e 36,9% nas turmas de 5º e 7º ano, As turmas de 9ºano, nas duas escolas também apontam que não existem atividades intergeracionais.

Gráfico 85: Atividades intergeracionais 5ºano ECSC



Gráfico 86: Atividades intergeracionais 5ºano EJRCB



Gráfico 87: Atividades intergeracionais 7ºano ECSC

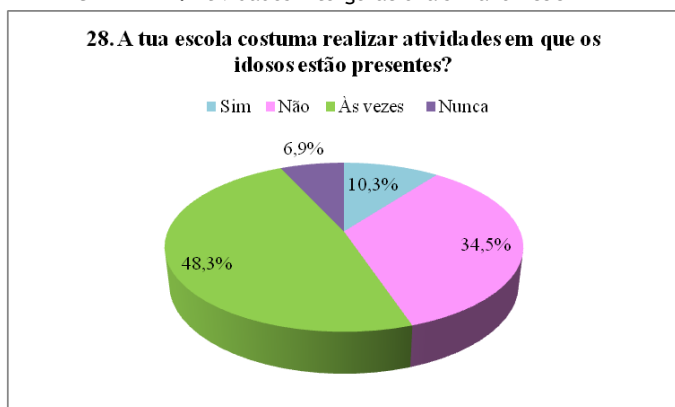


Gráfico 88: Atividades intergeracionais 7ºano EJRCB



Gráfico 89: Atividades intergeracionais 9ºano ECSC



Gráfico 90: Atividades intergeracionais 9ºano EJRCB



A última pergunta referente à escola questionava os alunos sobre se as escolas incentivavam ou promoviam visitas a lares ou centros de dia. Nesta questão, as opiniões dividem-se, pois através da observação dos gráficos 91 a 96, é possível verificar que para os alunos de 5ºano, de meio rural, 48% respondeu sim e 48% que não, já para 49,6% dos educandos de meio urbano, a escola não incentiva nem promove visitas aos idosos, e 24,4% respondeu às vezes.

Para os alunos que frequentam as turmas de 7ºano, também não existe unanimidade nesta questão, uma vez que os alunos do ECSC 48,3% respondeu sim e 44,8% que às vezes. Já na EJRCB, 35% refere que a escola incentiva às vezes, 33% diz que não, contudo 27,2% menciona que a escola incentiva e promove visitas a lares e a centros de dia.

Relativamente aos alunos mais velhos da amostra, em Alpedrinha 48,8% aponta que a escola incentiva e promove estas visitas às vezes, já em Castelo Branco, as opiniões voltam a dividir-se, pois 37,1% diz que às vezes, 32,9% que não, e apenas 18,6% alega que a escola incentiva e promove estas visitas.

Gráfico 91: Visitas a idosos pela escola 5ºano ECSC

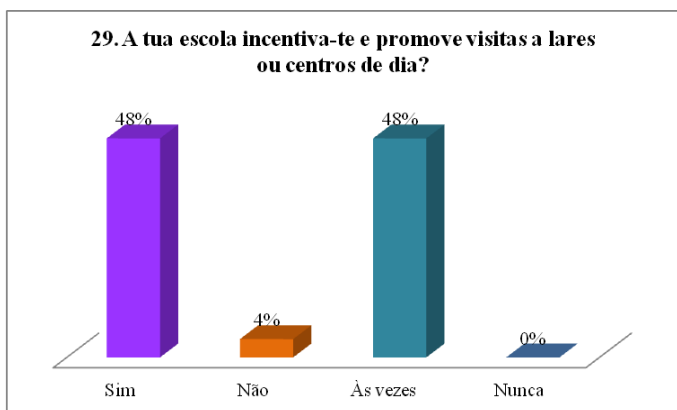


Gráfico 92: Visitas a idosos pela escola 5ºano EJRCB

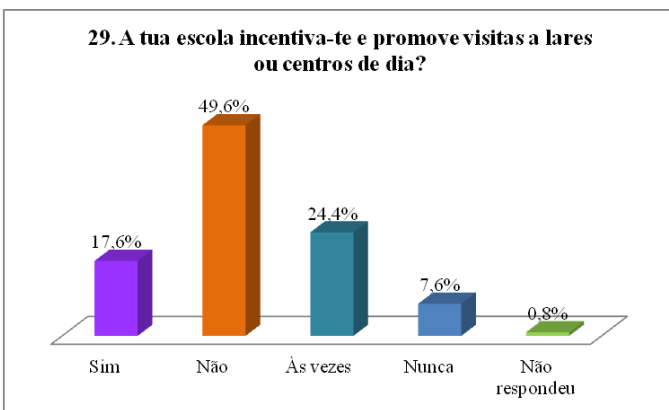


Gráfico 93: Visitas a idosos 7ºano ECSC

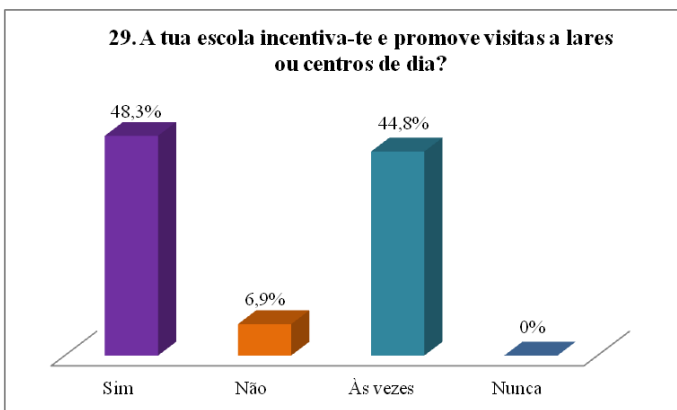


Gráfico 94: Visitas a idosos 7ºano EJRCB

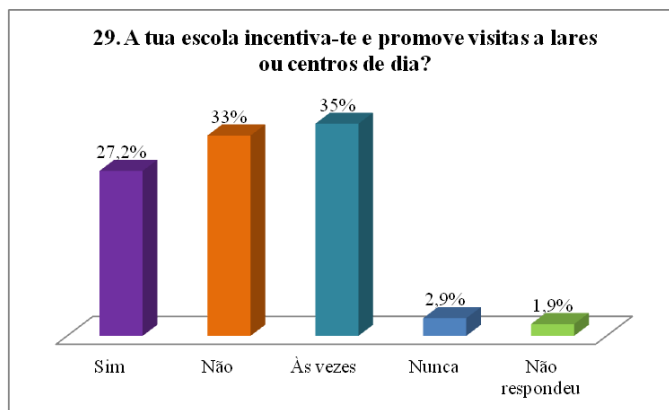


Gráfico 95: Visitas a idosos 9ºano ECSC

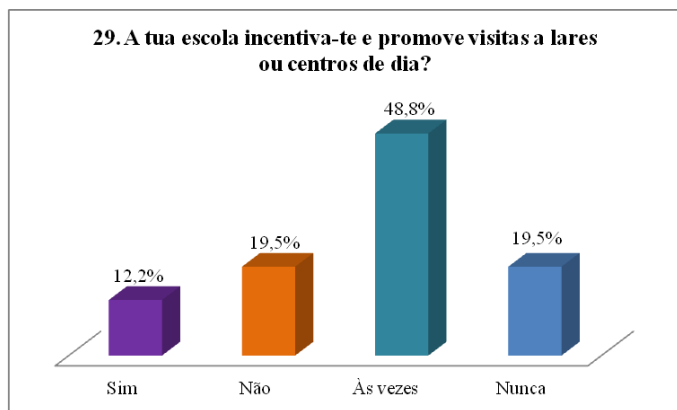
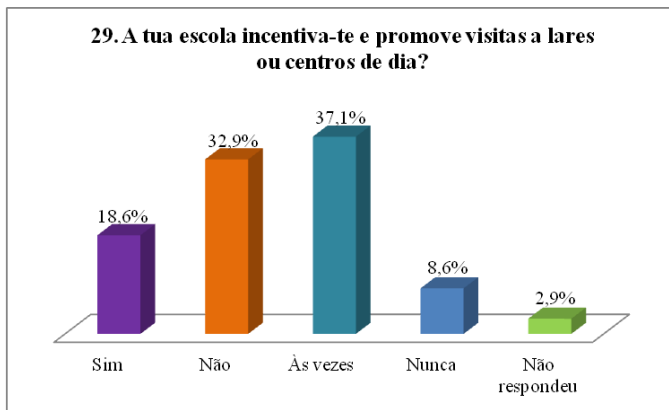


Gráfico 96: Visitas a idosos 9ºano EJRCB



Finalmente, os educandos foram levados a se imaginarem na sua velhice, com o intuito de se saber se imaginam uma velhice positiva, negativa ou se não se imaginam velhos. Através da observação da tabela 15, é possível concluir que a maioria dos alunos se imagina numa velhice positiva, porque vão ser ativos/as, praticar atividade física, estudar e continuar a trabalhar, uma vez que a velhice não significa estar parado. No entanto, deve realçar-se que tanto na turma de 5ºano, em meio rural com 40%, como na de 9ºano, em meio urbano com 32,9%, a resposta obtida é a de não se imaginar velho/a.

Tabela 15: imaginar a velhice

30. Como imaginas a tua velhice?	5ºano ECSC	5ºano EJRCB	7ºano ECSC	7ºano EJRCB	9ºano ECSC	9ºano EJRCB
Positiva, porque vou ser ativo/a, praticar atividade física, estudar e vou continuar a trabalhar, uma vez que a velhice não significa estar parado.	52%	73,9%	75,9%	72,8%	61%	52,9%
Negativa, porque deixo de ter objetivos para alcançar, não vou fazer nada apenas descansar	4%	6,7%	3,4%	0%	0%	1,4%
Não me imagino velho/a	40%	17,6%	10,3%	25,2%	29,3%	32,9%
Outra	4%	0,8%	10,3%	1%	7,3%	10%
Não respondeu	0%	0,8%	75,9%	1%	2,4%	2,9%
Anulado	0%	0%	0%	0%	0%	2,9%

5. Discussão dos resultados

A aplicação dos questionários aos alunos de 5^o, 7^o e 9^oanos, em meio rural e em meio urbano, permitiu chegar a algumas conclusões, sendo que as maiores diferenças são notadas entre os anos de escolaridade e menos entre os meios em que estão inseridos.

O questionário começava por perguntar às crianças/jovens a partir de que idade consideravam uma pessoa idosa, nas turmas de 5^oano, a maioria, aponta para os 75 e mais anos, contudo existe uma percentagem significativa de 42,9%, no 5^oano na EJRCB, que refere os 65 e mais anos como a idade a partir da qual uma pessoa é idosa. Existem também diferenças entre os educandos de 7^o ano, nas duas escolas, pois no ECSC a pessoa é idosa com 75 e mais anos, já na EJRCB a velhice chega mais cedo, aos 65 e mais anos. Os alunos de 9^oano, nas duas escolas, mencionam que a velhice chega aos 65 e mais anos.

No que diz respeito à caracterização e identificação da pessoa idosa, os alunos inquiridos realçam os aspetos que são mais visíveis, como a idade e o aspeto físico e a mobilidade, percebeu-se que apesar de reconhecerem que a velhice traz perdas, também reconhecem que os idosos são portadores de toda uma experiência de vida e conhecimentos. Quando solicitados para identificarem quais os fatores que os levam a distinguir as pessoas idosas de outras faixas etárias, são novamente os aspetos que são visíveis os mais referidos, como o aspeto físico, rugas e cabelos brancos e o uso de auxiliares, como por exemplo, os óculos ou bengalas. Assim, o corpo e a aparência física são meios que os seres humanos usam para se reconhecerem e estabelecerem relações entre si, ideia reforçada por Featherstone (1998, citado por Lopes e Park, (2007:144), que nos chama a atenção para o facto de a observação dos corpos ser a base para o julgamento dos status e o valor do outro. Talvez seja esta a razão que leva as crianças/jovens a referirem os aspetos mais visíveis na identificação e caracterização da pessoa idosa.

No que respeita às perdas mais significativas na velhice, os alunos de 5^o e 7^oanos estão de acordo, considerando as perdas de visão, audição e memória e as físicas, como por exemplo a mobilidade, como as principais perdas da velhice. Contudo, existe alguma divergência entre os alunos de 9^o ano, visto que no ECSC as principais perdas são as físicas e as de visão, audição e memória, já os alunos da EJRCB, para além de referirem as perdas de visão, audição e memória, também indicam as perdas ao nível da saúde que ocorrem na velhice. Também num estudo realizado por Ramos (2006:124) se verificou que as perdas mais destacadas pelas crianças são as da visão e as debilidades físicas.

Quanto à perceção que a sociedade tem dos mais velhos, os alunos de 5^oano da EJRCB não apresentam dúvidas ao afirmarem que a visão é positiva, reconhecendo que os idosos têm um papel importante a desempenhar na sociedade. Assim, os alunos referiram que são úteis na medida em que possuem experiência e sabedoria

(79%), contudo alguns alunos referem outros olhares (2,5%), como por exemplo: “são dispensáveis porque já não podem fazer muitas coisas”, outros consideram que são “úteis para factos históricos.” Em meio rural, os educandos de 5ºano, também referem que a sociedade encara os mais velhos com utilidade, embora com uma percentagem mais baixa, 52%. É importante mencionar que 24% dos alunos, considera que a sociedade vê os idosos como pessoas dispensáveis, porque estão ultrapassados, e ainda 16% como um peso/fardo.

Os alunos que frequentam o 7º ano estão de acordo na forma como a sociedade encara os idosos, pois defendem que são úteis, devido à sua experiência de vida e sabedoria, porém alguns alunos, em meio urbano (3,9%,) alegam que a sociedade de certo modo desvaloriza as pessoas mais velhas, declarando que “a sociedade já não dá muita atenção aos idosos por causa do seu aspeto físico e da idade”, em contrapartida outros defendem que os olham “com respeito.” Nesta questão os alunos mais velhos, ainda apontaram a hipótese de a sociedade ver os idosos como um peso/fardo com 27% do meio urbano, e 20% do meio rural. Assim, à medida que se avança na idade dos inquiridos, o modo como consideram que a sociedade encara os idosos tende a ser mais negativa, o que pode significar que ainda existem alguns estereótipos na forma como se percebe as pessoas idosas, sendo fundamental mudar esta ideia errada sobre os idosos, dando a conhecer as suas potencialidades.

Nesta perspetiva, em 2002, a 2ª Assembleia Mundial sobre do Envelhecimento, que se realizou em Madrid, apresentou uma nova imagem sobre a velhice, mais participativa e contribuinte na vida económica, política e social, através do trabalho remunerado ou voluntariado, com o intuito de diminuir as atitudes de discriminação em relação aos mais velhos e estimular a solidariedade intergeracional na família e na sociedade (Mauritti 2004:341). Também a Organização Mundial de Saúde (Silva 2011:53) no âmbito das comemorações do Ano Internacional das Pessoas Idosas, salienta a importância do papel ativo dos idosos na sociedade de forma a abranger todas as dimensões da vida (física, mental, social e espiritual).

Ainda na caracterização social e emocional das pessoas idosas, os alunos inquiridos fazem-na com aspetos positivos, caracterizando-as como pessoas com sabedoria e que devem ser respeitadas, de agradável convivência, são muito importantes, alegres e ativas. É importante referir que novamente é observável a importância da experiência de vida que só os idosos possuem, traduzida no relato de um aluno de 7ºano, em meio urbano: “experiência de vida que nos pode ajudar a não cometer erros.” Contudo, é inevitável a presença de alguns pontos menos positivos como serem pessoas resmungonas, isoladas, doentes/pessoas frágeis e descuidadas com a sua imagem pessoal. Embora, em geral, seja uma caracterização positiva, estão presentes estereótipos relativos à doença, fragilidade e isolamento das pessoas idosas.

Mazutti e Scortegagna (2006) num estudo que realizaram com 16 crianças, dos 6 aos 7 anos, comprovaram que, apesar de entenderem as doenças, as limitações e

fragilidades que decorrem da velhice, elas têm prazer no cultivo do convívio com os idosos, provando que as relações estabelecidas são significativas neste processo de construção da conceção do envelhecer.

Como se sabe existem estereótipos no que respeita ao uso das tecnologias por parte dos idosos, ao facto de voltarem a estudar e ao continuarem a trabalhar. É na questão se consideram que os mais velhos estão capacitados para mexerem em telemóveis/computadores que mais se notou diferença entre as idades. Assim, verificou-se que para os alunos de 5ºano, os idosos não estão capacitados para utilizarem telemóveis/computadores, em oposição os alunos de 7ºano pensam que estão habilitados para o fazerem. Já os alunos de 9º ano em meio rural dividem os seus pontos de vista, uma vez que 48,8% respondeu que sim e 48,8% respondeu que não. Contrariamente em meio urbano, os alunos do mesmo ano de escolaridade, consideram que os idosos estão capacitados para mexerem em telemóveis. Deste modo, pode concluir-se que à medida que se avança na idade diminui os estereótipos relativos ao uso das tecnologias por parte da população idosa.

Pode-se encontrar a existência de alguns estereótipos, nomeadamente, nos alunos mais novos da amostra em meio rural, que será necessário desconstruir. Tal é possível através de atividades intergeracionais, por exemplo onde os alunos pudessem ensinar às pessoas idosas como podem usar as tecnologias e deste modo poderiam constatar que estão capacitadas para mexerem em computadores e em telemóveis.

Relativamente à questão se os mais velhos devem estudar, os alunos de 5ºano também consideram que não o devem fazer, já os alunos dos restantes anos referem que devem estudar. No que diz respeito ao facto de trabalharem, constatou-se que todos os alunos estão contra os idosos trabalharem. Um estudo exploratório, com crianças dos 6 aos 10anos, revela que elas julgam que os idosos não devem trabalhar, embora devam manter-se ativos através da organização do próprio tempo e através do estudo. Estas crianças também apresentaram alguns estereótipos no que respeita ao uso das tecnologias por parte dos idosos (Sousa et al 2010-12).

Os alunos foram também abordados acerca de como pensam ser o dia-a-dia dos idosos, observando-se que todos os alunos, dos diferentes anos, consideram que os idosos gostam de conversar e contar as suas experiências. Todavia, notaram-se algumas discrepâncias que importa realçar, enquanto a segunda atividade mais apontada pelos alunos de 5º e 9º ano, em meio rural, se refere a estarem em casa, o que pode remeter para algum isolamento, os alunos dos mesmos anos, juntamente com os 7ºanos, em meio urbano, mencionam o passeio como atividade que faz parte do quotidiano dos mais velhos.

Antes de se procurar promover as relações intergeracionais é fundamental perceber se os alunos gostam e costumam estar com idosos, tendo-se constatado que quase todos os alunos do 5º ano, nas duas escolas, referiram gostar de estar com os mais velhos. Quanto às turmas de 7º ano, existe uma diferença significativa entre

meio urbano e meio rural. Enquanto em Castelo Branco 94% dos alunos gosta de estar com as pessoas idosas, já em Alpedrinha a percentagem de alunos que gosta de estar com os idosos baixa para os 66%. Quanto aos 9^oanos, a maioria gosta de estar com os mais velhos, independentemente do seu local de origem. Este resultado poderá estar relacionado com o facto de os interesses se alterarem, conforme se avança na idade das crianças/jovens.

Sabe-se que os alunos gostam de estar com os idosos, mas será que concordam se estes devem conviver com as crianças/jovens? A resposta foi positiva por quase todos os inquiridos, ao mesmo tempo que reconhecem que esta relação de convívio acarreta benefícios para as duas gerações e quando estão juntos existe uma aprendizagem mútua. É igualmente relevante que os alunos são capazes de compreender que este contacto intergeracional pode ajudar a combater o isolamento dos idosos. Também não existe qualquer dúvida, para os alunos questionados, que quando os idosos transmitem os seus conhecimentos tal pode contribuir para que repensem as suas experiências passadas com ideias do presente. Tal como apresenta Barros (1987, citado por Carvalho 2007:53) quando destaca um dos benefícios das relações entre idosos e crianças, afirmando que para os mais velhos a lembrança das suas experiências com os seus pais e filhos, poderá ser importante na revisão e aceitação da própria vida. Ao mesmo tempo, permite que o idoso ultrapasse o isolamento e valorize a sua autoestima. Também Bosi (1987, citado por Carvalho 2007:54) reforça que lembrar não é reviver, mas antes refazer, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

Após discussão de alguns aspetos relacionados com as relações intergeracionais, iremos referir quais as atividades que as crianças/jovens gostariam de realizar com os mais velhos. Para os alunos de 5^o ano a atividade mais mencionada é a visita às localidades de cada idoso, onde iriam mostrar os locais mais importantes para eles e os sítios históricos. Talvez os alunos tenham escolhido esta atividade porque reconhecem que os mais velhos são possuidores de conhecimentos e experiências que apenas podem ser transmitidas por eles, pois eles são fundamentais na ligação do passado ao presente. Apesar de os alunos terem afirmado que os idosos não estão capacitados para mexerem em telemóveis e computadores, uma das atividades referidas é precisamente ensinar aos mais velhos como utilizarem as tecnologias. É de realçar que os educandos de 7^o e 9^oanos referem atividades como a elaboração de contos de histórias de vida e a realização de trabalhos manuais, mais uma vez está patente a importância atribuída à sabedoria e experiência de vida. Ainda que em pequena percentagem aparece aqui o acompanhamento do percurso escolar, se as escolas tivessem conhecimento dos benefícios que esta tarefa tem tanto para os idosos como para os alunos, talvez já tivessem implementado esta atividade.

Os benefícios do acompanhamento do percurso escolar, tanto para as crianças/jovens como para os idosos, foram comprovados num estudo realizado na Universidade Washington, por Carlson (2009, citado por Grazina 2012:7). O estudo contou com a participação de 2 mil voluntários, com mais de 55 anos, e 20 mil jovens,

em 22 escolas. Os idosos tinham de acompanhar no máximo dois alunos com dificuldades escolares. Os resultados afirmam que cerca de 60% dos alunos melhoraram o seu rendimento escolar, sentiam-se ainda mais calmos e confiantes. Relativamente aos idosos, verificou-se uma melhoria nas suas capacidades psíquicas. Com este estudo, o autor constatou que as relações intergeracionais podem reduzir o risco de demência, promovem a estimulação cognitiva, psíquica e social melhoraram a sua autoestima e sentimento de utilidade, o que conduziu a uma realização pessoal dos idosos.

Entrando noutra temática, as relações amorosas na terceira idade, é de igual modo importante saber se os alunos se mostram receptivos a esta realidade, que muitas vezes a sociedade não encara de forma muito positiva. Na questão se os idosos se apaixonam, os alunos 5º, 7º e 9º anos, a maioria, nas duas escolas, responde de modo positivo. No que diz respeito ao namoro ou casamento entre idosos viúvos ou divorciados, a maioria dos alunos concorda, todavia em todas as turmas, nas duas escolas, existem ainda muitos alunos que se opõem. A exceção é a turma de 9º ano em Castelo Branco, em que a percentagem de alunos que se opõe é muito reduzida. Depois de questionados sobre a existência de relações amorosas na terceira idade, indagou-se quais os sentimentos quando presenciavam dois idosos aos beijinhos ou aos carinhos. Apesar de a maioria dos inquiridos ter respondido que é bonito, que sente amor e alegria, também estão presentes sentimentos mais negativos como ter arrepios, o desviar o olhar, sentir nojo e considerarem que não têm idade para isso. No entanto, é relevante chamar a atenção para um misto de sentimentos verificados na análise dos questionários, na medida em que muitos alunos, quando referiam sentir amor, ter alegria ou achar bonito a troca de carinhos ou beijinhos entre idosos, ao mesmo tempo sentiam arrepios, nojo, desviavam o olhar ou consideraram que não tinham idade para isso. Tal facto é comprovado por Ramos (2006:176), que também no seu estudo mostrou que as crianças são favoráveis a uma nova união matrimonial entre os idosos, no entanto, quando se fala em namoro ou casamento na velhice ou imaginar um idoso tocando ou beijando outro, parece provocar um certo incómodo, que não se verifica quando se fala em amor ou sexo na juventude. Ainda segundo Butler & Lewis (1985, citado por Ramos 2006:180), que vem corroborar esta ideia, uma vez que o velho parece ter-se tornado assexuado com o passar do tempo, pois as crianças mostram-se a favor do amor na terceira idade, contudo existe alguma rejeição quanto ao casamento nos idosos, talvez pelo que isso implica, em termos de contacto físico.

Com o intuito de averiguar se a proximidade influencia a maneira como são caracterizadas as pessoas idosas, foi solicitado aos alunos para descreverem os seus avós, de modo a saber se existe diferença na maneira como descrevem as pessoas idosas em geral e os seus avós, pessoas próximas. Apesar de a maioria dos alunos não viver com os avós, descrevem-nos como pessoas com sabedoria e que devem ser respeitadas, de agradável convivência, que são muito importantes, alegres e ativos. Pode assim concluir-se que a proximidade não influencia a caracterização dos idosos

e dos avós, visto que são descritos igualmente de forma bastante positiva, independentemente da ligação que possuem com os avós e os idosos, que não pertencem ao seu círculo familiar. Posteriormente, foram abordados sobre qual consideram ser o papel desempenhado pelos avós, sendo de realçar que em todos os anos de escolaridade, o papel desempenhado é o de ajuda aos netos e auxílio na sua educação. O estudo desenvolvido por Lopes e Park (2007:144), aponta que, independentemente, de as crianças viverem ou manterem contactos periódicos com os seus avós, tal não influencia a identificação da pessoa idosa. Pois as crianças, reconhecem uma pessoa como sendo idosa pelo papel que desempenha perante si.

Outro tema abordado no questionário dizia respeito à importância da educação sobre os aspetos do envelhecimento e o papel da escola na promoção e incentivo de encontros intergeracionais. Todos os alunos inquiridos estão de acordo no que diz respeito à relevância da educação sobre todos os aspetos do envelhecimento. No que toca às atividades que a escola realiza em que os idosos estão presentes, quase todos os alunos referem não haver atividades, ou apenas se realizarem às vezes. É de extrema importância alertar as escolas para a relevância do convívio entre idosos e crianças/jovens, dando-lhes conhecimento dos benefícios para as duas gerações. Quanto ao facto de as escolas promoverem ou incentivarem visitas a lares ou centros de dia, existem diferenças entre o meio urbano e o meio rural, visto que os alunos do ECSC, a maioria respondeu que sim à exceção do 9º ano que respondeu às vezes, na EJRCB os alunos referem não existir incentivos ou se promover visitas a lares ou centros de dia, à exceção do 9ºano que respondeu às vezes. Para realçar a importância da relação entre idosos e crianças na escola, pode referir-se o estudo de Klein, Council e Mcuire (2007, citados por Azevedo e Palmeirão 2012:258) que desenvolveram um programa em creches, que ajudaria a criar uma geração de americanos que valorizem os mais velhos e tenham uma atitude mais positiva sobre o envelhecimento, e ainda ajudaria a que planeassem a sua velhice de forma mais saudável. Azevedo e Palmeirão (2012: 263), no seu estudo com idosos e jovens, concluiu que este contacto contínuo, e a implementação de iniciativas de cooperação permite transformar positivamente as representações sociais do envelhecimento.

Outros estudos referem a importância de um serviço de aprendizagem intergeracional, onde os alunos possam ser encorajados a aprender com os adultos de idade. Tal pode conduzir os jovens a terem melhores resultados na escola e a estabelecerem uma relação profunda com os seus parceiros, bem como a terem atitudes positivas sobre o envelhecimento (Zuccherro 2011, citado por Azevedo e Palmeirão 2012:258).

Por último, foi solicitado aos alunos que imaginassem a sua velhice, sendo que a maioria dos alunos, tanto em meio rural como em meio urbano, mencionou que imagina uma velhice positiva, no entanto é de realçar que muitos alunos apresentam dificuldade em se imaginarem velhos, nomeadamente nos alunos de 5ºano, em meio rural, e 9ºano de meio urbano.

Os alunos ao referirem outras hipóteses, mencionaram sempre a presença do exercício físico e a importância de se manterem ativos. Tal também foi comprovado por Ramos (2006:139) ao referir que as crianças quando imaginaram a sua velhice, incluem a prática de atividade física, e sublinham a necessidade de os mais velhos se manterem ativos, através da prática de exercício físico, ainda que adaptado às suas limitações.

III. PROJETO DE INTERVENÇÃO

Os benefícios das relações entre gerações são reconhecidos por variados autores, como por exemplo Silveira (2000, citado por Carvalho 2007:59), que defende que “Os jovens podem retificar a imagem distorcida que têm dos idosos, modificar relacionamento com avós e avôs, agir de forma mais realista e menos sonhadora, desenvolver a solidariedade e a cooperatividade, lidar melhor com regras e limites, compreender a importância dos idosos se voltarem para o passado, pois é a sustentação para mudanças futuras. Os idosos se sentirão mais úteis, menos solitários, aumentaram a sua autoestima que pode estar diminuída pelas constantes perdas e pelo descrédito que ainda paira sobre eles, poderão lidar com um outro tipo de autoridade, descobrirão muito do seu potencial e estabelecerão uma relação de mais confiança com os mais jovens.”

É visível que a relação intergeracional acarreta benefícios, não apenas pela transmissão de conhecimentos, pela troca de saberes e partilha de experiências. Os benefícios vão mais longe, pois possibilita às pessoas idosas estimularem as suas capacidades cognitivas, a sua memória, ajuda-as a se sentirem valorizadas, prestáveis e ativas. Para as crianças/jovens, pode ajudar a combater o insucesso escolar, pois o acompanhamento dos idosos no percurso escolar dos alunos, pode incentivá-los ao estudo, através de outras técnicas que estes utilizavam no seu tempo. Existe também um enriquecimento pessoal das crianças/jovens, no seu leque de conhecimentos, de amizades e mesmo no contacto com realidades e modos diferentes de encarar a vida. Este convívio intergeracional pode contribuir para que as crianças/jovens, ao conhecerem outras realidades, vejam a vida de outra forma, mais realista, e adquiram outra resiliência para ultrapassarem os problemas ou obstáculos que vão surgindo.

Num estudo efetuado nos Estados Unidos, pela Universidade de Washington, onde foi demonstrada a importância das relações intergeracionais na prevenção de doenças, na promoção de um envelhecimento ativo e no melhoramento do rendimento escolar. O estudo contou com a participação de 2000 voluntários, com 55 ou mais anos. Estes tinham de acompanhar o percurso escolar dos alunos com dificuldades, desempenhando um papel de tutor com o máximo de 2 alunos, em sala de aula. Os alunos apresentavam problemas de concentração. O tutor tinha de desenvolver exercícios no sentido de melhorar o seu rendimento escolar. Os resultados obtidos demonstraram que 60% dos estudantes melhoraram o seu rendimento escolar, principalmente ao nível da leitura. Os alunos sentiam-se mais confiantes e calmos e os professores conseguiram melhorar o nível das aulas e do aproveitamento da turma. Michelle Carlson, responsável pelo estudo, constatou que este papel de tutor ajuda na redução dos riscos de demência, para além de ser uma ótima estimulação cognitiva, psíquica e social dos participantes. Este programa de tutores foi implementado em várias escolas, tendo benefícios para os idosos mas também para os alunos (Grazina, 2012:7).

A escola desempenha um papel fundamental na educação das nossas crianças sobre o envelhecimento, no contributo para este contacto entre idosos e crianças/jovens, contudo as escolas ainda não se encontram “abertas” a estas novas formas de aprendizagem, visto que a prática de programas intergeracionais, nas escolas, é uma prática pouco vista.

Após a realização do presente estudo, verificou-se que no geral a imagem da velhice é positiva, apesar de apresentarem alguns estereótipos relativamente aos mais velhos. Observou-se ainda que existe algum trabalho a fazer no sentido de sensibilizar as escolas para a importância do convívio intergeracional e educação acerca do envelhecimento. Neste sentido, tendo por base as atividades mais referidas pelos alunos, como sendo aquelas que preferiam desenvolver com os idosos, faria todo o sentido optar-se pela calendarização de atividades bem como sessões de sensibilização para as escolas.

Desta forma, seria primordial iniciar a intervenção junto da comunidade escolar, mais precisamente, da direção, professores e assistentes operacionais, visto que as crianças/jovens defendem ser importante a educação sobre todo o processo de envelhecimento e referirem não ser frequente, ou mesmo não existir, atividades em que os idosos estejam presentes, e afirmam que as escolas em geral não incentivam ou promovem visitas a lares ou centros de dia. Será essencial sensibilizar a comunidade escolar para o impacto positivo que a relação entre gerações traz para ambas as partes envolvidas. As sessões com as escolas devem ter em vista a abertura das mesmas à presença dos idosos, ao cultivo deste convívio, ao mesmo tempo que se incutem novos valores, atitudes perante o envelhecimento e a velhice, preparam-se as crianças/jovens para a necessidade de planearem um envelhecimento bem-sucedido e saudável. Assim, seria importante conseguir que as escolas incluíssem no seu plano anual de atividades, convívios entre gerações, visitas a lares ou centros de dia e atividades intergeracionais, tendo em vista uma aprendizagem mútua.

As atividades promovidas entre as crianças/jovens e os idosos, teria como principais finalidades acabar com alguns estereótipos que persistem relativamente à pessoa idosa, mudar algumas atitudes menos positivas perante os mais velhos, e incentivar os alunos ao contacto com os idosos, mostrando-lhes os seus benefícios e a oportunidade de contactarem com realidades diferentes das quais estão habituados (Consultar a tabela 16: plano de atividades intergeracionais).

A atividades do acompanhamento do percurso escolar teve por base um estudo já desenvolvido na área das relações intergeracionais que foi desenvolvido por Carlson (referido por Grazina, 2012:7) na Universidade de Washington dos Estados Unidos. Aqui foi demonstrada a importância das relações intergeracionais na prevenção de doenças, na promoção de um envelhecimento ativo e na melhoria do rendimento escolar. O estudo contou com a participação de 2 mil voluntários, com 55 ou mais anos, que acompanharam o percurso escolar dos alunos com dificuldades, desempenhando um papel de tutor com o máximo de dois alunos, em sala de aula.

Os alunos apresentavam problemas de concentração e o tutor tinha de desenvolver exercícios no sentido de melhorar o seu rendimento escolar. Os resultados obtidos demonstraram que 60% dos estudantes melhoraram o seu rendimento escolar, principalmente ao nível da leitura. Os alunos sentiam-se mais confiantes e calmos e os professores conseguiram melhorar o nível das aulas e do aproveitamento da turma. Michelle Carlson, responsável pelo estudo, constatou que este papel de tutor ajuda na redução dos riscos de demência, para além de ser uma ótima estimulação cognitiva, psíquica e social dos participantes. Este programa de tutores foi implementado em várias escolas, tendo benefícios para os idosos mas também para os alunos (Grazina, 2012:7).

O projeto de intervenção apresentado seria promovido pela mestranda em parceria com as escolas que participaram neste estudo, bem como com as direções de lares e centros de dia, com o apoio da Junta de Freguesia de Alpedrinha e Câmara Municipal de Castelo Branco, para disponibilização de meios de transporte.

Tabela 16: Plano de atividades intergeracionais

Designação da atividade	Público-alvo	Objetivos	Recursos	Avaliação
Sessão de esclarecimento acerca do envelhecimento e as relações intergeracionais	Comunidade escolar	<p>Conhecer o processo de envelhecimento;</p> <p>Esclarecer os benefícios das relações intergeracionais;</p> <p>Incutir a educação intergeracional nas escolas</p> <p>Mudar comportamentos e atitudes, de forma a se promover relações intergeracionais no espaço escolar</p>	<p>Sala de aula</p> <p>Panfletos informativos sobre as temáticas</p>	Questionário de avaliação sobre as sessões
Visita às localidades de cada idoso, em que explicariam os lugares mais significativos para si e os locais históricos	Comunidade escolar Pessoas idosas	<p>Estimular a memória dos idosos;</p> <p>Transmissão de conhecimentos aos mais novos;</p> <p>Promoção da atividade física (visto que a visita seria a pé).</p>	Autocarro	Relatório das visitas realizadas
Os alunos transmitem aos idosos como utilizar as novas tecnologias	Crianças/jovens Idosos	<p>Promover o contacto dos idosos às novas tecnologias</p> <p>Estimular as capacidades cognitivas</p> <p>Incutir nas crianças que os</p>	Computadores com acesso à internet	Questionário de satisfação

		<p>idosos também podem aprender, e estão capacitados para mexerem em tecnologia</p> <p>Estimular a autonomia dos idosos</p>		
Conto das histórias de vida	<p>Comunidade escolar</p> <p>Pessoas idosas</p>	<p>Partilha de experiências e valores</p> <p>Estimular a memória dos idosos</p> <p>Enriquecimento dos conhecimentos dos mais novos</p>	Uma sala	Livro de contos de vida
Trabalhos manuais	<p>Comunidade</p> <p>Escola</p> <p>Idosos</p>	<p>Estimular a motricidade fina</p> <p>- Estimular a memória</p> <p>Transmissão de conhecimentos</p> <p>Estimular a criatividade</p> <p>Promover relações intergeracionais e aproximar os idosos das crianças/jovens</p> <p>Valorizar a experiência e sabedoria dos mais velhos</p>	Diversos materiais (como cartolinas, tecidos, etc.)	Questionário de satisfação
Livro de receitas	<p>Idosos</p> <p>Crianças/jovens</p>	<p>Promover a partilha de conhecimentos</p> <p>Estimular a memória dos mais velhos</p>	Uma cozinha	Elaboração do livro final de receitas

		<p>Promover o convívio e a aprendizagem</p> <p>Combater o isolamento</p>		
<p>E-book de jogos tradicionais</p>	<p>Pessoas idosas</p> <p>Crianças/jovens</p>	<p>Transmissão de conhecimentos acerca das brincadeiras</p> <p>Promover a atividade física</p> <p>Combater o isolamento</p> <p>Incentivar as crianças/jovens no ensino das tecnologias aos idosos</p> <p>Fomentar a criação de laços afetivos com os idosos</p>	<p>Um computador</p> <p>Espaço ao ar livre</p>	<p>E-book dos jogos tradicionais para conhecimento geral</p>

<p>Realização de uma “horta social”</p>	<p>Comunidade Escola Pessoas idosas</p>	<p>Promover a partilha de conhecimentos; Doar os alimentos às famílias mais necessitadas Promoção do convívio entre gerações</p>	<p>Pequeno terreno cedido por um idoso ou Câmara Municipal ou Junta de Freguesia</p>	<p>Relatório com a quantidade de produtos obtidos e número de famílias ajudadas</p>
<p>Os idosos acompanham o percurso escolar dos alunos (por exemplo: ajuda em trabalhos de casa)</p>	<p>Crianças/jovens Idosos</p>	<p>Estimular as capacidades cognitivas dos idosos Fomentar a partilha de conhecimentos Combater o insucesso escolar</p>	<p>Uma sala</p>	<p>Relatórios da evolução dos alunos</p>

Conclusão

A sociedade tem vindo a sofrer profundas alterações na sua pirâmide etária, devido ao aumento da esperança média de vida e diminuição da natalidade. Nos dias que correm, a velhice é encarada pelo seu lado negativo, o que leva, muitas vezes, a que os idosos sejam colocados de parte, e se sintam inúteis, numa sociedade que valoriza quem é capaz de produzir. É, então, necessário traçar um caminho, no sentido de dar a conhecer as potencialidades das pessoas idosas, integrando-as socialmente, pois a entrada na terceira idade não deveria significar, um atribuir de estereótipos, mas antes o reconhecimento e valorização da experiência e sabedoria que foram adquiridas.

Este caminho passa pela desconstrução dos mitos/estereótipos que se associa aos mais velhos, resultado da falta de conhecimento do processo natural e irreversível da velhice. Torna-se fundamental alertar a sociedade para as consequências negativas que estes estereótipos causam nos próprios idosos, e no receio que causam aqueles que estão perto da velhice, que os leva a negar a sua entrada na terceira idade, e muitas vezes deixam de procurar novas formas de ocupar o tempo livre e novos objetivos de vida. Como afirma Pratt e Norris (1994, citado por Brandão et al sd: 101) a forma como a sociedade comunica com a pessoa idosa produz um efeito negativo no uso da linguagem pela mesma. Esta ideia é reforçada por Veloz e Camargo (1999, citados por Brandão et al sd:101) quando nos chamam à atenção que quando a imagem da velhice é sustentada com base no declínio, os efeitos negativos irão sentir-se nos idosos perante o seu processo de envelhecimento.

Esta imagem menos positiva associado à velhice pode ser combatida através da promoção de relações intergeracionais. O convívio entre diferentes gerações traz benefícios não apenas para os idosos, como para todas as partes envolvidas. A relação entre geração deve ter em conta não apenas a idade cronológica dos participantes mas também deve considerar os estilos de vida, os saberes, os valores e a memória, com o intuito de rentabilizar a relação entre as partes envolvidas (Carvalho 2007:53).

As relações intergeracionais ajudam o idoso a manter-se ativo, estimulando as suas capacidades cognitivas, e permite que as crianças/jovens conheçam o processo de envelhecimento bem como desconstrói estereótipos, e enriquece o seu leque de conhecimentos. Contudo, esta realidade é ainda pouco praticada sendo necessário, começar por incutir nas escolas a importância da relação entre as gerações.

Sendo as crianças/jovens os futuros cuidadores das pessoas mais velhas, sabendo que a forma como estas concebem a velhice pode influenciar o modo como tratam os idosos, revelou-se importante a realização de um estudo, em que se procurou saber a imagem que as crianças/jovens têm dos idosos, em meio rural e em meio urbano.

O presente estudo revelou que os alunos apresentam uma imagem positiva dos idosos, verificando-se pequenas diferenças entre os vários anos de escolaridade e

entre o meio rural e o urbano. Estas diferenças foram verificadas na idade a partir da qual consideram uma pessoa idosa. Assim, os alunos do 5º ano, das duas escolas, e os do 7º ano de meio rural, consideram pessoa idosa aquela que tem mais de 75 anos e o 7º ano de meio urbano e os 9º anos dos dois estabelecimentos de ensino, consideram que idosa é a que tem mais de 65 anos. É de realçar que os alunos não possuem grandes estereótipos/mitos acerca dos mais velhos, caracterizando-os de forma positiva. Apesar de compreenderem as perdas que a velhice traz, sabem valorizar as experiências e conhecimentos que com ela se ganham, afirmam ser pessoas de agradável convivência e muitos importantes. Existem algumas reticências no que toca ao uso das tecnologias, ao estudo e ao trabalho, nomeadamente nos alunos mais novos da amostra, no entanto, apontam que uma das atividades que gostariam de desenvolver seria ensinar aos idosos como utilizar as tecnologias.

No que respeita à relação de proximidade, não possui qualquer influência na maneira como os alunos caracterizaram os seus avós e os idosos em geral, visto que o fizeram de forma positiva, considerando-os como pessoas com sabedoria e devem ser respeitadas, de agradável convivência, muito importantes, alegres e ativas. É verdade que a doença e a fragilidade bem como o isolamento estão presentes, mas em pequenas percentagens. Já nas relações amorosas não existe grande preconceito, no geral aceitam o namoro ou o casamento entre os idosos, e não reagem de forma negativa quando presenciarem troca de carinhos ou beijinhos, embora também se verifique um misto de sentimentos mais e menos positivos em muitos alunos.

Nas questões relacionadas com as relações intergeracionais, constatou-se que os alunos defendem que os mais velhos devem conviver com crianças/jovens, que esta relação acarreta benefícios para ambas as partes e que pode contribuir para combater o isolamento dos idosos e admitiram que ocorre uma aprendizagem mútua nesta relação.

Nas atividades que gostariam de desenvolver é possível verificar que os alunos reconhecem os conhecimentos que os mais velhos possuem e valorizam as suas histórias de vida, pois as atividades escolhidas para desenvolverem com os idosos dizem respeito às visitas às localidades, onde os idosos explicariam os sítios mais importantes para eles e os locais históricos, a realização de trabalhos manuais e um conto de histórias de vida. Mas não só foram escolhidas as atividades em que as crianças/jovens aprendem com os idosos, mas também se salienta que os alunos querem transmitir os seus conhecimentos às pessoas idosas, através do ensino de como utilizar as tecnologias.

No que diz respeito à educação é de revelar que os alunos consideram ser importante ter conhecimentos acerca do processo de envelhecimento, todavia as escolas não incentivam nem promovem atividades em que os idosos estejam presentes ou visitas a lares ou centros de dia, facto mais visível em meio urbano. Já no que respeita ao imaginarem-se velhos a maioria pensa ter uma velhice positiva,

incluindo sempre a atividade física a de lazer, ou então não se conseguem ver como velhos.

Seria interessante, em estudos futuros, tentar perceber algumas respostas obtidas, nomeadamente, o porquê da discrepância encontrada na idade de entrada na velhice, em que a maioria dos alunos do 5º, das duas escolas, e o 7º ano do meio rural consideram a entrada na velhice a partir dos 75 anos, e os alunos de 7ºano, de meio urbano, e os do 9º ano, a consideram a partir dos 65 anos. Seria igualmente interessante entender porque razão os alunos mais novos consideram que os idosos não estão capacitados para mexerem em telemóveis/computadores e pensarem que não devem estudar, e entender porque motivo todos os alunos defendem que as pessoas idosas não devem trabalhar.

É ainda fundamental incutir nas escolas a importância da educação intergeracional, de forma mudar atitudes menos positivas, em relação aos idosos, desde pequenos, daí a importância da promoção de programas intergeracionais.

Em suma, numa sociedade em que a imagem da velhice possui duas formas opostas de ser encarada, uma positiva e outra negativa, em que os estereótipos acerca do envelhecimento são ainda uma realidade, sabendo os impactos negativos destes nos próprios idosos e nos que ainda não chegaram à velhice, tendo conhecimento que estas representações muitas vezes são fruto de um desconhecimento do processo de envelhecer e reconhecendo a importância do contacto entre diferentes gerações, é claramente necessário um esclarecimento acerca da importância que a educação poderá ter no que respeita aos mais velhos e potenciar uma intervenção mais ativa na promoção das relações intergeracionais, com benefícios para todos e para uma sociedade mais feliz e equilibrada.

Referências Bibliográficas

António, S. (2010) *Avós e Netos. Relações intergeracionais - A matrilinearidade dos afetos*. Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Azevedo, C. & Palmeirão, C. (2012) Intergenerational solidarity and older adults' education in community. In Krašovec, S. J. e Radovan, M. *Intergenerational solidarity and older adults' education in community. The Third Conference of the ESREA Network on Education and Learning of Older Adults*. Ljubljana, Facults of Arts, pp 254-265. Recuperado a 15 de Maio de 2014 através de http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13462/1/eloa12_e-publication.pdf

Brandão, L.; Sperb, T. & Parente, M. (2006) Narrativas intergeracionais. *Psicologia: Reflexão & Crítica, vol19, nº 1*, Porto Alegre, pp. 98-105. Recuperado a 23 de Outubro de 2013 através de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n1/31298.pdf>

Carvalho, M. (2007) *O diálogo intergeracional entre crianças e idosos: Projeto "Era uma vez... Atividades intergeracionais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Serviço Social da PUC-RIO. pp. 52 - 69. Recuperado a 22 de Outubro de 2013 através de http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410376_07_cap_04.pdf

Centro de Informação das Nações Unidas em Portugal (sd) *Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento conclui em Madrid; Aprova Plano de Ação e Declaração Política. Governos afirmam conceito de "Sociedade para todas as idades."* Recuperado a 20 de Maio de 2014 através de <https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/idosos-final.pdf>

Coelho, C. (sd) *Intergeracionalidade, Redes de apoio e prestação de cuidados ao idoso do século XXI. Animação intergeracional. Manual do formando*. Instituto de Formação para o Desenvolvimento. Recuperado a 21 de Outubro de 2013 através de http://elearning.iefp.pt/pluginfile.php/50063/mod_resource/content/0/formando_animacao2.pdf

De Sousa, C., Jesuino, C., Fonseca, F. Lima, A., Tapadas, A. (2010) *Como as crianças vêem os idosos: um estudo dos 6 aos 10 anos: Ata do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Universidade do Minho. Recuperado a 24 de Outubro de 2012 através de <http://associacaoamigosdagrandeidade.com/wp-content/uploads/filebase/estudos/COMO%20AS%20CRIAN%3%87AS%20VEEM%20OS%20IDOSO S.pdf>

Duarte, S. (2009) *Avós e netos – duas gerações unidas. Um projeto de atividades intergeracionais na Aldeia de São José de Alcalar*. Tese de Mestrado em Gerontologia Social. Universidade do Algarve. Recuperada a 3 de Outubro de 2013 através de <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/340/1/Avos%20e%20netos%20-%20duas%20gera%3%a7%3%b5es%20unidas.pdf>

Fundação Caulouste Gulbenkian (2014) *Envelhecimento e coesão social. Entre gerações/intergeracional All*. Recuperado a 5 de Maio de 2014 através de <http://www.gulbenkian.pt/Institucional/pt/Fundacao/ProgramasGulbenkian/DesenvolvimentoHumano/ProjetosAnteriores?a=2196>

Gilgioni, R. e Matalon, B. (1993). *O inquérito – teoria e prática*. Editora: Celta

Governo de Portugal (2012) *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. Programa de Ação, 2012/ Portugal*. Recuperado a 10 de Fevereiro de 2014, através de <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>

Grazina, M. (2012). *Intergeracionalidade. Que futuro? VII Congresso Português de Sociologia*. Recuperado a 21 de Outubro de 2013 através de http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0921_ed.pdf

Hill, M. e Hill, A. (2005) *Investigação por inquérito*. Edições Sílabo

Ivo, P. (2008) *O grande desafio – O envelhecimento ativo. Relatório de estágio na licenciatura de Política Social*. Universidade Técnica de Lisboa. Recuperado a 10 de Dezembro de 2012 através de <http://www.associacaoamigosdagrandeidade.com/wp-content/uploads/000000-O-GRANDE-DESAFIO-ENVELHECIMENTO-ACTIVO.pdf>

Júnior, J.; Martins, R. & Veloso, L. (s.d.) *Diferenciais de género na concepção de velhice entre crianças do peti da aldeia SOS no Município de João Pessoa/PB: a educação infantil no processo de (des)construção da velhice*. Universidade Federal da Paraíba. Recuperado a 10 de Fevereiro de 2014 através de <http://www.itaporanga.net/genero/1/GT13/07.pdf>.

Lima, C. (2007) *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Recuperado a 6 de Fevereiro de 2014 através de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000422546&opt=4>

Lopes, E. (2006) *Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto jarinu tem memória*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Recuperado a 6 de Fevereiro de 2014 através de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000396798&fd=y>

Lopes, E. e Park, M. (2007) Representação social de crianças acerca do velho e do Envelhecimento. *Estudos da Psicologia* 12(2), pp 141-148. Recuperado a 27 de dezembro 2012 através de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a06v12n2.pdf>

Luchesi, B. (2011) *Crianças que convivem com idosos: atitudes em relação à velhice e percepção sobre a demência*. Programas de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de São Carlos. Recuperado a 9 de Maio de 2013 através de http://www.bdtf.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3885

Martins, R. e Rodrigues, M. (s.d.) Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. *Educação, Ciência e Tecnologia*, pp249-254. Recuperado a 15 de Dezembro de 2013 através de www.ipv.pt/millennium/Millennium29/32.pdf

Marangoni, J. (2007) *Meu tempo, seu tempo. Refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção em contexto escolar*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Brasília, Instituto de Psicologia. Recuperado a 3 de Outubro de 2013 através de http://bdtf.bce.unb.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2362

Mauritti, R. (2004). Padrões de Vida na Velhice. *Análise social*, vol XXXIX, pp.339-363. Recuperado a 2 de Março de 2013 através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n171/n171a04.pdf>

Mazutti, C. e Scortegagna, H. (2006) Velhice e envelhecimento humano: concepções dos pré-escolares do Município de Tapejara – RS. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v.3, n.2. Recuperado a 10 de Fevereiro de 2014, através de <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/77>

Moliner, P.; Roteau, P. e Cohen-Scalt, V. (2002) *Les representations sociales – pratique des etudes de terrain*. Press Universitaire - PUR

Palmeirão, C. (2008) Aproximar Gerações. A caminho da educação. *EAPN – Rediteia* 41, pp 23-25 Recuperado a 16 de Maio de 2014 através de <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3948/3/Extract%20Pages%20From%20Rediteia%2041.pdf>

Palmeirão, C. & Menezes, I. (2009) *A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações*. *Intervenção – Associação*

para a *Promoção e Divulgação Cultural (edição)* pp.22-35. Recuperado a 21 de Outubro de 2013 através de http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP_Palmeir%C3%A3o_Cristina-dig3.pdf

Palmeirão, C. e Menezes, I. (2009) O poder dos mediadores curriculares. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*. Universidade Católica Portuguesa. Edição: Faculdade de Educação e Psicologia. Pp. 119-120. Recuperado a 11 de Junho de 2014 através de <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/3949>

Palmeirão, C. e Menezes, I. (2012) No mundo de hoje: atitudes perante as pessoas idosas. *Cadernos de Pedagogia Social*. Nº 4. Pp.119-152. Recuperado a 25 de Abril de 2014 através de <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/11553>

Pimentel, L. (2012) *Envelhecer ativamente num contexto intergeracional: o programa ipl60+ como uma aposta na formação e participação social dos séniores*. VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Recuperado a 25 de Janeiro de 2014 através de http://60mais.ipleiria.pt/files/2011/12/60_no_Congresso_Portugues_de_Sociologia.pdf

Pinto, T.; Yeo, A. e Marreel, I (s.d.) *Guia de Ideias para Planear e Implementar Projetos Intergeracionais*. Editora: Teresa Almeida Pinto - Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo, Portugal. Recuperado a 10 de Janeiro de 2014 através de http://www.matesproject.eu/GUIDE_21_versions/Portugese.pdf

Programa de Ação Portugal (2012) *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações*. Recuperado a 20 de Abril de 2014 através de <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>

Ramos, A. (2006) *Cultura infantil e envelhecimento: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice. Um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre*. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado a 22 de Outubro de 2013 através de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8929/000591048.pdf?...1>

Rosa, M. (2012) *O envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Santos, V. (2010) *Representações sociais do envelhecimento construídas por adolescentes e idosos*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Rio Grande – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva. Recuperado a 20 de Janeiro de 2014 através de <http://www.posgraduacao.iesc.ufrj.br/media/tese/1368815591.pdf>

Silva, A. (2011) *Representações Sociais da Velhice*. Tese de doutoramento em Psicologia. Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Recuperado a 6 de Março de 2013 através <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56661/2/74371.PDF>

Spink, M. (1993) *O conceito da Representação Social na Abordagem Psicossocial*. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado a 28 de Janeiro de 2014 através de <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>

Teiga, S. (2012) *As relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas – envelhecer numa sociedade não stop – o território multigeracional de Lisboa Oriental*. Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Instituto Politécnico de Lisboa – Escola Superior de Educação de Lisboa. Recuperada a 9 de Maio de 2013 através de <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2270/1/As%20rela%C3%A7%C3%B5es%20intergeracionais%20e%20as%20sociedades%20envelhecidas.pdf>

Vieira, S. (2010) *Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Aveiro. Recuperado 23 de Outubro de 2013 através de <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3703/1/240600.pdf>

Apêndice A

Questionário – “O espelho da velhice através da visão das crianças/jovens – meio urbano versus meio rural”



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

O presente instrumento insere-se no trabalho de projeto “O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens – meio rural versus meio urbano” no âmbito do mestrado de Gerontologia Social na Escola Superior de Educação de Castelo Branco sob a orientação da Professora Doutora Maria João Guardado Moreira e aplicado pela mestranda.

Trata-se de um estudo acerca da imagem/representação que as crianças/jovens do 5º, 7º e 9º anos possuem dos mais velhos, pretende-se assim conhecer quais são as conceções sobre a imagem/representação das pessoas mais velhas em diferentes contextos, meio urbano e rural, saber como se imaginam na velhice e promover as relações intergeracionais, contato entre grupos de pessoas com idades diferentes procurando a troca de conhecimentos, valores e experiências.

O inquérito é anónimo e as suas respostas são confidenciais e os dados utilizados apenas para fins estatísticos, pedimos que seja sincero, objetivo e claro nas suas respostas.

Obrigado!

Mês de aplicação: Fevereiro 2014

Sexo: F M

Idade: _____ Ano: _____ Turma: _____

Localidade: _____

Nome do estabelecimento de ensino: _____

1. A partir de que idade consideras uma pessoa idosa (Assinala 1 opção)?

- 55 e mais anos

- 65 e mais anos

- 75 e mais anos

2. Quais são os fatores que te levam a considerar uma pessoa idosa (Assinala 2 opções)?

- Só a idade

- Idade e aspeto físico

- Mobilidade

- Papel desempenhado na sociedade

- O facto de estar reformado

- Outra: _____

3. O que te leva a diferenciar as pessoas mais velhas de outras classes etárias (Assinala 1 opção)?

- O seu aspeto físico, como as rugas, cabelos brancos, entre outras
- O seu comportamento
- O uso de auxiliares como bengalas, óculos, entre outros
- Estar reformado
- Outra: _____

4. Quais são as principais perdas na velhice (Assinala 2 opções)?

- Perdas na saúde
- Perdas físicas – como a mobilidade
- Perda de visão, audição, memória
- Perda da autoestima, valorização pessoal e profissional
- Outra: _____

5. No teu ponto de vista, como são encarados os idosos na sociedade (Assinala 1 opção)?

- Um peso/fardo
- Úteis, porque têm muitos conhecimentos e experiência
- Dispensáveis porque estão ultrapassados
- Outra: _____

6. Consideras que os idosos desempenham a função social fundamental de transmissão de conhecimentos (Assinala 1 opção)?

- Sim
- Não

7. Para ti as pessoas mais velhas são (Assinala 3 opções)?

- Pessoas com sabedoria e devem ser respeitadas
- Resmungonas
- Pessoas de agradável convivência
- Isoladas
- Doentes/pessoas frágeis
- Alegres
- Ativas
- Inúteis
- Preocupam-se com a sua aparência
- São descuidadas na imagem pessoal
- São muito importantes
- Não são importantes
- Outra: _____

8. Quando vês uma pessoa idosa como te comportas (Assinala 2 opções)?
- Respeitas
 - Evitas aproximar-te delas
 - Ajudas
 - Cumprimentas
 - Dás atenção
 - Outra: _____
9. Pensas que os mais velhos estão capacitados para mexerem em telemóveis/computadores (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
10. Os mais velhos devem estudar (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
11. Achas que os mais velhos devem trabalhar (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
12. O que pensas que os idosos fazem no seu dia-a-dia (Assinala 3 opções)?
- Estão em casa
 - Passeiam
 - Estão em instituições
 - Trabalham
 - Vão ao médico
 - Divertem-se
 - Gostam de conversar e contar as suas experiências
 - Outra: _____
13. Gostas de estar com pessoas mais velhas (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
14. Costumas estar com idosos (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não

15. Pensas que os mais velhos devem conviver e desenvolver atividades com as crianças/jovens (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
16. Achas que as relações entre as crianças e idosos trazem benefícios para as duas gerações (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
17. Consideras que quando estás com pessoas mais velhas (Assinala 2 opções):
- Podes aprender com elas
 - Não aprendes nada e perdes tempo
 - Não gostas de estar com elas
 - Elas podem aprender contigo
 - Outra: _____
18. O contato dos idosos com as crianças/jovens pode contribuir para combater o seu isolamento (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
19. Pensas que os idosos ao transmitirem os seus conhecimentos podem contribuir para que repensem as suas experiências passadas (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
20. Que atividades gostarias de realizar com os idosos (Assinala 3 opções)?
- Teatro
 - Horta social
 - Uma visita às localidades dos idosos onde eles te explicam os sítios históricos e quais os locais mais importantes para eles
 - Trabalhos manuais
 - Conto de histórias de vida
 - Ensinares aos idosos como utilizar as novas tecnologias
 - Os mais velhos acompanharem o teu percurso escolar
 - Nenhuma
 - Outra: _____
21. As pessoas mais velhas apaixonam-se (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não

22. Concordas com o facto de os idosos viúvos ou divorciados voltarem a namorar ou casar (Assinala 1 opção)?

- Sim
- Não

23. Quando vês dois idosos aos beijinhos e carinhos o que sentes (Assinala 3 opções)?

- Alegria
- Nojo
- Arrepios
- Bonito
- Feio
- Amor
- Choro
- Desvias o olhar
- Não têm idade para isso
- Outra: _____

24. Vives com os teus avós (Assinala 1 opção)?

- Sim
- Não

25. Para ti os teus avós são (Assinala 3 opções)?

- Pessoas com sabedoria e devem ser respeitadas
- Resmungonas
- Pessoas de agradável convivência
- Isoladas
- Doentes/pessoas frágeis
- Alegres
- Ativas
- Inúteis
- Preocupam-se com a sua aparência
- São descuidadas na imagem pessoal
- São muito importantes
- Não são importantes
- Outra: _____

26. Que papel consideras que desempenham os teus avós (Assinala 1 opção)?

- Pessoas que ajudam os pais
- Pessoas que cuidam dos netos e ajudam na sua educação
- Pessoas que brincam com os netos e lhes transmitem valores (religiosos, políticos...)
- Outra: _____

5

27. Consideras importante que as crianças/jovens tenham educação sobre todos os aspetos do envelhecimento (por exemplo sobre como ter um envelhecimento mais ativo, as perdas, as atividades desenvolvidas...) (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
28. A tua escola costuma realizar atividades em que os idosos estão presentes (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
 - Às vezes
 - Nunca
29. A tua escola incentiva-te e promove visitas a lares ou centros de dia (Assinala 1 opção)?
- Sim
 - Não
 - Às vezes
 - Nunca
30. Como imaginas a tua velhice (Assinala 1 opção)?
- Positiva, porque vou ser ativo/a, praticar atividade física, estudar e vou continuar a trabalhar, uma vez que a velhice não significa estar parado.
 - Negativa, porque deixo de ter objetivos para alcançar, não vou fazer nada apenas descansar
 - Não me imagino velho/a
 - Outra: _____

Anexo A

Autorização da escola Externato Capitão Santiago de Carvalho

EXTERNATO
Capitão Santiago de Carvalho
Largo Pe. José Carvalho Santiago, 6
6230-068 A1. PEDRINHA

Telefone: 275 567 211
Fax: 275 561 306
Email: escaulpedrinha@iclp.org
Web: www.est.225.santiagoocarvalho.com



A Prof.ª H.ª João Vasconcelos
13/1/14

Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação
Rua Prof. Dr. Faria de Vasconcelos
6000-266 Castelo Branco

Data: 09-01-2014

Assunto: Mestrado da aluna Sónia Rodrigues

Em resposta ao Vosso ofício com a referência E. 12/14 de 03/01/2014, do qual junto enviamos fotocópia, vimos autorizar e disponibilizar o Externato Capitão Santiago de Carvalho para o solicitado.

Com os melhores cumprimentos,





(António Alberto Marques Carvalho Santiago)

Anexo B

Autorização do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

1

 GOVERNO DE PORTUGAL

 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
LUSITANIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AMATO LUSITANO - 161135
CASTELO BRANCO

*À Profª Mª João
Henara CAP 16/2/14*

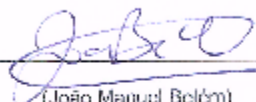
Exmª. Senhora Diretora:
Cristina Pereira
Escola Superior de Educação
Rua Prof. Dr. Faria Vasconcelos
6000 - 266 CASTELO BRANCO

V/Referência: V/Comunicação: ESCOL 1401-13 2851 s

Assunto: Trabalho de Projeto

No seguimento da V/ solicitação, venho confirmar toda a disponibilidade para a ação referida.

Com os melhores cumprimentos, pessoais

O PRESIDENTE DA CAP,

(João Manuel Bolóm)

EF70P16JAN24 112900412

U